

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

VINICIUS BARROSO HIROTA

**EVIDENCIAS DE VALIDADE DO INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO (TASK
AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE – TEOSQ) PARA
PARA-ATLETAS BRASILEIROS**

SÃO PAULO

2017

VINICIUS BARROSO HIROTA

**EVIDENCIAS DE VALIDADE DO INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO (TASK
AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE – TEOSQ) PARA
PARA-ATLETAS BRASILEIROS**

Tese apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito
parcial para obtenção do grau de Doutor
em Distúrbios do Desenvolvimento

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Silvestre de Paula

Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alessandra Gotuzo Seabra

SÃO PAULO

2017

H668e Hirota, Vinicius Barroso.

Evidencias de validade do instrumento de motivação (*task and ego orientation in sport questionnaire – teosq*) para para-
atletas brasileiros / Vinicius Barroso Hirota – São Paulo, 2017.
133 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Distúrbio do Desenvolvimento) -
Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.
Referência bibliográfica: p. 108-122.

1. Motivação. 2. Validação. 3. Avaliação. 4. Esporte. 5.
Para-atletas. Título.

CDD 658.422

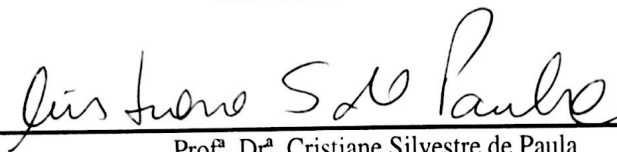
VINICIUS BARROSO HIROTA

Evidências de validade do instrumento de motivação (Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire – TEOSQ) para para-atletas Brasileiros

Tese apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Distúrbios do Desenvolvimento

Aprovado em 14 de Fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



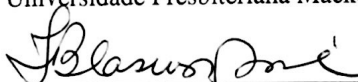
Profª. Drª. Cristiane Silvestre de Paula

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.



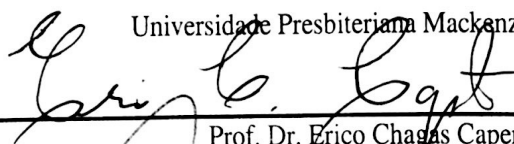
Profª. Drª. Alessandra Gotuzo Seabra

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.



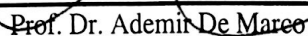
Profª. Drª. Silvana Maria Blascovi de Assis

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.



Prof. Dr. Erico Chagas Caperuto

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.



Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.



Prof. Dr. Nathalia Bernardes

Faculdade Nossa Cidade - Estácio

Dedico este trabalho a minha
amada esposa e meus filhos
pela paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela Luz da Vida!

Agradeço a minha mãe por ter me trazido ao mundo, e ao pai pela constante cobrança nos estudos, entretanto acima de tudo pelo amor e dedicação.

Agradeço a minha esposa Denize pelo amor, paciência e inestimável compreensão de ter um doutorando ao seu lado, sei da sua força e Amor em estar ao meu lado! Meus filhos, lindos, que trouxeram luz ao meu caminho e renovaram a esperança da vida e em minha vida.

Agradeço a Universidade Presbiteriana Mackenzie por ter me oferecido a oportunidade de trabalho e desfrutar, com bolsa de estudos, de um excelente curso de doutoramento, obrigado.

Agradeço aos meus alunos e ex-alunos, pessoas que não escolhemos e que não escolhem os professores, mas foram estes quem me permitiram desenvolver o exercício profissional com muito compromisso.

Agradeço a Professora e Sempre Diretora Beatriz Saeta, um inestimável muito obrigado pelas oportunidades e confiança, e a minha querida Amiga Rosangela Romano por ter me mostrado os caminhos das pedras.

Agradeço a minha Orientadora, Professora que tem minha admiração profissional, muito obrigado.

Agradeço a minha Co-orientadora, Professora que em minha primeira disciplina no curso de doutorado tive contato e fiquei encantado com a proximidade da linguagem que sempre estive procurando na pesquisa, muito obrigado.

Agradeço ao grande Corpo Docente da Pós graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, me espelho constantemente nestes, obrigado

Agradeço a meus "*Irmãos de Fé*", Ademir De Marco, Carlos Verardi, Erico Caperuto, Nilton Cesar Bispo, Alan Ciriaco, Chicão, Marcos Merida, Ronê Paiano, Janisio Xavier, Cossote, André, Antenor Magno, Rudney Uezo, Auricélio de Souza....

São muitos Amigos que acredito carregar por esta vida, por isso, não poderia citar nomes, mas somente agradecer pelas oportunidades que recebi e que sempre procurei retribuir.

Seria mais fácil fazer como todo mundo faz, o caminho mais curto, produto que rende mais. Seria mais fácil fazer como todo mundo faz, um tiro certo, modelo que vende mais...

Mas nós, vibramos em outra frequência, sabemos que não é bem assim, se fosse fácil achar o caminho das pedras, tantas pedras no caminho não seriam ruins...

(Humberto Gessinger)

RESUMO

Atualmente o universo do esporte adaptado tem despontado para-atletas buscando uma constante superação no contexto esportivo, mas os mesmos devem estar motivados para a prática esportiva, para as competições e sobretudo para a superação frente às derrotas ou na manutenção da vitória. Nesta perspectiva, o atual estudo teve como objetivo principal validar o instrumento de motivação *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) para a população brasileira de para-atletas, deficientes físicos, testando as propriedades psicométricas (validade, fidedignidade e reprodutibilidade), estabelecendo escore referente ao instrumento estudado, possibilitando assim descrever o nível de motivação (orientação para tarefa e para ego). Através de uma abordagem quantitativa descritiva avaliamos uma amostra de 771 para-atletas maiores de 18 anos de idade (média de 29,51±9,65 anos) de ambos os gêneros, escolhidos aleatoriamente. O projeto contou com três etapas: estudo piloto, estudo completo e teste-reteste, na qual foram coletados dados segundo três instrumentos estruturados e autoaplicáveis: (1) questionário de identificação, (2) TEOSQ, e (3) instrumento que avalia a auto percepção de sucesso, intitulado *Perception of Success Questionnaire* (POSQp). Após a aprovação Comitê de Ética em Pesquisa, iniciou-se o contato com os para-atletas via Comitê Paralímpico Brasileiro e pessoalmente em competições regionais, nacionais e internacionais. Posteriormente realizou-se o estudo piloto com 47 para-atletas de idade média de 29,42 (±9,00), onde foram identificados resultados positivos do TEOSQ em relação à consistência interna e correlação com o POSQp. A partir desses resultados, passamos ao estudo completo que contou com a participação de 771 para-atletas de diferentes Estados brasileiros, seguindo os mesmos passos do estudo piloto. Os resultados apontaram para alta consistência do TEOSQ em relação à orientação para tarefa e para ego (*Alfa* de tarefa de 0.82 e de ego de 0.77). A única exceção aconteceu em relação à questão 6 (Os outros bagunçam e eu não), especificamente na orientação para o ego, pois as modelagens estatísticas de consistência interna e análise fatorial exploratória (AFE) revelou que essa questão estava dissociada do fator ego, revelando um terceiro fator. Na testagem teste-reteste, os resultados comprovaram a estabilidade interna do instrumento, e os fatores explorados se associaram com valores latentes nas orientações, com exceção da questão 6, na qual o modelo de AFE sugeriu um 3º fator latente. Os resultados desta pesquisa permitem concluir que o TEOSQ possui adequadas propriedades psicométricas para avaliação de motivação entre para-atletas brasileiros, segundo diferentes estratégias de validação. Ao mesmo tempo, os modelos analíticos realizados na pesquisa indicam a retirada da questão de número 6, pois levaria ao aprimoramento do instrumento. Outra conclusão do estudo foi que os para-atletas têm tendências motivacionais do tipo orientação para tarefa, revelando sua preocupação em aprender, em se desenvolver e em cooperar com os parceiros de equipe, julgando que seus resultados de sucesso são decorrentes de seu esforço/treinamento e conquistas pessoais, e não ao acaso.

Palavras chave: Motivação; Validação; Avaliação; Esporte; Para-atletas.

ABSTRACT

Nowadays, the universe of adapted sport has emerged for athletes seeking a constant overcoming in the sporting context, but they must be motivated for sports practice, for competitions and above all for overcoming defeats or maintaining victory. In this perspective, the present study had as main objective validate the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ) for the Brazilian population of para-athletes, physically disabled, testing the psychometric properties (validity, reliability and reproducibility), Establishing a score related to the instrument studied, thus enabling a description of the level of motivation (task orientation and ego). Through a descriptive quantitative approach we evaluated a sample of 771 para-athletes over 18 years of age (mean of 29.51 years [\pm 9.65]) of both genders, randomly selected. After the approval of the Research Ethics Committee, the contact with para-athletes was initiated via the Brazilian Paralympic Committee and personally in regional, national and international competitions. Subsequently, the pilot study was carried out with 47 para-athletes with a mean age of 29.42 (\pm 9.00), which positive results of TEOSQ were identified in relation to internal consistency and correlation with POSQp. From these results, we proceeded to the complete study that counted on the participation of 771 para-athletes from different Brazilian States, following the same steps of the pilot study. The results pointed to the high consistency of TEOSQ in relation to task orientation and to ego (task alpha of 0.82 and ego of 0.77). The only exception was in relation to question 6 (The others mess up and I do not), specifically in ego orientation, since the statistical modeling of internal consistency and exploratory factorial analysis (AFE) revealed that this question was dissociated from the ego factor, revealing A third factor. In the test-retest test, the results confirmed the internal stability of the instrument, and the explored factors were associated with latent values in the guidelines, except for question 6, where the AFE model suggested a latent third factor. The results pointed to the high consistency of TEOSQ in relation to task orientation and to ego (task alpha of 0.82 and ego of 0.77). The only exception was in relation to question 6 (The others mess up and I do not), specifically in ego orientation, since the statistical modeling of internal consistency and exploratory factorial analysis (AFE) revealed that this question was dissociated from the ego factor, revealing A third factor. In the test-retest test, the results confirmed the internal stability of the instrument, and the explored factors were associated with latent values in the guidelines, except for question 6, where the AFE model suggested a latent third factor. The results of this research allow us to conclude that TEOSQ has adequate psychometric properties to evaluate motivation among Brazilian para-athletes, according to different validation strategies. At the same time, the analytical models performed in the research indicate the withdrawal of the issue of number 6, since it would lead to the improvement of the instrument. Another finding of the study was that para-athletes have motivational tendencies of the task-oriented type, revealing their concern to learn, develop, and cooperate with team partners, believing that their success results from their effort/ training and personal achievement, not randomness.

Keywords: Motivation; Validation; Evaluation; Sports; Para-athletes’.

LISTA DE TABELAS

Tabelas referente aos resultados do Estudo Piloto

TABELA 01: Resultados de Coeficiente *Alfa* de *Cronbach* de Orientação para Tarefa e Orientação para Ego

TABELA 02: Resultados do Cálculo do *Coeficiente Alfa* de Orientação Para Tarefa se Algum Item da Escala Fosse Deletado em Esportes Individuais e Coletivos

TABELA 03: Resultados do Cálculo do *Coeficiente Alfa* de Orientação para Ego se Algum Item da Escala Fosse Deletado em Esportes Individuais e Coletivos

TABELA 04: Resultado de Mediana de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala TEOSQ

TABELA 05: Resultado de Média, Desvio Padrão e Comparação Entre Médias de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala TEOSQ

TABELA 06: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Esportes Coletivos e Individuais da Escala TEOSQ.

TABELA 07: Resultado de Mediana de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala POSQp

TABELA 08: Resultado de Média, Desvio Padrão e Comparação entre Médias de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala POSQp

TABELA 09: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Esportes Coletivos e Individuais da Escala POSQp

TABELA 10: Resultados de Correlação Entre as Escalas TEOSQ e POSQp, separados por Esporte Coletivos e Individuais

TABELA 11: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Para-atletas Separados por Gênero da Escala TEOSQ

TABELA 12: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Para-atletas Separados por Gênero da Escala POSQp

TABELA 13: Resultados de correlação entre as Escalas TEOSQ e POSQp, separados por Gêneros

Tabelas referente aos resultados do Estudo Completo

TABELA 14: Resultados de Consistência Interna (*Alfa de Cronbach*) da Escala TEOSQ Caso Cada Item Seja Deletado, separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

TABELA 15: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana e escore), referente a Cada Orientação Motivacional Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

TABELA 16: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana), referente a Cada Questão da Escala TEOSQ

TABELA 17: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana e escore), referente a Escala POSQp Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

TABELA 18: Correlação Entre as Escalas TEOSQ/ POSQp, Referente a Cada Orientação Motivacional Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

TABELA 19: Estratificação Fatorial em Relação a Escala TEOSQ

TABELA 20: Estratificação Fatorial em relação a Escala TEOSQ

TABELA 21: Estratificação dos Valores de Regressão Escala da Escala TEOSQ

Tabelas referente aos resultados do Estudo Teste-Reteste

TABELA 22: Resultados de Consistência Interna (*Alfa de Cronbach*) da Escala TEOSQ Caso Cada item Seja Deletado, no Teste-Reteste

TABELA 23: Estratificação Fatorial, Método Varimax, em Relação a Escala TEOSQ no Teste-Reteste

TABELA 24: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana e escore), referente a Escala TEOSQ Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 01: Resultados das Regiões Participantes no Estudo

GRAFICO 02: Resultados do Nível de Escolarização dos Para-atletas, Participantes da Pesquisa

GRAFICO 03: Resultados do Nível de Dificuldade de Sua Meta Principal.

GRAFICO 04: Resultados do Nível de Preocupação dos Para-atletas Com Seus Adversários.

GRAFICO 05: Resultados de Médias de Orientação para Tarefa e Orientação para Ego de Esportes Coletivos e Individuais, Gênero Masculino e Feminino e Diferença Entre Médias

LISTA DE INFOGRÁFICOS

INFOGRAFICO 01: Palavras Mais Citadas Pelos Para-atletas Enquanto Meta Pessoal.

INFOGRAFICO 02: Escolha de Segunda Opção de Profissão dos Para-atletas.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Pirâmide de Maslow

FIGURA 02: Mapa do Brasil Distribuído por Regiões

FIGURA 03: Resultados das Cargas Fatoriais de Estimativas dos Valores Padronizado

FIGURA 04: Resultados das Cargas fatoriais Residuais da Análise Fatorial Confirmatória.

FIGURA 05: Redistribuição das Questões do Instrumento TEOSQ

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO	25
2. JUSTIFICATIVA.....	28
3. HIPÓTESES.....	29
4. OBJETIVOS.....	29
4.1 Geral.....	29
4.2 Objetivos específicos	29
5. MÉTODO.....	30
5.1. MODALIDADE DA PESQUISA	30
5.2. INSTRUMENTOS.....	30
5.2.1. Questionário de identificação (Instrumento 01)	30
5.2.2. Instrumento a ser validado (TEOSQ).....	31
5.2.3. Escala de Auto Percepção de Sucesso (POSQp) para Realização da Validação Concorrente.....	33
5.3. AMOSTRA	34
5.4. PROCEDIMENTOS	36
5.4.1. Passo 01: Submissão ao Comitê de Ética	36
5.4.2. Passo 02: Avaliação por Juízes.....	37
5.4.3. Passo 03: Estabelecimento do Contato e Questões de Ética em Pesquisa	37
5.4.4. Passo 04: Coleta de Dados do Estudo Piloto.....	38
5.4.5. Passo 05: Tabulação dos dados do Estudo piloto	39
5.4.6. Passo 06: Tratamento estatístico do estudo Piloto	39
5.4.7. Passo 07: Coleta dos Dados do Estudo Completo.....	40
5.4.8. Passo 08: Tabulação dos Dados do estudo Completo	40
5.4.9. Passo 09: Teste-Reteste	41
5.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO.....	41
6. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	44
6.1. Resultados do Julgamento dos Juízes	44
6.2. Resultados do Estudo Piloto	46
6.2.1. Resultados do Questionário de Identificação do Estudo Piloto (QI).....	46
6.2.2. Resultados do Cálculo de Validade Interna do Instrumento TEOSQ em Para-atletas do Estudo Piloto	49
6.2.3. Resultados do Cálculo do Instrumento Concorrente do Estudo Piloto	55

6.2.4.	Resultados das Escalas em relação ao Gênero do Estudo Piloto.....	57
6.3.	RESULTADOS DO ESTUDO COMPLETO	60
6.3.1.	Resultados do Instrumento de Identificação para Para-atletas do Estudo Completo	60
6.3.2.	Resultados de Consistência Interna do Instrumento TEOSQ do Estudo Completo	69
6.3.3.	Análise Descritiva dos Instrumentos TEOSQ do Estudo Completo.....	72
6.3.4.	Resultados da Validação Concorrente do Estudo.....	81
6.3.5.	Resultados da Análise Fatorial Exploratória do Estudo	85
6.3.6.	Resultados da Análise Fatorial Confirmatória do Estudo Completo.....	88
6.4.	RESULTADOS DO TESTE – RETESTE	92
7.	SÍNTESE DAS ANÁLISES	97
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
9.	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICES	123
	ANEXOS	129

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o esporte adaptado tem se demonstrado uma crescente no universo da superação dos limites e oportunidades para os “novos atletas”. O Brasil tem comprovado uma constante evolução no universo do desporto adaptado, constatando este desempenho pela ascensão no crescente volume de medalhas nos últimos jogos Paralímpicos de Londres, ficando no resultado geral em sétimo colocado (BRASIL, 2012a).

Em Londres, no quadro geral de medalhas o Brasil obteve 21 medalhas de ouro, 14 medalhas de prata e 8 medalhas de bronze, totalizando 43, demonstrando uma significativa evolução desde 1972, ano em que o Brasil participou pela primeira vez na até então denominada Paralimpíada, e não trazendo para casa nenhuma medalha.

Tendo em vista a perspectiva dos jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, na qual foram comemorados cem anos dos mesmos, o Brasil contou com sua décima quarta participação nos jogos Paralímpicos, e o desempenho no quadro geral de medalhas foi superior no total, mas na classificação geral ficou aquém da expectativa, estabelecendo a oitava colocação; foram 72 medalhas no total, ficando com 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze, indicando que os resultados estão caminhando para melhor, pois com mais medalhas e mais esportes ganhando medalhas, outras oportunidades estão surgindo para os atletas novatos.

Sendo assim um importante motivo, e declarado, de poder competir nos Países sede, contando com a torcida, com o clima e com a efetiva capacidade de demonstrar a superação faz deste conjunto de fatores o mais propício possível, para a realização, e por que não para a auto realização dos para-atletas.

Portanto estabelecendo esta problemática de envolvimento dos para-atletas brasileiros, pretendemos discutir neste trabalho as questões de motivação dos para-atletas levando em conta a preparação psicológica que antecedeu este grande evento, mais especificamente o motivo de realização, aproveitando para validar um instrumento de motivação.

Dentro das teorias da motivação buscando respostas referente à direção e ao comportamento de um indivíduo Magill (1984) diz que a motivação é importante para a compreensão da aprendizagem e do aprendizado de habilidades motoras devido a seu papel na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento, logo, dentro do

contexto esportivo identificar os fatores relacionados a motivação pode ser a chave para o sucesso, portanto a motivação é importante para a compreensão da aprendizagem e do aprendizado de habilidades motoras devido a seu papel na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento, dentro de uma tarefa.

Conclui, então Murray (1983), que um motivo é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa.

Os estudos sobre motivação, de antemão, pautavam-se nas condições biológicas, fatores estes que levava os seres humanos a satisfazerem primeiramente suas necessidades, resultantes de comportamentos que não são aprendidos como as necessidades fisiológicas (exemplo de fome, sede, frio), que pode desencadear um impulso e direcionar o comportamento (HUFFMAN et al., 2003).

Sendo assim, de acordo com Weiten (2006) as teorias da motivação estabelecem uma diferenciação entre motivos biológicos, que se organizam e pautam se nas necessidades corporais e as necessidades de motivos sociais, que se organizam em experiências e trocas sociais, como a necessidade de realização.

Samulski (2002) apontou que a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, a qual depende de fatores internos (pessoais) e externos (ambientais), corroborando com a ideia de trocas sociais.

Portanto, o processo motivacional pode ser desencadeado de diferentes formas e é sabido que fatores extrínsecos e intrínsecos podem variar de acordo com a possibilidade de sucesso que um indivíduo pode ou tem condições de atingir, neste sentido a torcida, os adversários, ou elementos que possam desviar a atenção podem contribuir para o extrínseco, a necessidade interna que um indivíduo pode ter também pode variar em diferentes momentos ou fases competitivas, uma vez que a auto avaliação do desempenho nos coloca em determinado patamar.

Logo pensar a motivação no contexto esportivo atual se faz necessário na condição de perceber o sentido da prática esportiva, não somente do ponto de vista do querer participar, mas poder vislumbrar os diferentes motivos de realização individual que os vários atletas possuem dentro de suas modalidades, como suas principais metas.

O motivo de realização é definido por Weiten (2008, p. 291) como “*a necessidade de vencer grandes desafios, de sobrepujar outros e de alcançar padrões superiores de excelência*”.

Por conseguinte, Huffman et al. (2003) define motivação para realização como necessidade de sucesso, de se sair melhor que os outros nas atividades e de concluir

tarefas desafiadoras; o desejo de se superar, especialmente quando competindo com outros.

De acordo com Weiten (2008), Maslow desenvolveu a teoria da auto realização, indicando que as pessoas possuem várias necessidades que competem entre si para expressar-se, portanto determina que a necessidade de auto realização refere-se a encontrar a auto satisfação e perceber o próprio potencial; relata ainda que a hierarquia das necessidades é uma organização sistemática, considerando que primeiramente satisfazemos as necessidades básicas para que outras sejam satisfeitas posteriormente, ou seja, devemos estar atentos a satisfazer as necessidades fisiológicas, seguida das necessidades de segurança e proteção, necessidades de amor e aceitação, necessidades de estima, necessidades cognitivas, necessidades de estética e no topo de sua pirâmide a necessidade de auto realização, ou seja, a realização do potencial, e atingindo níveis de excelência, dentro de uma atividade desejada, veja a Figura 01:



Figura 01: Pirâmide de Maslow (WEITEN, 2008, p. 284)

Neste sentido atletas desenvolvem seu potencial e procuram trabalhar no sentido de se auto realizar, buscando melhores classificações nos resultados e galgando

melhores competições e desafios condizentes com o nível de competência que com o treinamento desportivo deve se elevar.

A Teoria da autodeterminação tem sido o paradigma teórico primordialmente utilizado no contexto desportivo, no que se refere à investigação acerca da motivação intrínseca (DUDA et al., 1995).

De acordo com Vallerand et al. (1987), a motivação intrínseca define-se de duas formas:

1. Como uma participação voluntária na atividade, sem o recebimento de recompensas e sem pressões externas;
2. Participação em uma atividade pelo interesse, satisfação e o prazer que obtêm deste envolvimento.

Sendo assim, a participação voluntária apresenta a etapa inicial do treinamento desportivo, pela qual jovem atleta constrói seu repertório motor e busca instrumentalizar seu potencial com as ferramentas técnicas e táticas, recebendo reforço emocional de seu técnico e família. Na segunda forma de participação, caso o atleta obtenha bons desempenhos, demonstrado por resultados em competições, o interesse tende a aumentar.

Pelletier et al. (1995), reforça esta ideia quando diz que os indivíduos motivados intrinsecamente participam de uma modalidade desportiva porque a consideram interessante, ou querem aprender mais sobre ela, ou pelo prazer de tentarem superar-se a eles próprios.

Portanto, a importância da motivação intrínseca e extrínseca, pelas suas diferenças, vem sendo relacionada com diferentes resultados, como por exemplo, alta motivação intrínseca tem sido associada com o aumento na diversão nas atividades físicas, além do desejo e o prazer que o desafio proporciona, sendo assim os organismos têm uma necessidade intrínseca para adquirir competência sobre seus meios ambiente (MARTENS e WEBBER, 2002).

Paralelamente esta teoria ao esporte, os atletas tendem a elevar seu nível de excelência, uma vez que o ambiente competitivo vai despertar a disputa de potencial, e Hirota et al. (2012) enfatizam que os elementos do meio ambiente, juntamente com as situações momentâneas (acíclicas) conduzem um indivíduo a realizar ou não uma determinada ação (ação motora). Tendo como ponto de partida o esporte, muitas vezes

acíclico por natureza, o comportamento de um indivíduo pode ser uma (con)sequência da atividade.

Assim, Chave (2002) diz que na teoria cognitiva da motivação, o comportamento é dirigido pela possibilidade de antecipar os fins a serem atingidos e os aspectos internos são valorizados, como por exemplo, objetivos, intenções, expectativas e planos individuais; o ser humano pode decidir conscientemente o que quer ou não fazer, de acordo com sua satisfação e necessidade, ou ainda, de acordo com as oportunidades durante o jogo ou uma prática esportiva.

Conforme Huffman et al. (2003) na perspectiva social cognitiva os indivíduos formam sua personalidade em função de sua história individual e da interação do meio ambiente; a motivação reflete-se por meio de processos (atribuições e expectativas), expressos em comportamento direcionados a um objetivo. Portanto atividades direcionadas a uma formação equilibrada tendem a aumentar a motivação intrínseca.

De acordo com Nicholls (1984, 1989) a variação nos objetivos de realização dos indivíduos corresponderão nas variações do seu modo de entendimento dos contextos que os rodeiam nomeadamente no que concerne ao sentido e a função de suas atividades de realização, sendo assim, os pensamentos e as ações das pessoas em determinadas atividades são expressões racionais dos seus objetivos de realização individual; portanto as orientações cognitivas dos indivíduos em relação a uma determinada atividade influenciarão a sua motivação para essa mesma atividade.

Papaioannou et al. (2012) revelou que as metas de abordagem para maestria (orientação para tarefa e motivação intrínseca) estavam ligadas aos resultados motivacionais mais desejáveis do desporto, ou seja, vencer, ter bons resultados e desempenhos favoráveis. Enquanto as metas que abordam só o desempenho por si só, foram associadas com menos motivação, mas ainda positivos resultados motivacionais.

A teoria realização de metas (NICHOLLS, 1984, 1989) pressupõe que os indivíduos são orientados por objetivos e operam de forma racional, o que sugere que os indivíduos podem orientar a sua motivação de duas maneiras (orientação para ego e orientação para tarefas) dependendo dos critérios pelos quais eles avaliam sua competência e definem o sucesso de sua participação em uma determinada atividade, em um contexto de realização, portanto frente a uma atividade que requer tomada de decisões.

Cárdenas (2006), apresenta as características desses dois tipos de atletas, designando um grupo de atletas motivados pelo êxito (também chamados de orientados

para tarefa) e o outro de atletas motivados a evitar o fracasso (também chamados de orientados para ego), a seguir lista o perfil de cada um desses grupos, primeiro o grupo motivado pelo êxito:

- Trabalham durante um longo tempo;
- Não têm necessidades de reforços positivos permanentes;
- São mais arraigados em suas ações;
- Escolhem tarefas de grau médio de dificuldade inicialmente;
- Tem um nível de aspirações realista e otimista;
- Responsabilizam-se pelos seus êxitos e atribuem o fracasso á casualidade.

As características dos atletas motivados a evitar o fracasso são:

- Têm medo e são pessimistas na obtenção de seus objetivos;
- Preferem tarefas em curto prazo e dependem de reforços positivos permanentes;
- São menos arraigados em suas ações;
- Escolhem tarefas com baixas dificuldades;
- Possuem um nível de aspiração pouco realista;
- Atribuem o fracasso a sua falta de capacidade, e o êxito explica através da sorte.

Fonseca e Balagué (2001) relatam que a abordagem sócio cognitiva, por sua vez, para avaliar os objetivos de realização, assume a existência de duas metas de orientação motivacional, ou objetivos de realização: meta de ego (quando uma pessoa se orienta fundamentalmente para demonstrar mais rendimento que os outros) e a meta de tarefa (quando a orientação está ligada a aprender ou para executar uma tarefa com maestria, DUDA, 1993).

Winterstein (2002) em seus estudos sobre motivação relacionou o contexto de orientação motivacional para tarefa oferecendo a denominação de expectativa de êxito, e orientação para ego relacionando a aspectos relacionados ao medo de fracassar, e relata que a expectativa ou a probabilidade (de êxito ou de fracasso) diz respeito à probabilidade de êxito que o indivíduo estabelece com a atividade que pratica. Esta

probabilidade desenvolve – se a partir de experiências passadas em situações semelhantes que o sujeito enfrentou.

Portanto, corrobora Cruz (1996) que atletas de elite apresentam melhores domínios da ansiedade, tem melhor preparação mental, estão focalizados na equipe, são mais concentrados em suas ações, e possuem mais confiança e motivação.

Relacionando com a prática esportiva podemos elucidar que desempenhos prévios bem-sucedidos tendem a aumentar a expectativa de êxito e diminuir o medo de fracassar na mesma tarefa. É a partir desse desempenho que o indivíduo desenvolve uma ideia da dificuldade da tarefa, isso porque indivíduos orientados para tarefa ou com motivação para expectativa de êxito possuem referências de suas habilidades, trabalham e treinam mais e procuram se superar constantemente, buscando novos desafios.

Os indivíduos que são orientados para o ego estão focados no resultado que vem a partir do seu envolvimento na tarefa, e percebem que a competência resulta da comparação com outros, e não de suas próprias referências. Aqueles que são orientados para tarefa estão focados em melhorar as suas competências pessoais, e perceber que a competência é regida por critérios auto referidos, pelas então citadas experiências já vividas e treinadas (NICHOLLS, 1984, 1989).

Sujeitos com características de orientação para tarefa têm sentimento de sucesso na realização de uma atividade somente quando depende do próprio eu (dependem de si mesmo), estes sujeitos possuem auto referência em relação às suas habilidades; atribuir sucesso à equipe faz parte do jogo; o sucesso se alia ao esforço e determinação; o esporte não é uma via de status social, o status social é um resultado do resultado, sendo assim, está em segundo plano. Estes atletas possuem boa concentração e atenção, são mais esforçados, independentes, criativos, inovadores e persistentes e o fracasso é considerado falta de determinação e um fator de análise e correção de erros; o erro faz parte do aprendizado, por isso optam por metas compatíveis com suas capacidades, e apresentam muita disposição para cooperar, demonstrando confiança em seu comportamento (NICHOLLS, 1984; WINTERSTEIN, 2002).

Já os indivíduos com características de orientação para o ego apresentam individualismo e competitividade comprovando preocupação com a derrota para com os adversários; buscam status social por meio do esporte; podem fazer uso de meios ilícitos para vencer, podendo resultar em agressividade. São menos persistentes e mais desinteressados em aprender, geralmente ultrapassando etapas do aprendizado ou do treinamento desportivo, pois assumem que já dominam as atividades, e estão sempre

preocupados com a opinião alheia. Frente ao fracasso justificam seus erros atribuindo seus resultados às dificuldades da tarefa ou ao acaso; demonstram capacidade superior, mas nem sempre tem melhor performance; são inseguros no comportamento; possuem baixa percepção da competência, pois treinam menos; são orientados a normas sociais; apresentam falta de autodeterminação; e abandonam a atividade em caso de derrota ou fracasso (NICHOLLS, 1984; WINTERSTEIN, 2002).

Desta maneira, Biddle et al. (2003) completa que a orientação tarefa é um preditor significativo de prazer, satisfação, motivação intrínseca, afeto positivo e competência percebida e que a orientação ego significativamente prevê a ansiedade, estresse e interferência cognitiva.

Essas diferenças de concepção e construção parte do ponto que os resultados motivacionais são adaptativos, pode ter uma associação mais forte com as metas de tarefas as pessoas que treinam para maestria (ZOURBANOS et al., 2014).

Descritas as características contidas a orientação motivacional de tarefa e de ego Duda (1992), elaborou uma escala de medida para os tipos de orientação motivacional (tarefa e ego) denominada *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) que podemos traduzir como Questionário de Orientação para Tarefa ou Ego, na qual o indivíduo julga seu nível de competência frente a uma tarefa ou atividade esportiva que pratica.

De acordo com Duda (1992) a finalidade do TEOSQ é a de avaliar as diferenças individuais em perspectiva do objetivo ajustado ao esporte, detectando se o indivíduo é orientado para tarefa ou orientado para ego. Com a finalidade de identificar características relacionadas com os motivos de realização dos atletas ajustado ao esporte; outros autores têm demonstrado interesse nesta linha de trabalho, utilizando, testando e adaptando este instrumento em diferentes países, para diferentes culturas e idiomas (BEBETSOS et al., 2014; KLAIN, et al. 2014, LOPEZ-WALLE et al., 2011).

A busca de instrumentos fidedignos na área do esporte parece ser um crescente, uma vez que resultados condizentes com a realidade, e que possam refletir as reais características e condições de praticantes de esportes em diferentes níveis, desde a aprendizagem, a revelação do talento ou ao desenvolvimento de treinamentos a longo prazo, tanto de atletas amadores como de alto rendimento, vislumbra uma maior possibilidade de acertos nos resultados esportivos, conseqüentemente de sucesso.

Perante este cenário, e com o elevado número de para-atletas surgindo em nosso país, percebemos a necessidade de um instrumento validado que possa avaliar as

questões de motivação, dentro do contexto do motivo individual de realização, observando os para-atletas frente a desafios individuais, ou seja, frente aos esportes que treinam, jogam ou praticam, no cenário desportivo brasileiro.

1.1 VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO

O processo de validação de instrumento consiste na possibilidade de oferecer ferramentas e escalas fidedignas contando com adaptações culturais para a realidade brasileira. A validação consiste em avaliar se o instrumento mede aquilo que se propõe a realmente medir, com confiança (CRUZ, 1992).

A adaptação de instrumentos psicológicos é uma tarefa complexa, que exige planejamento e rigor quanto à manutenção do seu conteúdo, das suas características psicométricas e da sua validade para a população a quem se destina (CASSEPP-BORGES et al., 2010). Portanto as etapas do método e o volume de avaliados requerem muita atenção e rigor para findar em resultados confiáveis.

O processo de adaptação de um instrumento já existente, fidedigno e validado, em detrimento da elaboração de um novo instrumento, específico para a uma população-alvo, possui vantagens consideráveis (BORSA et al., 2012), vantagens estas de custo e comparação de resultados, demonstrando confiabilidade ao instrumento proposto. Além disso, permite uma maior equidade na avaliação, uma vez que se trata de uma mesma medida, que avalia o construto a partir de uma mesma perspectiva teórica e metodológica (BORSA et al., 2012).

De acordo com Borsa et al. (2012), a validação de um instrumento, a partir do instrumento original deve ser traduzido, e retraduzido (segunda tradução), e a segunda tradução deve gerar uma síntese das traduções, seguindo posteriormente para a análise de um comitê de experts, posteriormente realizar a adequação do instrumento, tradução reversa, adequação novamente se necessário e um estudo piloto, ou pré-teste.

Portanto, no processo de validação é necessário comprovar tanto as evidências psicométricas como a da equivalência semântica dos itens da nova versão do instrumento. A tradução é apenas o primeiro passo do processo de adaptação. Ao se adaptar um instrumento, deverão ser considerados os aspectos culturais, idiomáticos (expressões idiomáticas), aspectos linguísticos e aspectos contextuais concernentes à sua tradução (HAMBLETON, 2005).

Existem vários e diferentes passos divergentes para a validação de um instrumento (URBINA, 2007), não existindo na literatura, um consenso sobre os procedimentos e processos a serem adotados, desta maneira Borsa et al. (2012) enfatiza que quanto mais evidências o instrumento fornecer, melhor, visto que isso tende a aumentar a confiabilidade da medida, desta maneira confirmando os resultados aproximados com da literatura referente ao instrumento estudado.

Dentre os passos de validação, avaliar a estrutura fatorial do instrumento refere-se a um aspecto de um estudo de validação. Diversas outras evidências de validade devem ser realizadas, tais como a avaliação da validade de conteúdo e de critério do instrumento, realizadas a partir da comparação dos seus resultados com aqueles obtidos em outras medidas equivalentes. Análises de consistência interna, entre itens, avaliação da precisão (confiabilidade e fidedignidade), bem como avaliação da consistência da medida em tempos distintos (estabilidade temporal, teste-reteste), são formas de buscar evidências de validade para o instrumento adaptado. Esses procedimentos são realizados após a avaliação da estrutura fatorial do instrumento (BORSA et al., 2012).

Podemos acrescentar a possibilidade da validação concorrente, que ocorre com a semelhança dos escores obtidos em uma avaliação simultânea, com a utilização de um segundo instrumento de antemão validado (CRONBACH et al., 1996), permitindo assim a descrição detalhada dos itens do instrumento (PASQUALI, 2001), desta maneira possibilitando estabelecer correlações entre instrumentos.

De acordo com a *International Test Commission* (ITC, 2011) é importante levar em conta o processo de elaboração da metodologia e o controle (coleta de dados, instrumentos concorrentes e tratamentos estatísticos) para obter maior qualidade na validade. Assim, no processo de validação deve-se considerar a equivalência semântica, linguística e contextual entre os itens originais e traduzidos, bem como a análise das propriedades psicométricas do instrumento original e de sua nova versão.

Por fim, na busca de apresentar validade para um instrumento, destacam se dois tipos de áreas para este tipo de estudo: primeiro, validação do instrumento para um novo contexto, e a segunda referindo-se à validação do instrumento para estudos transculturais (envolvendo diferentes versões do mesmo instrumento). Neste estudo pretendemos dar conta da primeira etapa, uma vez que a testagem do instrumento proposto nesta pesquisa com deficientes físicos ainda não apresentou resultados na literatura, e para cumprir a validação seria necessário aplicar o instrumento em populações derivadas de diferentes países.

2. JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa é particularmente relevante considerando o momento histórico que se apresenta, ou seja, a realização, no Brasil, da 15ª edição do Jogos Paralímpicos - Rio 2016. A condução de estudos sobre a motivação entre para-atletas nos momentos que antecederam o maior evento do esporte mundial pode contribuir para o aprimoramento do planejamento de treinamentos estratégicos que promovam o melhor desempenho desses para-atletas, oferecendo suporte para psicólogos do esporte, treinadores, professores de educação física e preparadores físicos.

Neste sentido, este estudo de validação pretende dar suporte aos treinamentos e professores de educação física que levem em consideração o perfil motivacional de seus para-atletas, em relação a tarefa e ego, e se possível associar valores (do instrumento), condições e manobras para que melhoras no desempenho esportivo dos para-atletas de elite ou os que ainda estão em formação esportiva possam ir em busca de desempenhos esportivos superiores.

Ao mesmo tempo, sabendo-se da escassez de instrumentos validados e fidedignos de avaliação de motivação para para-atletas, pesquisas neste campo devem incluir componentes de validação para a realidade brasileira, buscando produzir resultados que garantam o uso de técnicas fidedignas. Neste cenário, preferencialmente deve-se optar por instrumentos de fácil manuseio e aplicação e que possa ser utilizado de forma abrangente na comunidade do esporte, incluindo psicólogos do esporte, técnicos e professores.

Destacamos ainda a importância deste estudo para a área da educação física e Motricidade Humana, uma vez que trabalhar, desenvolver e possibilitar a aprendizagem, o aperfeiçoamento e a performance de para-atletas, seja em qual nível de desenvolvimento estejamos, perpassa pelo movimento humano.

3. HIPÓTESES

A versão brasileira do instrumento TEOSQ, já traduzido e adaptado para língua portuguesa, que já se mostrou aplicável e validado em diferentes modalidades esportivas e motoras, também apresentará boas propriedades psicométricas (validade, fidedignidade e reprodutibilidade) em para-atletas.

4. OBJETIVOS

4.1 Geral

O atual estudo teve como objetivo geral validar do instrumento de motivação TEOSQ para a população brasileira de para-atletas, deficientes físicos.

4.2 Objetivos específicos

- Delinear o perfil sócio demográfico de para-atletas brasileiros;
- Verificar se a escala TEOSQ é aplicável à para-atletas Brasileiros – deficientes físicos;
- Testar as propriedades psicométricas (validade, fidedignidade e reprodutibilidade) em para-atletas Brasileiros de diferentes modalidades esportivas (coletivas e individuais);
- Realizar a validação concorrente com um instrumento já validado;
- Estabelecer escores (orientação para tarefa e orientação para o ego) referente ao instrumento estudado;
- Descrever o nível de motivação (orientação para tarefa e orientação para o ego) de para-atletas brasileiros.
- Comparar o tipo e nível de motivação de para-atletas Brasileiros separadamente entre gêneros e entre modalidades coletivas e individuais.

5. MÉTODO

5.1. MODALIDADE DA PESQUISA

Esta pesquisa está baseada em uma abordagem quantitativa descritiva. Este tipo de pesquisa segue um processo formal, objetivo, rigoroso e sistemático para gerar informações sobre o mundo, e deve ser conduzida para descrever novas situações, eventos ou conceitos, examinar relações entre conceitos e ideias e determinar a eficiência de tratamentos (BURNS e GROVE, 2003).

Sendo assim estudos quantitativos trabalham com a noção de fidedignidade (confiabilidade e reprodutibilidade) como ponto forte do método, ou seja, a possibilidade de conseguir o mesmo resultado em um reteste do estudo, feito nas mesmas condições, por outros pesquisadores (POPE e MAYS, 1995).

5.2. INSTRUMENTOS

Esta pesquisa contou com uma coleta de dados baseada em três questionários estruturados e autoaplicáveis simultaneamente, descritos a seguir.

5.2.1. Questionário de identificação (Instrumento 01)

O primeiro instrumento que foi aplicado, após a assinatura por parte dos participantes da pesquisa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE¹).

O primeiro instrumento denominado Questionário de Identificação dos Para-atletas Brasileiros (QIPara²), foi desenvolvido pelos pesquisadores deste estudo e foi levado a um júri de 5 Professores Doutores da área da Educação Física e Esportes, com a finalidade de verificar se as questões eram inteligíveis e relevantes para o contexto de identificação dos participantes da pesquisa, para-atletas brasileiros.

Este é um questionário que visou identificar a situação atual dos para-atletas e suas possíveis metas enquanto praticante de diferentes modalidades esportiva adaptadas, bem como sua principal meta e objetivos em sua carreira esportiva. Além disso o

¹ Apêndice 01: TCLE

² Apêndice 02: QIPara

QIP pretendeu avaliar a situação social e demográfica dos participantes, bem como seu histórico de vida esportiva, local de treinamento, frequência semanal de treino, se está na condição de para-atleta profissional ou não. Outros aspectos foram questionados, como qual seria sua segunda opção profissional, situação conjugal e salarial.

Após fazer a identificação da amostra, partimos para avaliar quatro questões que identificamos importante para este universo:

1. Qual o grau de dificuldade você atribui a sua meta;
2. O quanto você acredita que o treinamento é importante para você;
3. O quanto você acredita que a competição é importante para você;
4. O quanto você se preocupa com os adversários.

Todas estas questões tinham variação de pontuação de 1 a 10, sendo que 1 ilustra a pouca importância ou muito fácil e 10 ilustra uma grande importância ou muito difícil.

O tempo previsto para responder este questionário foi de aproximadamente 10 minutos, sendo as questões de autopreenchimento. No caso de apresentarem limitações físicas ou incapacidades motoras, os dados foram preenchidos pelos pesquisadores ou pelos técnicos ou responsáveis, havendo exigência dos para-atletas.

5.2.2. Instrumento a ser validado (TEOSQ)

O instrumento escolhido a ser validado foi o Questionário do Esporte de Orientação para Tarefa ou Ego – TEOSQ³ (TASK AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE), desenvolvido por Duda (1992), traduzido, adaptado para a língua portuguesa (Brasil) por Hirota e De Marco (2006) e Hirota et al. (2006) em sua primeira versão, o qual permitiu identificar a orientação motivacional de para-atletas Brasileiros. A finalidade do TEOSQ é avaliar as diferenças individuais em perspectivas do objetivo de uma tarefa, ajustado a prática de esportes (prática esportiva, competição ou treinamento esportivo), detectando se o indivíduo é determinado a ser orientado para a tarefa ou para o ego (DUDA, 1992). Este instrumento permitiu identificar a orientação motivacional dos para-atletas frente a execução de uma tarefa, ou seja, os entrevistados deveriam se ver frente ao esporte que treina, joga ou compete e avaliar o quão bem-sucedido ele se vê nesta modalidade que pratica.

³ Anexo 01: Escala TEOSQ

O TEOSQ é um instrumento composto por 13 questões do tipo *Likert* de 5 pontos (variando segundo o nível de concordância com cada uma das questões), neste sentido, a composição de escolha reflete: 1. Nunca, 2. Poucas vezes, 3. Algumas vezes, 4. Muitas vezes, e 5. Sempre. Do total de 13 questões, seis questões são referentes a orientação para o ego, ou medo do fracasso, e sete questões são referente a orientação para tarefa, ou expectativa de êxito. O tempo despendido para responder o instrumento é de aproximadamente 5 minutos, sendo este instrumento de autopreenchimento. Assim como no instrumento de identificação, uma vez que os para-atletas estivesse impossibilitado de responder ao instrumento, os dados foram coletados pelo pesquisador.

Uma das principais vantagens de uma escala do tipo *Likert* é que ela permite maior detalhamento nas respostas, ajudando a aumentar a fidedignidade do instrumento (THOMAS e NELSON, 2002).

Em relação ao computo dos dados, cada orientação recebe separadamente um tratamento estatístico. Referente a orientação para tarefa, temos sete questões e o escore máximo a ser pontuado é de 35 pontos e o mínimo de 7 pontos, uma vez que cada questão tem variação de pontos entre 1 e 5 dentro da escala *Likert*; estes pontos são derivados da soma das respostas das questões ($Q2 + Q5 + Q7 + Q8 + Q10 + Q12 + Q13 = \text{escore de tarefa}$).

Já para orientação para o ego, o escore máximo possível será de 30 pontos e mínimo de 6 pontos, já que para esta orientação temos 6 questões ($Q1 + Q3 + Q4 + Q6 + Q9 + Q11 = \text{escore de ego}$). Em sua primeira testagem Duda (1992), ainda fez referência do cálculo da média de cada orientação, desta maneira em relação a orientação para tarefa dividimos o escore pelo valor de questões, referente a orientação para tarefa o valor foi 7; na orientação para ego o valor foi 6, pois tínhamos 6 questões referente a esta orientação.

Este instrumento não apresenta um resultado de escore total, ou seja, de soma de todas os resultados do instrumento.

A escolha do TEOSQ foi determinada adotando os critérios, a seguir, tendo como base outros estudos de validação já realizados (HIROTA et al., 2006; NERI, 1986; BRITO, 1998; CICONELLI, 1999; PIRES, 2003; BZUNECK e GUIMARÃES, 2007; ORIÁ, 2008; ORIÁ e XIMENES, 2010; GONÇALVES et al., 2010; HIROTA et al., 2014c):

- ✓ Apresentou alta consistência interna do instrumento;
- ✓ Estabilidade no coeficiente de confiabilidade (*Alfa de Cronbach*);
- ✓ Validade de construto e de conteúdo com diferentes amostras;
- ✓ Apresentou um número adequado de questões que somado às do questionário de identificação não produzam fadiga no sujeito;
- ✓ Revelou-se como adequado a sujeitos de várias idades
- ✓ Revelou-se pertinente ao contexto esportivo, em diferentes modalidades.

Este instrumento também foi escolhido por apresentar excelentes resultados de validação, tradução e adaptação cultural em diversos países, para diferentes idiomas (DUDA, 1992; DUDA e WHITEHEAD, 1998; CHI, 1997; KIM e SEOUNG, 1997; FONSECA e BALAGUÉ, 2001; CASTILLO et al., 2009; LOPEZ-WALLE et al., 2011; KLAIN et al., 2014) com população de atletas convencionais, ou jovens praticantes de esporte.

A adaptação cultural da escala TEOSQ foi realizada em trabalho prévio (HIROTA e DE MARCO, 2006), na qual, seguindo os passos propostos por Guillemín et al. (1993) realizou-se a tradução, retro tradução, adaptação transcultural e validade interna (cálculo do coeficiente *Alfa de Cronbach*).

Além disso, pesquisas anteriores com este instrumento na língua portuguesa demonstraram boa estabilidade interna (*Alfa de Cronbach*) do TEOSQ em amostra de esportistas de diferentes modalidades idades e gêneros, incluindo ballet, jazz, rúgbi, futebol, futsal, esportes escolares, voleibol, handebol (HIROTA e DE MARCO, 2006; HIROTA et al., 2006; HIROTA e TRAGUETA, 2007; CAMARGO et al., 2008; HIROTA et al., 2009; HIROTA et al., 2011a; HIROTA et al., 2011b; HIROTA et al., 2012; HIROTA et al., 2013; HIROTA, 2014; HIROTA et al., 2014; HIROTA et al., 2014a; HIROTA et al., 2014b).

5.2.3. Escala de Auto Percepção de Sucesso (POSQp) para Realização da Validação Concorrente

Com a finalidade de atingir mais uma etapa do processo para validar o instrumento TEOSQ adotamos a escala denominada de Perception of Success Questionnaire (POSQp) foi traduzida para língua portuguesa como Questionário Sobre

a Percepção do Sucesso⁴, adaptada para a realidade Brasileira e teve suas propriedades psicométricas testadas por Fonseca e Balagué (2001) e Fonseca e Brito (2001). Este instrumento seguiu a mesma direção de agrupamento da TEOSQ: orientação para tarefa e orientação para o ego. A escala é formada por um total de 12 questões no estilo *Likert* de cinco pontos, na qual 1 representa “discordar totalmente”, e o valor 5 “concordar totalmente”. Este instrumento foi aplicado em conjunto com os dois primeiros com a finalidade de realizar a validação concorrente, ou seja, foi realizado a correlação dos dados entre o instrumento TEOSQ e POSQp, possibilitando verificar o desempenho do instrumento a ser validado com o comportamento de uma escala que seguiu a mesma linha teórica, nesta perspectiva recorreremos a um instrumento que avaliou a auto percepção de sucesso dos para-atletas, instrumento este que tem premissas teóricas da motivação social cognitiva (FONSECA e BALAGUÉ, 2001). Esta etapa do projeto foi proposta com a finalidade de verificar a possível correlação entre os dados da escala a ser validada e uma já validada e fidedigna, evidenciando resultados.

Este também é um instrumento de autopreenchimento e o tempo previsto para ser respondido é de aproximadamente 5 minutos, e para os para-atletas impossibilitados em responder o instrumento, os dados foram coletados pelo pesquisador.

Segundo Polit e Hungler (1995) a validação concorrente refere-se ao grau que um instrumento está relacionado a algum critério externo, mensurado ao mesmo tempo. A fim de estabelecer a confiabilidade do instrumento e verificar se o mesmo avalia o que realmente se propõe, adotamos esta segunda escala (POSQp) que visa avaliar constructos equivalentes ao motivo de realização, no entanto, confrontando a auto percepção de sucesso que um para-atleta apresenta na realização de uma tarefa ou atividade esportiva.

5.3. AMOSTRA

A amostra deste estudo foi composta por para-atletas brasileiros. O estudo contou com participantes que tem histórico de treinamento no esporte adaptado, uma vez que o critério de inclusão de participantes foi que os mesmos deveriam ser maiores de 18 anos de idade. Para aferir se o para-atleta era iniciante ou de elite, os dados foram confirmados no QIPara.

⁴ Anexo 02: Escala POSQp

Atualmente o Brasil conta com cerca de 20.000 para-atletas divididos nas diferentes modalidades individuais e coletivas: Atletismo, Basquetebol em Cadeira de Rodas, Bocha, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Hipismo, Judô, Natação, Para canoagem, Para ciclismo de Estrada, Para ciclismo de Pista, Para triatlo – estreia em 2016, Remo, Rúgbi em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Vela, Voleibol Sentado. Entretanto, a excessiva maioria dos para-atletas concentra-se em poucas modalidades individuais como atletismo e natação (devido ao grande volume de provas nestas modalidades), e nos esportes coletivos (Futebol de 5, Basquete em Cadeira de Rodas).

Considerando o universo de 20.000 para-atletas foi feito o cálculo amostral segundo a fórmula abaixo para amostras aleatórias simples, na qual todos os sujeitos têm a mesma possibilidade de serem sorteados ou escolhidos aleatoriamente:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

(SANTOS, s/d)

Onde:

n - amostra calculada

N - População

Z - Variável normal, padronizada associada ao nível de confiança

p - verdadeira probabilidade do evento

e - Erro amostral

Segundo a fórmula citada, a amostra desta pesquisa contou com 759 sujeitos dos os 20.000 para-atletas brasileiros (amostra finita), considerando um erro amostral de 2%, nível de confiança de 99%. Contando com uma possível perda amostral, foi feita uma busca ativa de 800 sujeitos nas diferentes modalidades individuais e coletivas citadas acima como as mais comuns. Ao mesmo tempo, para o cálculo amostral foi levado em conta o perfil do instrumento a ser validado. Sendo assim Pasquali (1999, p. 56) “são necessários 10 sujeitos para cada item do instrumento. (...)”. Como o TEOSQ contém 13 questões segundo essa norma, seriam necessários 130 para-atletas, portanto cumprimos com seis vezes mais o montante estipulado pela literatura, no entanto em

relação ao número de casos, quanto maior, melhor. Hair et al. (2006), sugerem que a amostra deve ser superior a 50 observações, sendo aconselhável no mínimo 100 casos para assegurar resultados mais robustos (HAIR et al., 2006), no entanto este último autor cita somente a amostra total.

Seguindo os passos da pesquisa, a amostra foi dividida entre:

1. Estudo piloto que contou com a participação de 47 participantes (n:47), dez (n:10) foram mulheres e trinta e sete homens (n:37). A idade média do total de participantes é de 29,42 anos ($\pm 9,00$, mediana de 29 anos, coeficiente de variação de 30,59%). Homens tem média de idade de 30,78 anos ($\pm 7,84$, mediana de 32 anos, coeficiente de variação de 25,47%), enquanto mulheres tem média de idade de 24,40 anos ($\pm 11,52$, mediana de 19 anos, coeficiente de variação de 47,21%);
2. Estudo Completo, na qual foram coletados um total de 771 para-atletas de diferentes modalidades com idade média de 29,51 anos ($\pm 9,65$, coeficiente de variação de 32,70%). 261 para-atletas praticam modalidades esportivas coletivas e 510 modalidades individuais. Do total, 222 são mulheres com idade média de 27,57 anos ($\pm 9,71$, coeficiente de variação de 35,21%) e 549 são homens com idade média de 30,30 anos ($\pm 9,52$, coeficiente de variação de 31,41%);
3. Estudo teste-reteste com um total de 280 (n:280) participantes, que já haviam respondido o instrumento no estudo de validade; A média de idade dos 280 é de 28,10 anos ($\pm 10,40$, coeficiente de variação de 37,01%), e deste total, 172 eram do gênero masculino, com idade média de 30,25 anos ($\pm 10,03$, coeficiente de variação de 33,15%), e 108 mulheres de idade média de 24,37 anos ($\pm 10,36$, coeficiente de variação de 42,51%).

5.4. PROCEDIMENTOS

5.4.1. Passo 01: Submissão ao Comitê de Ética

A primeira etapa da execução deste projeto de pesquisa foi a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física de Jundiaí (ESEFJ), de

acordo com as questões de ética estabelecidos pela Declaração de Helsinque, 196.421, a Resolução nº 466 de 2012 (WHO, 2012). O número do processo da aprovação do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa é 1.116.194⁵.

Paralelamente recebemos a aprovação do Comitê Paraolímpico Brasileiro que forneceu os contatos de associações e clubes. Vale ressaltar que o pesquisador responsável pela presente pesquisa é Membro Pesquisador da Academia Paralímpica Brasileira.

5.4.2. Passo 02: Avaliação por Juízes

Nesta pesquisa foi retomado o critério de julgamento por um Comitê de Juízes (avaliação do conteúdo do instrumento) composta por cinco (N:05) Professores Doutores da área da Educação Física e Esporte com aderência em pesquisa comportamental no qual revisaram o instrumento e foram realizados possíveis ajustes da linguagem, este passo foi adotado pois a primeira versão do instrumento ter sido traduzida a cerca de dez anos, proporcionando assim sua revisão e aprimoramento do instrumento.

Para a análise das equivalências e conteúdo do instrumento, os juízes consideraram a avaliação gramatical e de vocabulário (equivalência semântica), revisaram a elaboração de expressões, uso de termos coerentes com a realidade cultural da população do estudo (equivalência cultural) e os conceitos traduzidos foram explorados e experimentados pela população brasileira – estudo piloto (equivalência conceitual) (GUILLEMIN, et al., 1993; GONÇALVES et al., 2010).

5.4.3. Passo 03: Estabelecimento do Contato e Questões de Ética em Pesquisa

Após aprovação no Comitê de ética em Pesquisa, foram formalizados contatos com os para-atletas das diferentes modalidades esportivas estudadas, via Comitê Paralímpico Brasileiro e pessoalmente pelo pesquisador durante as competições esportivas realizadas no circuito nacional.

Desta maneira os para-atletas foram esclarecidos dos objetivos do estudo e foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos

⁵ Ver Anexo 03

para-atletas que apresentarem idade igual ou superior a 18 anos, deficientes físicos e brasileiros, critérios estes adotados pelos pesquisadores. Os para-atletas impossibilitados de assinar o TCLE, devido a limitações físicas ou de movimento, o TCLE foi assinado pelo responsável, autorizado verbalmente pelo para-atleta.

A participação de todos os para-atletas foi feita de forma totalmente voluntária, sendo assim os mesmos poderiam se retirar da pesquisa a qualquer momento, e os sujeitos envolvidos nesta pesquisa não receberam nenhum benefício de qualquer espécie e/ ou origem, uma vez que o pesquisador, durante a coleta de dados, sempre se dirigiu aos participantes, como também não tiveram despesas em razão da participação nesta pesquisa.

5.4.4. Passo 04: Coleta de Dados do Estudo Piloto

A coleta de dados do Estudo Piloto (n:47) foi realizada com a finalidade de testar a dinâmica deste procedimento. Segundo Marconi e Lakatos (2007) este procedimento deve ser realizado em uma pequena população (5% ou 10% da amostra pretendida no estudo), após redigido o instrumento e deve ser utilizado antes da sua utilização definitiva; a análise dos dados evidenciará possíveis falhas existentes, inconsistência ou complexidade das questões, portanto o estudo piloto apresenta três importantes elementos: fidedignidade, validade e operabilidade; sendo assim podemos obter uma estimativa sobre futuros resultados.

Todos os três instrumentos autoaplicáveis (QIPara; TEOSQ e POSQp) foram entregues pessoalmente pelo pesquisador, todos já separados de antemão, e dentro de um envelope lacrado, contendo uma caneta na cor preta ou azul.

Durante a coleta de dados o pesquisador recebeu o TCLE assinado pelo para-atleta, conferiu os instrumentos, observando se os mesmos se encontravam devidamente preenchidos e depositou no envelope pré-determinado; o pesquisador levou consigo um envelope distinto para o TCLE, garantindo assim o anonimato. O estudo piloto serviu para testar os instrumentos, bem como identificar o tempo previsto de respostas por parte dos para-atletas, oferecendo assim mais possibilidades de acertos durante a coleta de dados da pesquisa completa.

5.4.5. Passo 05: Tabulação dos dados do Estudo piloto

Ao final da coleta de dados do estudo piloto, estes foram tabulados no programa *Statistical Package for Social Science* - SPSS software EDITOR-DATA, versão 21.0 for Windows.

Foi criado um banco de dados separadamente para cada instrumento, na qual os sujeitos receberam identificação numérica, preservando o sigilo de sua identidade. Cada instrumento foi etiquetado com esse número para evitar troca de material, como no exemplo:

Instrumentos respondidos pelo para-atleta 01: QIPara 01, TEOSQ 01 e POSQp 01

Instrumentos respondidos pelo para-atleta 02: QIPara 02, TEOSQ 02 e POSQp 02:

Esta etapa da tabulação do estudo piloto serviu de parâmetro para ser colocado em prática no estudo com o total da amostra, uma vez que o volume de dados foi grande, demandando organização tanto na coleta, como na tabulação – digitação dos dados. A coleta de dados do estudo piloto deu-se entre as datas de 22/08/2015 a 12/09/2015.

5.4.6. Passo 06: Tratamento estatístico do estudo Piloto

Para as testagens do estudo piloto, o tratamento estatístico utilizado nesta etapa foram:

- i. Estatística descritiva (média, mediana, desvio padrão, e soma total dos pontos) referente a cada orientação e de ambas as escalas (TEOSQ e POSQp);
- ii. Teste de comparação entre médias dentro de cada instrumento;
- iii. Teste de confiabilidade interna do TEOSQ e POSQp;
- iv. Teste de correlação entre orientação para tarefa e orientação para o ego entre os instrumentos.

O detalhamento do procedimento estatístico encontra-se no item 5.5 denominado de tratamento estatístico.

5.4.7. Passo 07: Coleta dos Dados do Estudo Completo

Finalizado o Estudo Piloto, foi feita a tabulação e análise dos dados com a finalidade de verificar evidências estatísticas do instrumento, confirmando seu desempenho. Após este procedimento foram feitas as cópias dos instrumentos pelo pesquisador e deu seu início da coleta de dados do estudo completo que seguiu os procedimentos legitimados do Estudo Piloto (resultados do estudo piloto no item 6.2).

Os dados foram coletados durante competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais, uma vez que no ano de 2016 aconteceram as Paralimpíadas.

A coleta de dados do estudo completo teve início nas primeiras semanas de janeiro de 2016, devido a disponibilidade dos para-atletas. A digitação e tabulação dos dados foram feitos, a medida que foram sendo aplicados os instrumentos, conforme detalhes apresentados no item passo 5.4.8.

O controle de coleta dos dados estava vinculado a visita a clubes da Cidade de São Paulo, uma vez que o pesquisador reside na cidade, e em viagens para competições, na qual a possibilidade de coleta de dados se efetivou em outros estados. Também contamos com a colaboração de técnicos e parceiros de clubes e entidades esportivas, estando o pesquisador vinculado a prestar contas sobre os resultados do estudo. A coleta de dados durou cerca de 4 meses, e neste intervalo de tempo teve início o teste-reteste.

5.4.8. Passo 08: Tabulação dos Dados do estudo Completo

A medida que os dados eram coletados, os mesmos foram sendo tabulados. A criação dos três bancos de dados, seguiu em um primeiro momento com o total dos questionários respondidos e ao final de toda coleta de dados e digitação dos mesmos, foi desmembrado da seguinte maneira:

1. Banco de dados de esportes coletivos;
2. Banco de dados de esportes individuais;
3. Banco de dados do gênero masculino;
4. Banco de dados do gênero feminino;
5. Banco de dados total;

5.4.9. Passo 09: Teste-Reteste

O teste-reteste visou conferir a estabilidade do TEOSQ, já que esse tipo de parâmetro permite aferir o quanto os escores de um instrumento podem ser obtidos se aplicados a uma mesma pessoa em ocasiões diferentes (POLIT e HUNGLER, 1997; CHWALON, 1995),

Nos estudos prévios de validação do TEOSQ foram realizadas medidas de teste-reteste com intervalo entre 3 e 4 semanas após a execução da 1ª fase da coleta de dados, com 30% da população estudada (HIROTA e DE MARCO, 2006). E pesquisas anteriores realizadas com atletas revelaram boa estabilidade do instrumento (DUDA, 1992; 1993). Seguindo a mesma metodologia, realizamos o teste-reteste com 280 participantes (mais de 30% dos sujeitos do estudo completo, sorteados aleatoriamente), após até 4 semanas da coleta total dos dados.

5.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Seguindo as etapas previstas na sequência dos instrumentos, o questionário de identificação nos ofereceu valores referente ao delineamento da amostra, com base no software SPSS – DATA EDITOR (*Statistical Package for the Social Science*), versão 21.0 for Windows. A estatística descritiva foi adotada com a finalidade de observar a situação da amostra. Para fins de organização dos dados foi determinado o cálculo das médias, desvio padrão e mediana dos atletas seguindo os seguintes critérios:

1. Separados em esporte coletivo e esporte individual;
2. Separados por gênero.

Ainda na análise descritiva, calculamos também as médias, desvio padrão, mediana e escores de cada orientação motivacional, referentes aos instrumentos TEOSQ e POSQp. Dessa forma foram apresentados resultados das orientações de tarefa e também de ego, separadamente de acordo com as modalidades esportivas coletivas e individuais.

O cálculo do Coeficiente *Alfa* de *Cronbach*, foi adotado a fim de confirmar a confiabilidade interna da escala, colocando à prova a legitimidade do instrumento frente aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O Coeficiente *Alfa* de *Cronbach* é um coeficiente de fidedignidade generalizado que é mais versátil do que os outros métodos e uma característica deste coeficiente é que pode ser utilizado com itens que tem várias medidas de valores, tais como teste de redação e escalas de atitudes com pontuação como concordo fortemente, concordo etc. Além disso, o *Alfa* é provavelmente o melhor coeficiente para estimar a fidedignidade mais comumente usada nos testes padronizados (THOMAS e NELSON, 2002). Segundo Pasquali (1999) as principais técnicas usadas para acessar a consistência interna dos instrumentos podem ser *Kuder- Richardson* e Coeficiente *Alfa* de *Cronbach*.

Ainda no sentido de validade do constructo realizamos a análise fatorial, que segundo Tabachinick e Fidell (2007) é um processo alternativo de mensuração para identificar variáveis que "caminham juntas", ou seja, variáveis que apresentam a mesma estrutura subjacente; de acordo com Figueiredo filho e Silva Junior (2010) A principal função das diferentes técnicas de análise fatorial é reduzir uma grande quantidade de variáveis observadas a um número reduzido de fatores. Sendo assim pretendemos realizar a Análise Fatorial Confirmatória e Exploratória (TABACHINICK e FIDELL, 2007), como já realizado nos estudos de Fonseca e Brito (2001) com o mesmo instrumento em outra língua.

A Análise Fatorial Exploratória (AFE) geralmente é utilizada nos estágios mais embrionários da pesquisa, no sentido de explorar os dados, procura-se explorar a relação entre um conjunto de variáveis, identificando padrões de correlação. Além disso, a AFE pode ser utilizada para criar variáveis independentes ou dependentes que podem ser utilizadas posteriormente em modelos de regressão. Por sua vez, a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) é utilizada para testar hipóteses. Nesse caso, o pesquisador guiado por alguma teoria testa em que medidas determinadas variáveis são representativas de um conceito/dimensão (TABACHINICK e FIDELL, 2007). Para a realização da AFC foi utilizado o pacote estatístico AMOS (v. 4.0). Técnicas de análises fatoriais exploratórias (AFE) e análises fatoriais confirmatórias (AFC) devem ser utilizadas para auxiliar o pesquisador na escolha da estrutura que seja mais plausível para a amostra (BORSA et al., 2012).

Para assistir possíveis diferenças significativas entre as médias das metas de Tarefa e Ego, optamos por realizar o teste de *Mann Whitney* com nível de significância

de $p \leq 0,05$, separadamente para cada orientação, ou seja, orientação para meta tarefa e orientação para meta ego, ressaltando a existência, ou não, de diferenças significativas entre as modalidades esportivas coletivas e individuais e entre gêneros.

Para cumprir a etapa referente a aplicação do instrumento POSQp (validação concorrente), estabelecemos a correlação entre a auto percepção de sucesso dos para-atletas e o tipo de orientação motivacional, e para essa etapa faremos uso da correlação de *Spearman* (ρ) com nível de significância de $p \leq 0,05$. Os intervalos de interpretação do coeficiente de correlação variam de -1.0 a 1.0, desta maneira estabeleceu-se que: entre 0.0 a 0.3, a correlação seria considerada fraca, de 0.3 a 0.7 uma correlação moderada, e de 0.7 a 1.0 uma correlação forte (MUKAKA, 2012).

Todos os métodos estatísticos utilizados foram testes não paramétricos, uma vez que as escalas utilizadas têm caráter ordinal, do tipo Likert (THOMAS e NELSON, 2002),

Para tal razão, elaborou-se infográficos a partir da contagem descritiva dos dados do questionário QIPara referente as questões abertas, buscando uma melhor forma de expressar os resultados relatados pelos para-atletas fazendo uso do software online localizado em: <http://www.praticadapesquisa.com.br/search?q=nuvem+de+palavras&submit=Busca>

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1. Resultados do Julgamento dos Juízes

Nesta pesquisa foi retomado o critério de julgamento por um Comitê de Juízes (avaliação do conteúdo do instrumento) composta por cinco (N:05) professores Doutores da área da Educação Física com aderência em pesquisa comportamental a fim de revisar o instrumento e realizar possíveis ajustes da linguagem. Seguimos a prerrogativa de Pasquali (1998) buscando definições construtivas e definições operacionais dos constructos.

O contato com os Professores Doutores foi estabelecido via e-mail, e a escolha dos mesmos foi previsto em amostra conveniente, e por pesquisa no site do CNPq, consultando na base de dados dos Currículos Lattes. Após aceito o convite de participar do estudo como Juiz, o mesmo recebeu o instrumento que visou a possibilidade de identificar os seguintes itens da Escala TEOSQ: 1. Avaliação gramatical; 2. Avaliação de vocabulário (equivalência semântica - teve como objetivo precípua verificar se todos os itens são compreensíveis para todos os membros da população à qual o instrumento se destina – PASQUALI, 1998); 3. Elaboração de expressões, uso de termos coerentes com a realidade cultural da população do estudo (equivalência cultural).

Como afirma Pasquali (1998) para a construção dos itens devemos estar atentos aos seguintes critérios: 1. Comportamento, levando a pessoa a ter uma visão claro do item; 2. Critério de objetividade; 3. Critério de simplicidade; 4. Critério de clareza; 5. Critério de relevância; 6. Critério de precisão, 7. Critério de variedade; 8. Critério de modalidade; 9. Critério de tipicidade; 10. Critério de credibilidade.

Os resultados apontaram uma reestruturação em algumas das questões no sentido de deixar o instrumento autoaplicável nas mais diversas práticas esportivas e/ou de atividade física. O instrumento TEOSQ não oferecia este dinamismo. As alterações se deram principalmente no fim das questões e da instrução inicial, veja a seguir:

Instrução Inicial:

“Quando você se sente o mais bem-sucedido no esporte? Ou seja, quando você sente que uma atividade esportiva foi realmente boa para você? ”

O sentido desta instrução foi alterado para:

***“Quando você tem mais SUCESSO no esporte que você pratica/treina/joga?
Ou seja, quando Você sente que a sua PRÁTICA foi realmente boa para você? ”***

As questões da Escala eram as seguintes (E=Ego, T=Tarefa):

- Q1.Eu sou o único habilidoso para jogar (E1)
- Q2.Eu aprendo uma nova jogada e isso me faz querer jogar mais (T1)
- Q3.Eu jogo melhor do que meus amigos (E2)
- Q4.Os outros não jogam tão bem quanto eu (E3)
- Q5.Eu aprendo alguma coisa legal de fazer (T2)
- Q6.Os outros bagunçam e eu não (E4)
- Q7.Eu jogo melhor quando treino mais (T3)
- Q8.Eu realmente me esforço muito no treino (T4)
- Q9.Eu marco a maioria dos gols (E5)
- Q10.Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar e jogar mais (T5)
- Q11.Eu sou o melhor (E6)
- Q12.Aprender uma nova jogada me faz sentir bem (T6)
- Q13.Eu faço o melhor que posso (T7)

As questões foram alteradas para (E=Ego, T=Tarefa):

- Q1. Eu sou o (a) único (a) habilidoso (a) para praticar/treinar/jogar (E1)
- Q2. Eu aprendo um novo movimento/ técnica e isso me faz querer praticar/treinar/jogar mais (T1)
- Q3. Eu pratico/treino/jogo melhor do que meus (minhas) amigos (as) (E2)
- Q4. Os (as) outros (as) não praticam/treinam/jogam tão bem quanto eu (E3)
- Q5. O (a) Técnico (a) / Professor(a) me ensina algo legal e divertido no treino/prática/jogo (T2)
- Q6. Os (as) outros (as) atletas bagunçam no treino/prática/jogo e eu não (E4)
- Q7. Eu pratico/jogo melhor quando me esforço mais no treino (T3)
- Q8. Eu realmente me esforço muito na prática/treino/jogo (T4)
- Q9.Eu marco a maioria dos pontos/gols/marcas/melhor tempo (E5)
- Q10. Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar/treinar/jogar mais (T5)
- Q11. Eu sou o (a) melhor no esporte/treino/prática (E6)

Q12. Aprender um novo movimento/jogada/técnica me faz sentir bem (T6)

Q13. Eu sempre faço o melhor que posso (T7)

Portanto, foi acrescentada a diferenciação de gênero nas questões, por exemplo *habilidoso (a)*, *amigos (as)*. Foram acrescentadas as palavras: *pratico*, *treino* e *jogo*, uma vez que nem todos os para-atletas são sujeitos que tem o esporte como atividade diária, ou seja, praticam de forma amadora, ou possuem outro emprego. Ou porque algumas práticas esportivas nem sempre são jogadas, podem ser praticadas de maneira diferente como a natação, o levantamento de peso e a dança. Na questão de número 9, referente a Orientação para Ego (Q9-E5) foi acrescentado além da palavra *goals*, as palavras *pontos*, *marcas* e *melhor tempo*.

Sendo assim, essas alterações foram realizadas no sentido de ampliar a aplicação do instrumento em diferentes modalidades esportivas ou práticas de atividades físicas ou exercícios físicos. Por outro lado, nenhuma alteração gramatical significativa foi realizada, mantendo as expressões e termos da versão brasileira do TEOSQ previamente validada, como por exemplo na questão 6 (Q6) com o termo “*bagunçar*”.

Em termos de pontuação da escala *Likert*, os mesmos 5 pontos foram mantidos, na qual os resultados apontam: 1-nunca; 2-poucas vezes; 3-algumas vezes; 4-muitas vezes; 5-sempre, desta maneira nenhuma alteração foi mencionada.

Na estrutura da disposição do instrumento (número e posição ou ordem das questões), nenhuma alteração foi mencionada pelos juízes.

6.2. Resultados do Estudo Piloto

6.2.1. Resultados do Questionário de Identificação do Estudo Piloto (QI)

Este estudo piloto contou com participantes das cidades de Mogi das cruces, Uberlândia, Curitiba, Araraquara, Jaú, Taubaté, Praia Grande, São Sebastião, Campo Grande, Rio de Janeiro, Mairinque, Uberaba, São José dos Campos, Londrina, Goiás. As modalidades avaliadas neste estudo foram a natação, bocha e futebol para amputados.

Do total de quarenta e sete participantes avaliados, dez (21,3% da amostra) foram mulheres e trinta e sete homens. A idade média do total de participantes foi de 29,42 anos ($\pm 9,00$, mediana de 29 anos, coeficiente de variação de 30,59%). Homens tinham média de idade de 30,78 anos ($\pm 7,84$, mediana de 32 anos, coeficiente de variação de 25,47%), enquanto mulheres tinham média de idade de 24,40 anos ($\pm 11,52$, mediana de 19 anos, coeficiente de variação de 47,21%), ou seja, em relação a idade os participantes não tem distribuição heterogênea. A coleta de dados foi aleatória no sentido de convidar os atletas a participar da pesquisa, abordando os mesmos em seu local de treinamento ou em competições durante os intervalos de provas, antes ou depois das mesmas. Do total da amostra de sujeitos do estudo piloto, a maioria (31 sujeitos, 66,0%) treinavam em clubes públicos.

Em relação ao nível de escolaridade, 18 haviam concluído o ensino médio (38,3%), nove participantes tinham somente o ensino fundamental concluído (19,1%), e seis participantes estavam cursando o mesmo grau, ou seja, o ensino fundamental; seis estavam cursando o ensino superior, três completaram o ensino superior, um tecnólogo e quatro participantes encontravam se com curso superior incompleto.

O tempo médio de prática do esporte dos sujeitos foi de 8,12 anos ($\pm 6,84$, coeficiente de variação de 84,23%), sendo um pouco superior entre os para-atletas do gênero masculino (tempo médio de $8,43 \pm 3,89$ anos) em relação as do gênero feminino (7,0 anos de prática no esporte, $\pm 4,14$).

Do total de participantes deste estudo piloto, quase metade (20 sujeitos) era praticante de esporte coletivo, neste caso, todos jogadores de futebol para amputados. Dentre os 27 para-atletas das modalidades de esportes individuais, contamos com a participação de quinze para-atletas do atletismo, onze para-atletas da natação e 1 para-atleta de halterofilismo.

A maior parte dos para-atletas, vinte e sete, passou por uma única instituição, ou seja, treinou em um único clube (57,44%) enquanto vinte participantes passaram por mais por duas ou mais instituições (42,56%), ou seja, treinaram em mais de um clube.

Trinta dos participantes (63,82%) não praticam ou praticaram outra modalidade durante a vida esportiva, enquanto os demais, dezessete para-atletas, praticam ou já praticaram outra modalidade (36,18%), listadas como voleibol sentado, handebol, basquetebol em cadeira de rodas.

Estabelecendo uma correlação entre o tempo de prática e o número de modalidade já praticadas, o resultado é negativo, fraco e não significativo ($\rho = -0,04$,

$p=0,773$), ou seja, teoricamente, à medida que aumenta o tempo de prática em uma modalidade, diminui o tempo de experiência nas demais, e pensando no desempenho esportivo e performance esportiva precisamos desprender mais tempo de treinamento em uma modalidade para obter melhores resultados em uma melhor técnica e tática de trabalho.

Vinte e seis para-atletas (55,31%) recebiam salário para treinar e competir. Dezesete para-atletas eram solteiros (36,17%), vinte e um do total casados (44,68%), dois viúvos (3,50%), dois separados (3,50%), e o restante, cinco para-atletas (10,63%) viviam em outras condições, por exemplo moravam junto com outra pessoa, mas nada formalizado.

Dos quarenta e sete participantes, trinta e um (65,95%) nunca foram convocados para seleção brasileira do esporte que prática e os restantes, dezesseis (34,05%) já tiveram a oportunidade de ser convocados ou conquistaram índice esportivo como resultado, e sendo assim, atenderam um dos focos deste estudo piloto na qual comparar para-atletas de alto rendimento seria uma possibilidade de criar valores de referência para os demais para-atletas e assim identificar os valores e as faltas no desempenho dos que estão em busca de performance.

Dos dezesseis atletas Paralímpicos, somente cinco participaram de alguma edição dos jogos Para Pan-americanos, e dois foram a Paralimpíadas de Londres, mas 100% participam de competições sistemática permanentemente, sendo assim tiveram esta denominação, pois fizeram parte da seleção brasileira em algum momento de sua carreira esportiva.

Dentre todos os participantes, a principal meta era de estar na Paralimpíadas do Rio 2016, e completaram que ganhar uma medalha Paralímpica seria o melhor prêmio; metas secundárias apareceram como participar de alguns jogos mundiais, melhorar no ranking, realização pessoal e qualidade de vida. Todos os para-atletas (100%) responderam que “sim”, gostam de competir, pois a competição renovava o conhecimento, testava o treinamento, motivava o atleta, testa sua dedicação, e faz a troca de experiências com outras equipes, portanto demonstraram em suas falas que o ambiente competitivo é muito saudável.

Em relação à primeira questão que variava de 1 a 10 pontos, “Qual o grau de dificuldade você atribui a sua meta”, a média de respostas foi de 5,34 ($\pm 2,82$, mediana de 5), ou seja o grupo avaliado demonstrou um valor mediano para sua meta; referente a segunda questão, “O quanto você acredita que o treinamento é importante para você”, a

média foi de 9,46 ($\pm 1,66$, mediana de 10), portanto o grupo acredita que o treinamento é extremamente importante para chegar um resultados superiores; na terceira questão, “O quanto você acredita que a competição é importante para você”, a média foi de 9,40 ($\pm 1,20$, mediana de 10), assim como o treinamento é importante as competições são muito importante na descrição dos para atletas, e pôr fim a quarta questão, “O quanto você se preocupa com os adversários”, que se tratava de se preocupar com seus adversários, a média é de 5,76 ($\pm 3,83$, mediana de 7), representando assim uma certa preocupação com os adversários, no entanto parece que o foco dos treinamento e das competições estavam relacionados os aspectos intrínsecos.

Testando a existência de correlação entre a principal meta do para-atleta e o quanto o treinamento é importante para ele, o resultado não significativo ($\rho=0,224$, $p=0,130$); outra correlação estabelecida, referente a principal meta e a competição o resultado se repete ($\rho=0,03$, $p=0,800$). Assim, os resultados indicaram que treinar mais e competir não estavam correlacionados com a dificuldade da meta do para-atleta, fatores estes que deveriam estar andando em conjunto.

Correlacionando a principal meta com se preocupar com os adversários, pareceu que os mesmos podem atrapalhar o desempenho, portanto os adversários representam uma possível ameaça no desempenho, com resultado de correlação moderado, positivo e significativo ($\rho=0,359$, $p=0,01$).

Verificando se existe correlação entre a importância do treinamento com a competição, o resultado se mostrou positivo, moderado e significativo ($\rho=0,508$, $p=0,001$), ou seja, treinar mais para competir melhor, parece ser coerente, demonstrando melhores resultados, acreditam os para-atletas.

Por fim, foi estabelecido a correlação entre a importância da competição com os a preocupação com adversários, o resultado é negativo, fraco e não significativo ($\rho= -0,100$, $p=0,505$), ou seja, enquanto a competição continua tendo seu valor, o adversário neste caso, não parece influenciar, uma vez que ele estará presente nas competições de uma forma ou de outra.

6.2.2. Resultados do Cálculo de Validade Interna do Instrumento TEOSQ em Para-atletas do Estudo Piloto

A primeira testagem estabelecida para o estudo piloto foi o cálculo do Coeficiente *Alfa de Cronbach*, sendo assim através deste aferimos a consistência interna

das questões do instrumento, verificando seu desempenho em para-atletas e atletas Paralímpicos, em sua totalidade da amostra do estudo piloto e separadamente por esportes individuais e coletivos.

Desta maneira podemos observar que o instrumento subdividido em orientação para tarefa e orientação para ego apresentou um bom desempenho nos resultados *Alfa* de tarefa de 0.89, *Alfa* de ego de 0.77, uma vez que o valor máximo deste Coeficiente pode ser de 1.0 (Tabela 01).

Tabela 01: Resultados de Coeficiente *Alfa de Cronbach* de Orientação para Tarefa e Orientação para Ego

Esportes	N	<i>Alfa de Cronbach</i>	
		Tarefa	Ego
Coletivos	20	0.919	0.802
Individuais	27	0.847	0.771
TOTAL	47	0.890	0.777

Na Tabela 02, os resultados de Coeficiente *Alfa* das questões referente a orientação para tarefa parecem muito similares, não sendo necessários ajustes, tanto em esportes coletivos quanto nos individuais.

Tabela 02: Resultados do Cálculo do Coeficiente *Alfa* de Orientação para Tarefa se Algum Item da Escala Fosse Deletado em Esportes Individuais e Coletivos

Questões Tarefa	Esporte		
	Coletivo	Individual	TOTAL
Questão 02	0.913	0.826	0.877
Questão 05	0.912	0.845	0.883
Questão 07	0.894	0.827	0.867
Questão 08	0.914	0.836	0.880
Questão 10	0.899	0.828	0.875
Questão 12	0.922	0.807	0.876
Questão 13	0.892	0.813	0.863

A questão de número cinco (Q5), nos remete a seguinte afirmação: “O (a) Técnico(a)/ Professor(a) me ensina algo legal e divertido no treino/pratica/jogo”; se deletada essa questão, o Coeficiente *Alfa* entre os sujeitos praticantes dos esportes

coletivos assim como nos esportes individuais se elevaria. Isso indicaria que essa questão teria direito a uma possível reformulação.

Os de *Alfa* de cada item do domínio de orientação para ego podem ser conferidos na Tabela 03. Observando os resultados de *Alfa* em esportes coletivos e individuais, a questão seis (Q6), de ambos esportes, demonstra que caso esta questão fosse deletada o resultado de *Alfa* tenderia a se elevar

Tabela 03: Resultados do Cálculo do *Coeficiente Alfa* de Orientação para Ego se Algum Item da Escala Fosse Deletado em Esportes Individuais e Coletivos

Questões Ego	Esporte		
	Coletivo	Individual	TOTAL
Questão 01	0.749	0.703	0.708
Questão 03	0.738	0.681	0.690
Questão 04	0.804	0.782	0.778
Questão 06	0.829*	0.808*	0.833
Questão 09	0.733	0.717	0.708
Questão 11	0.763	0.701	0.712

*questões que poderiam ser reformuladas ou deletada

De acordo com a Tabela 04, os valores de mediana são iguais nas questões Q1, Q7, Q8, Q9, Q10 e Q13, resultando em 3 para ego e 5 para tarefa. As questões Q2, Q3, Q4, Q5, Q11, e Q12, a diferença entre tarefa e ego foi de 1 ponto, e somente na questão Q6 os valores apresentaram uma diferença de 2 pontos nos esportes coletivos e individuais.

Tabela 04: Resultado de Mediana de Esporte Coletivo e Individuais da Escala TEOSQ

Questões da escala TEOSQ	Esporte	
	Coletivo	Individual
	Mediana	
Q1. Eu sou o(a) único(a) habilidoso(a) para praticar/ treinar/ jogar (E1)	3	3
Q2. Eu aprendo um novo movimento/ técnica e isso me faz querer praticar/treinar/jogar mais (T1)	4	5
Q3. Eu pratico/treino/jogo melhor do que meus (minhas) amigos (as) (E2)	2	3
Q4. Os (as) outros (as) não praticam/treinam/jogam tão bem quanto eu (E3)	2	3
Q5. O (a) Técnico (a) / Professor (a) me ensina algo legal e divertido no treino/prática/jogo (T2)	4	5
Q6. Os (as) outros (as) atletas bagunçam no treino/prática/jogo e eu não (E4)	3	1
Q7. Eu pratico/jogo melhor quando me esforço mais no treino (T3)	5	5
Q8. Eu realmente me esforço muito na prática/treino/jogo (T4)	5	5
Q9. Eu marco a maioria dos pontos/gols/marcas/melhores tempos (E5)	3	3
Q10. Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar /treinar/jogar mais (T5)	5	5
Q11. Eu sou o (a) melhor no esporte (E6)	2	3
Q12. Aprender um novo movimento/técnica me faz sentir bem (T6)	4	5
Q13. Eu sempre faço o melhor que posso (T7)	5	5

E1, E2, E3, E4, E5, E6 são questões referente a orientação para ego; T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 são questões referente a orientação para tarefa.

As médias tanto de orientação para tarefa quanto para ego apresentaram se muito concorrentes entre os esportes coletivos e individuais. Somente na questão Q2, verifica-se que os sujeitos praticantes de esportes individuais obtiveram uma média estatisticamente superior aos seus colegas praticantes de esportes coletivos (4,48 versus 3,75; $p=0,019$), observe a Tabela 05.

Tabela 05: Resultado de Média, Desvio Padrão e Comparação Entre Médias de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala TEOSQ

Questões da escala TEOSQ	Esporte		
	Coletivo	Individual	"p"
Q1. Eu sou o (a) único (a) habilidoso (a) para praticar/treinar/jogar (E1)	2,35±1,31	2,85±1,43	0,472
Q2. Eu aprendo um novo movimento/ técnica e isso me faz querer praticar/treinar/jogar mais (T1)	3,75±1,21	4,48±0,75	0,019*
Q3. Eu pratico/treino/jogo melhor do que meus (minhas) amigos (as) (E2)	2,25±1,12	3,07±1,07	0,135
Q4. Os (as) outros (as) não praticam/treinem/jogam tão bem quanto eu (E3)	2,10±0,97	2,44±1,12	0,376
Q5. O (a) Técnico (a)/ Professor(a) me ensina algo legal e divertido no treino/prática/jogo (T2)	3,85±1,09	4,26±0,90	0,110
Q6. Os (as) outros (as) atletas bagunçam no treino/prática/jogo e eu não (E4)	2,70±1,53	1,96±1,29	0,052
Q7. Eu pratico/jogo melhor quando me esforço mais no treino (T3)	4,25±1,16	4,41±1,05	0,685
Q8. Eu realmente me esforço muito na prática/treino/jogo (T4)	4,15±1,31	4,44±0,80	0,428
Q9. Eu marco a maioria dos pontos/gols/marcas/melhores tempos (E5)	2,25±1,12	3,00±1,11	0,157
Q10. Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar/treinar/jogar mais (T5)	4,45±1,05	4,33±1,00	1,000
Q11. Eu sou o (a) melhor no esporte (E6)	2,10±1,21	2,89±1,82	0,130
Q12. Aprender um novo movimento/técnica me faz sentir bem (T6)	3,90±1,33	4,59±0,69	0,051
Q13. Eu sempre faço o melhor que posso (T7)	4,50±1,00	4,48±0,80	1,000

*diferença significativa

E1, E2, E3, E4, E5, E6 são questões referente a orientação para ego; T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 são questões referente a orientação para tarefa.

Os resultados totais dos para-atletas de média referente a orientação para tarefa 4,24 (±1,09), mediana de 5, enquanto na orientação para o ego a média total foi de 2,22 (±1,21), mediana de 2.

Observando os resultados da Tabela 06, podemos notar que de forma geral, a maioria dos para-atletas apresentam características de orientação para tarefa, pelo resultado de média mais elevada na orientação para tarefa, portanto em seu dia a dia de treinamento e competições são pessoas mais esforçadas, mais persistentes e perseverantes, treinam mais e procuram o domínio na execução das atividades e tarefas.

A única diferença significativa se deu em relação a Orientação para tarefa ($p=0,03$), ou seja, o grupo de esporte individual tem maior resultado desta orientação do

que os sujeitos do esporte coletivo. Nas questões de orientação para o ego, apesar da média dos para-atletas dos esportes individuais ser mais elevada a diferença não é significativa (Tabela 06).

Tabela 06: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Esportes Coletivos e Individuais da Escala TEOSQ.

TEOSQ	Esporte						"p"
	Coletivo (N:20)			Individual (N:27)			
Orientação	Média (\pm)	Med.	Escore	Média (\pm)	Med.	Escore	
Tarefa	4,12* (\pm 1,17)	5	28,85	4,42* (\pm 0,85)	5	31,00	0,03*
Ego	2,29 (\pm 1,21)	2	13,75	2,70 (\pm 1,35)	3	16,22	0,09

Intervalo de confiança de 95%

*diferença significativa

Feitas devidas comparações, buscamos estabelecer a correlação entre orientação para tarefa e orientação para ego. Somente entre esportes coletivos a correlação é positiva, fraca e significativa ($\rho=0,202$, $p=0,02$), portanto a medida que um tipo de orientação aumenta a outra orientação tenderia a aumentar também; já a correlação entre a orientação para tarefa e ego nos esportes individuais apresentou resultado negativo, fraco e não significativo, ou seja, a medida que aumenta a orientação para tarefa a orientação para o ego tenderia a diminuir ($\rho= -0,046$, $p=0,560$).

Na correlação entre orientação para ego entre esporte coletivo e individual, o resultado apontou ser negativo, fraco e não significativo ($\rho= -0,102$, $p=0,268$). Assim enquanto o valor dos atletas individuais está subindo o valor de ego de esportes coletivos está em sentido contrário, no entanto não é significativo. Referente a orientação para tarefa a tendência se repete, apresentando resultado negativo, fraco ($\rho= -0,044$), da mesma maneira enquanto a orientação para tarefa de atletas individuais tende a subir a orientação para tarefa de esportes coletivos tende a diminuir, mas este valor não é significativo ($p=0,603$, Tabela 04).

Correlacionando o grau de dificuldade de sua principal meta e orientação para ego nos esportes coletivos o resultado foi positivo, fraco e não significativo ($\rho=0,186$, $p=0,209$), e referente a orientação para tarefa correlacionado ao grau de dificuldade de sua principal meta, a correlação o resultado foi o mesmo ($\rho=0,082$, $p=0,586$), ou seja, fraca, positiva e não significativo. Na orientação para tarefa e a principal meta nos esportes individuais a correlação foi fraca, positiva e não significativo ($\rho=0,060$,

$p=0,690$), referente a orientação para o ego a correlação foi negativa, fraca e também não significativa ($\rho = -0,013$, $p=0,929$).

6.2.3. Resultados do Cálculo do Instrumento Concorrente do Estudo Piloto

O resultado de *Coefficiente Alfa de Cronbach* referente a escala concorrente POSQp, demonstrou um resultado de Orientação para Tarefa de 0.920, e Orientação para o Ego de 0.710, reforçando assim a utilização deste instrumento para efeito de confirmação de validação da escala proposta, a TEOSQ.

A Tabela 07 descreve os resultados de mediana de Orientação para Tarefa e Ego referente a cada questão do instrumento concorrente; as questões de Orientação para Tarefa apresentam mediana mais elevadas (Q2, Q4, Q6, Q8, Q9, Q11), tanto nos esportes coletivos quanto nos individuais. Da mesma maneira o resultado de mediana de Orientação para Ego (Q1, Q3, Q5, Q7, Q10, Q12) apresentam resultados girando em torno de três.

Os resultados demonstram que em ambos os casos, esportes coletivos e individuais, existe a tendência de orientação para tarefa em relação a auto percepção de sucesso, ou seja, os participantes do estudo piloto, buscam se aprimorar, atingir seus objetivos, principalmente os pessoais, trazer mais seu rendimento em relação ao nível de habilidade, buscando sempre melhora lá.

Tabela 07: Resultado de Mediana de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala POSQp

Questões da escala POSQp	Esporte	
	Coletivo	Individual
...sou muito superior (E1)	3	3
...atingo meu objetivo (T1)	4	4
...mostro as outras pessoas que sou melhor (E2)	3	3
...atingo objetivos pessoais (T2)	4	4
...ganho (E3)	4	4
...ultrapasso dificuldades (T3)	5	4
...derroto outras pessoas (E4)	3	3
...demonstro clara melhoria em meus rendimentos (T4)	4	4
...rendo ao nível máximo de minhas possibilidades (T5)	4	4
...sou o melhor (E5)	2	3
...trabalho duro (T6)	4	4
...rendo mais que meus adversários (E6)	3	3

Os resultados da Tabela 08 apresentam a média e desvio padrão entre orientação para tarefa e ego da escala POSQp dos esportes coletivos e individuais, e ainda faz a comparação entre as médias de cada questão (entre esporte coletivo e esporte individuais), e nesta comparação o único resultado significativo foi em uma questão de orientação para ego (Q10 – E5, ...sou o melhor), na qual nos esportes individuais a média de ego desta questão é significativamente maior que nos esportes coletivos ($p=0,005$).

Tabela 08: Resultado de Média, Desvio Padrão e Comparação entre Médias de Esporte Coletivo e Individuais de Cada Questão da Escala POSQp

Questões da escala POSQp	Esporte		
	Coletivo	Individual	"p"
...sou muito superior (E1)	2,12±1,23	2,44±1,15	0,581
...atinjo meu objetivo (T1)	3,96±1,01	4,07±0,87	0,802
...mostro as outras pessoas que sou melhor (E2)	2,74±1,12	3,18±1,03	0,070
...atinjo objetivos pessoais (T2)	3,83±1,15	4,00±1,07	0,338
...ganho (E3)	3,83±1,18	4,03±0,89	0,348
...ultrapasso dificuldades (T3)	4,19±0,98	4,07±0,82	0,241
...derroto outras pessoas (E4)	2,48±1,17	2,96±1,16	0,418
...demonstro clara melhoria em meus rendimentos (T4)	4,12±1,02	4,07±0,87	0,793
...rendo ao nível máximo de minhas possibilidades (T5)	3,96±1,04	4,00±0,92	0,739
...sou o melhor (E5)	2,41±1,28	3,07±1,17	0,005*
...trabalho duro (T6)	4,19±0,94	4,22±0,84	0,676
...rendo mais que meus adversários (E6)	2,83±1,29	3,14±1,26	0,996

*diferença significativa

Observando os resultados totais de orientação para tarefa e ego da escala POSQp (Tabela 09), observamos uma significativa diferença entre esportes coletivos e individuais na orientação para ego, ou seja, os para-atletas de esporte individuais apresentam a orientação para ego mais elevada.

Tabela 09: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Esportes Coletivos e Individuais da Escala POSQp.

POSQp	Esporte							
	Coletivo (N:20)			Individual (N:27)				
	Orientação	Média (±)	Med.	Escore	Média (±)	Med.	Escore	"p"
Tarefa	4,04 (±1,35)	4	24,25	4,07 (±0,89)	4	24,44	0,840	
Ego	2,73 (±1,04)	3	16,40	3,14 (±1,19)	3	18,85	0,009*	

Intervalo de confiança de 95%/ *diferença significante

Notando os resultados de correlação entre os dois instrumentos aplicados (TEOSQ e POSQp – Tabela 16), confirmamos os seguintes resultados: separadamente nos esportes coletivos tanto em orientação para tarefa quanto em orientação para ego as correlações foram significantes, em ambos os casos, porém moderada em tarefa e fraca em Orientação para Ego; nos esportes individuais os resultados foram os mesmos.

Por fim correlacionar as duas escalas entre si no total de participantes (Tabela 10), todos os resultados de correlação foram significantes; na orientação para tarefa uma correlação moderada, indicando que ambos resultados estão caminhando no mesmo sentido, positivo. E na orientação para o ego também positivo, mas fraca a correlação. Desta maneira confirmando a hipótese de que o instrumento concorrente evidenciaria resultados similares da escala TEOSQ que está em processo de validação em para- atletas e atletas Paralímpicos.

Tabela 10: Resultados de Correlação Entre as Escalas TEOSQ e POSQp, separados por Esporte Coletivos e Individuais

Escala	Correlação entre escalas TEOSQ - POSQp				
	Orientação	"rho"	"p"	Sign.	
TEOSQ - POSQp	Coletivo (N: 20)	Tarefa	0,520	0,001*	p≤0,01
		Ego	0,253	0,005*	p≤0,05
	Individual (N: 27)	Tarefa	0,333	0,001*	p≤0,01
		Ego	0,244	0,001*	p≤0,01
	TOTAL (N: 47)	Tarefa	0,330	0,001*	p≤0,01
		Ego	0,251	0,001*	p≤0,01

*correlação significante

Na sequência do trabalho, foram evidenciados os resultados dos instrumentos em relação ao gênero, proposta esta determinada nos objetivos do trabalho.

6.2.4. Resultados das Escalas em relação ao Gênero do Estudo Piloto

De acordo com a Tabela 11 podemos verificar que os participantes da pesquisa do gênero feminino apresentam uma orientação para tarefa significativamente maior que o gênero masculino (4,64 versus 4,20), assim como em relação a orientação para o ego, o resultado é parecido, ou seja, não existe diferença entre gêneros, demonstrando que ambos têm características parecidas para ego, sedo assim, levando em consideração que são para-atletas, o perfil parece ter a mesma correlação.

Tabela 11: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Para-atletas Separados por Gênero da Escala **TEOSQ**

TEOSQ	Gênero						
	Masculino (N:37)			Feminino (N:10)			
Orientação	Média (\pm)	Med.	Escore	Média (\pm)	Med.	Escore	"p"
Tarefa	4,20 (\pm 1,05)	5	29,43	4,64 (\pm 0,76)	5	32,50	0,001*
Ego	2,50 (\pm 1,23)	3	15,05	2,60 (\pm 1,56)	2,5	15,6	0,827

Intervalo de confiança de 95%

*diferença significante

Da mesma forma na escala concorrente, de auto percepção de sucesso (Tabela 12), a diferença está na orientação para o ego, ou seja, as mulheres têm um resultado de orientação para ego mais elevado que os homens (2,95 versus 2,50). Não houve diferença significativa entre gêneros em relação a auto percepção de sucesso e orientação para tarefa.

Tabela 12: Resultados de Média, Desvio Padrão, Mediana e Escore dos Para-atletas Separados por Gênero da Escala **POSQp**

POSQp	Gênero						
	Masculino (N:37)			Feminino (N:10)			
Orientação	Média (\pm)	Med.	Escore	Média (\pm)	Med.	Escore	"p"
Tarefa	3,95 (\pm 0,98)	4	24,35	4,06 (\pm 0,88)	4	24,40	0,503
Ego	2,50 (\pm 1,17)	3	17,83	2,95 (\pm 1,21)	3	17,7	0,036*

Intervalo de confiança de 95%

*diferença significante

Estabelecendo a correlação entre as escalas (Tabela 13), dentro dos gêneros, o masculino apresentou correlação significativa em ambas orientações, positiva e moderada em tarefa e positiva, porém fraca em ego. Neste sentido, no gênero masculino, a medida que se elevam as características de orientação para tarefa do TEOSQ, também se eleva a auto percepção de sucesso nas questões de orientação para tarefa; nas questões de ego, a correlação é fraca.

No gênero feminino, a correlação em relação a orientação para ego foi significativa, moderada e positiva, fato este não ocorrido na orientação para tarefa, na qual a correlação foi fraca e não significativa, confirmando que a medida que se eleva a orientação para o ego do TEOSQ, também se eleva do POSQp.

Tabela 13: Resultados de Correlação Entre as Escalas TEOSQ e POSQp, separados por Gêneros

Escala	Correlação entre escalas TEOSQ - POSQp				
	Orientação	"rho"	"p"	Sign.	
TEOSQ - POSQp	Feminino (N: 10)	Tarefa	0,044	0,739	p≤0,05
		Ego	0,433	0,001*	p≤0,01
	Masculino (N: 37)	Tarefa	0,433	0,001*	p≤0,01
		Ego	0,197	0,003*	p≤0,01
	TOTAL (N: 47)	Tarefa	0,330	0,001*	p≤0,01
		Ego	0,251	0,001*	p≤0,01

*correlação significativa

Após a realização do estudo piloto, houve a banca de qualificação, e de acordo com os resultados em relação ao instrumento testado, a próxima etapa da pesquisa foi a de estruturar os procedimentos de coleta de dados do estudo em si. Foram considerados que o instrumento apresentou um bom desempenho e direcionado a aplicação ao estudo completo, e principalmente em relação a nomenclatura dada aos atletas (para-atletas e atletas Paralímpicos), fosse estabelecida somente uma, portanto adotado a definição de para-atletas para com todos os participantes da pesquisa

6.3. RESULTADOS DO ESTUDO COMPLETO

6.3.1. Resultados do Instrumento de Identificação para Para-atletas do Estudo Completo

Todos os para-atletas convidados para participar do presente estudo, 100% aceitaram por livre e espontânea vontade. O estudo contou com participantes das cinco regiões geográficas brasileiras, assim distribuídos: 73 (9,46%) participantes da região Centro-Oeste; 142 participantes (18,41%) da região Nordeste; 18 (2,33%) participantes da região Norte; 51 (6,61%) da região Sul e por fim, o predomínio de participantes da Sudeste com (63,13% da amostra (487 participantes) (Figura 02).

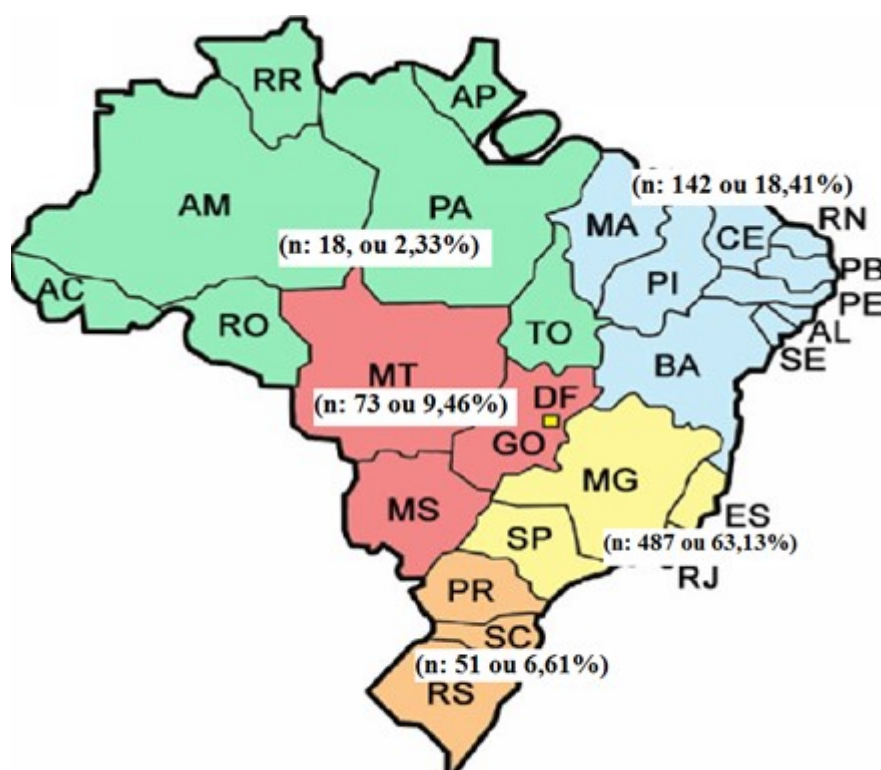


Figura 02: Mapa do Brasil Distribuído em Regiões

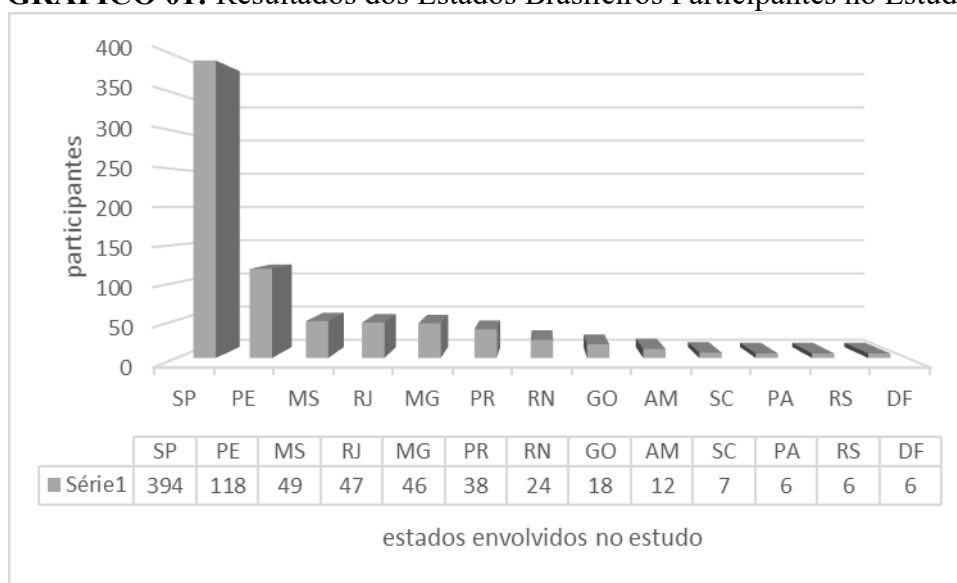
As cidades envolvidas pela pesquisa foram: Rio de Janeiro, São Paulo-Capital, Americana, Araraquara, Amparo, Atibaia, Bauru, Bragança Paulista, Campo Limpo Paulista, Franca, Itapira, Itu, Jacareí, Jaú, Lins, Guaratinguetá, Indaiatuba, Mairinque, Marília, Mogi das Cruzes, Praia Grande, Santana de Parnaíba, Ribeirão Preto, Ribeirão Pires, Santos, São Bernardo do Campo, São José do Rio Preto, Votuporanga, Taubaté,

Valinhos, Dourados, Campo Grande, Belo Horizonte, Uberaba, Uberlândia, Capivari de baixo, Curitiba, Londrina, São José dos Pinhais, Telêmaco Borba, Goiânia, Senador Canedo, Marabá, Natal, Santa Cruz, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Vitória de Santo Antão, São Sebastião, Manaus, Marabá.

Os esportes abarcados na coleta de dados foram: atletismo, basquetebol em cadeira de rodas, bocha, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5, futebol de 7, halterofilismo, judô, natação, para canoagem, remo, rugby em cadeira de rodas, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, e voleibol sentado.

Observando o Gráfico 01, verificamos a quantidade de participantes divididos pelos Estados envolvidos no estudo.

GRAFICO 01: Resultados dos Estados Brasileiros Participantes no Estudo

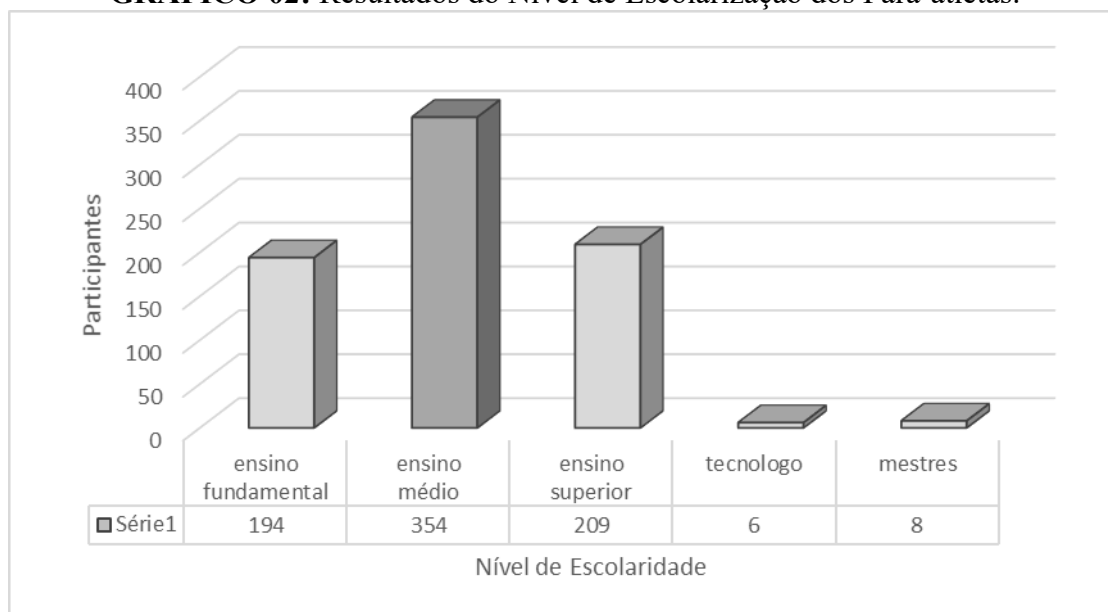


Do montante de participantes da pesquisa, 256 pessoas (33,20%) encontraram se casados e/ ou morando juntos, 14 dos participantes (1,81%) eram casados, ou moravam junto, mas atualmente o esposo ou esposa está longe de casa a mais de 12 meses. 436 (56,54%) eram solteiros ou nunca estiveram casados (as), 18 (2,33%) dos entrevistados eram viúvos(as), 30 (3,89%) sujeitos eram separados ou divorciados a pelo menos 12 meses, o restante, 18 (2,33%), estavam em outro tipo de relacionamento. Levando em consideração a média de idade dos para-atletas, é considerável que a grande maioria seja solteiro, pois a vida de atleta ainda requer grande esforço no que diz respeito a dedicação de treinamentos.

Para Peres e Lovisolo (2006) a análise da formação e desenvolvimento dos atletas de elite, a partir de sua trajetória esportiva, confirma que a família, tanto no aspecto de orientação à prática esportiva quanto no suporte emocional e financeiro, independentemente do estilo de vida do grupo familiar, é o agente social que mais contracenava com o atleta. Os mesmos autores complementam que respeitando as fases de detecção e seleção de talentos esportivos requer espaços esportivos (clubes) adequados. Em períodos posteriores, na vida esportiva, para a permanência e definição da carreira atlética foi importante estabelecer intercâmbios entre clubes e outros países, profissionalização, a convocação para seleção, o gosto por treinar; a identificação de uma personalidade de atleta; o gosto por desafio e as boas competições.

Dos 771 participantes, 194 (25,16%) só cursaram até o ensino fundamental, 354 (45,91%) só cursaram o ensino médio, 209 (27,10%) cursaram ou estão cursando o ensino superior, foram avaliados 6 (0,77%) tecnólogos e temos 8 (1,03%) mestres, observe o Gráfico 02 a seguir, observe Gráfico 02.

GRAFICO 02: Resultados do Nível de Escolarização dos Para-atletas.



Contextualizando os resultados obtidos com a literatura, Correia (2012) relata que a formação dos esportistas difere muito de uma modalidade para outra no que tange as expectativas educacionais e as características de conciliação entre a escola e o esporte. Dessa forma, o futebol e o vôlei, são as modalidades que apresentam as maiores dificuldades para os atletas. Principalmente por causa de um mercado esportivo

profissional consolidado que conseqüentemente exige desses atletas um maior nível de dedicação e tempo entre treinos e competições.

Ainda assim, observamos em nosso estudo que a grande parte dos para-atletas que participaram da pesquisa, pertence, predominantemente, ao nível de escolarização de nível de ensino médio.

Dos 771 para-atletas desta pesquisa, 555 (71,98%) treinavam em clubes públicos, e os 216 restantes, treinavam em clubes particulares ou privados (28,02%). O tempo médio de prática de esporte foi de 7,23 ($\pm 6,02$) anos, e o tempo médio de treinamento semanal (que variou de 1 a 7 dias) foi de 4,11 ($\pm 1,54$) dias semanais, sendo assim, fica clara a participação efetiva dos para-atletas na rotina de treinamento.

A idade média em que cada para-atleta se profissionalizou foi de 24,21 ($\pm 9,71$) anos. Do total, 376 (48,76%) dos para-atletas recebem salário para treinar, oriundos de bolsa atleta, Ministério do Esporte, bolsa via prefeitura onde reside, bolsa talento, bolsa loterias Caixa, bolsa do clube privado que treina, Governo do Estado, e Comitê Paralímpico Brasileiro, e o restante, 395 (51,24%) não recebem nenhum auxílio para desempenhar as funções enquanto para-atletas, estando estes subsidiados por si só.

Bompa (1996) enfatiza que dentro de diferentes modalidades esportivas, a idade de alto rendimento começa aos 16 anos (natação, lutas, esportes coletivos), e tem duração média de 8 anos. Outros esportes como atletismo, ginástica, tênis tem proposta de idade inicial de alto rendimento de 20 anos, o que nos leva a crer que devido a nova situação proposta pelo esporte adaptado, os para-atletas tem sua inserção nas modalidades tardiamente, conseqüentemente sua profissionalização também é tardia, como revelado em nosso estudo.

Em um estudo realizado com atletas de futebol, os jogadores são os maiores ativos dos clubes por que é por meio destes que as organizações alcançam suas metas financeiras e esportivas, visto que quanto maior for a qualidade desses atletas maior será a probabilidade de conquista de títulos o que gera maior arrecadação para os clubes (DANTAS et al., 2011). Portanto como esclarece os autores, os atletas tendem a ser importantes aquisições para os clubes, e a permanência deles pode gerar lucro, ao invés de prejuízo.

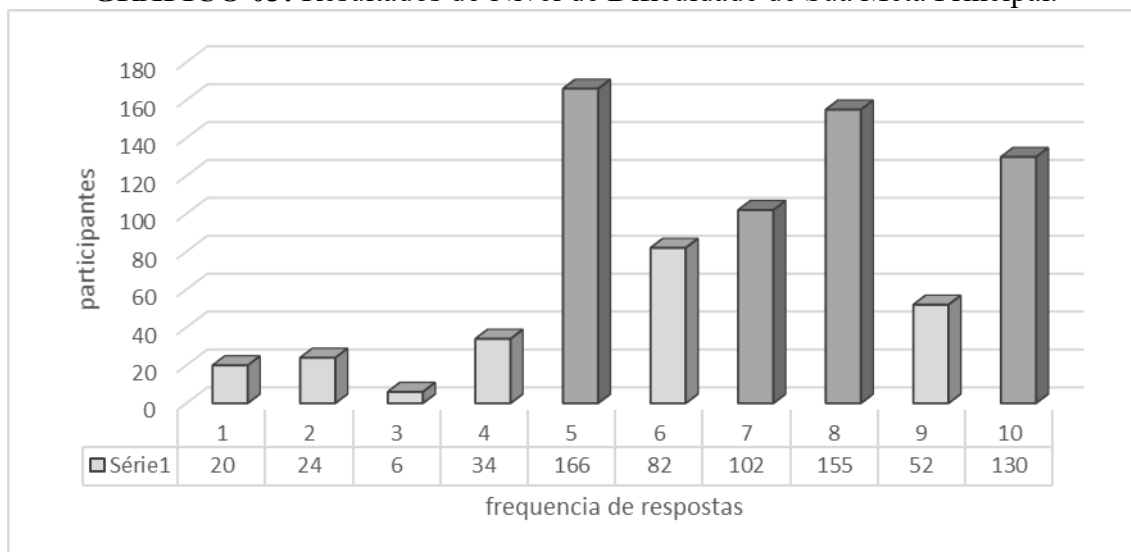
Tendo em vista a participação na seleção brasileira, dos entrevistados, 545 (70,68%) nunca foram convocados para seleção brasileira ou não obtiveram índice ou marcas para serem convocados. Isso significa, que esta expressiva maioria precisa aprimorar seus treinamentos, enquanto os 226 (29,32%) restantes, já tiveram a

oportunidade de participar de campeonatos vestindo a camisa da seleção Brasileira em diferentes modalidades. Por outro lado, todos os para-atletas já participaram de competições oficiais, entendendo que este tipo de competição são chamadas de etapas regionais, nacionais, e internacionais, realizadas entre 4 e 5 vezes ao ano, e os mesmos conseguindo atingir índices ou marcas favoráveis, tem a oportunidade de participar de campeonatos nacionais (duas etapas no ano). As competições oficiais são caracterizadas pela federação estadual dos para-atletas.

Dos 771 para-atletas entrevistados em nosso estudo, somente 12 pessoas (1,55%) não gostam de competir, pois julgam que as competições os desgastam muito e o esporte de rendimento exige muito esforço físico e mental dos para-atletas, e os 759 (98,45%) remanescentes afirmam que gostam muito de competir, dentre estes a maioria cita que deseja sempre se auto superar, vencer a si próprio, sentem prazer nos desafios da competição e querem vencer, e melhorar, sobre tudo, sua saúde e auto estima, e nas competições existe a oportunidade de conhecer outras pessoas, e os resultados mostram o quanto os treinos valeram a pena. Estes fatores citados pelos entrevistados demonstram que o resultado de um para-atleta está vinculado a perseverança e aproveitamento de oportunidades para com o contexto esportivo, tendo em vista estar sempre presente no esporte. Não gostar de competir está associado as atitudes negativas frente a competição esportiva, pois tende a remeter medo da hora da competição. Alguns autores apontam que homens aproveitam mais os momentos de competição do que mulheres, testam mais suas habilidades e gostam de treinar e praticar a modalidade escolhida, estando estas características relacionadas as atitudes positivas para competição (HIROTA et al., 2016).

Aparício et al. (2014), descrevem que a relação entre atitudes e desempenho é bidirecional e complexa. É compreensível, então, que atletas com bom desempenho em um determinado assunto tendem a ter atitudes mais positivas em relação a ele, bem como aqueles com atitudes mais positivas tendem a ter um melhor desempenho, e vice-versa.

Quando perguntados sobre o grau de dificuldade que o para-atleta atribuía a sua principal meta no esporte, o valor da mediana foi 7, seguido de média de 6,82 ($\pm 2,27$), considerando uma variação de 1 a 10 pontos, na qual 1 representava muito fácil e 10 extremamente difícil. Podemos observar no Gráfico 03 que os valores que prevalecem são o de número 5 (21,52%) e de número 8 (20,10%, Gráfico 03).

GRAFICO 03: Resultados do Nível de Dificuldade de Sua Meta Principal.

Com isso, é possível concluir, de acordo com os resultados, que a grande maioria dos participantes parece colocar metas elevadas como conquistas, portanto para que isso ocorra, é necessário treinamento aliado a melhora no desempenho. Para Zambrin et al. (2016) competir, vencer e estabelecer metas favorece a análise do atleta frente a três dimensões estreitamente ligadas a ponto de serem confundidas umas com as outras, na qual competir é um desejo, uma vontade, um ímpeto, a uma situação desafiadora e, por vezes, desconhecida sem preocupar-se com o resultado, seguido do resultado de vitória ou derrota, no entanto, desafiador; o vencer configura-se a partir da superação de um objeto e/ou adversário externo.

Sendo assim atletas de alto rendimento tem estabelecido metas mais determinantes e reais que os atletas amadores (MARTIN e GILL, 1995), devido a sua maior experiência no contexto esportivo. Como complementa Oliveira et al. (2006), a busca de um resultado munindo-se de argumentos psíquicos positivos, como ser mais determinado e perseverante, é atribuída à tendência em vencer, e o estabelecimento de metas é dado como um traço longitudinal bem definido entre o que se tem e o que se quer ter. Portanto no mundo esportivo, o que se pretende é construir uma carreira sólida, condizente com a vida esportiva do atleta e do para-atleta.

Quando perguntados sobre qual a sua principal meta enquanto para-atleta, foi realizado um infográfico e a palavra mais citada por todos os para-atletas foi “seleção brasileira”, seguida da palavra “melhorar”, “ser um melhor para-atleta”, “chegar aos

meus objetivos” e “em seus ser campeão”, como pode ser visto no Infográfico 01 a seguir:

INFOGRAFICO 01: Palavras Mais Citadas pelos Para-atletas Enquanto Meta Pessoal.



Observando os resultados encontrados no Infográfico 01, e analisando o período em que a pesquisa foi realizada, antecedendo os Jogos Paralímpicos Rio-2016, fica nítida a busca constante dos para-atletas por uma vaga na seleção brasileira, uma vez que muitos dos para-atletas estavam em procura de resultados nas competições, para poderem evoluir no cenário nacional, atingindo assim a sua principal meta.

Viana e Mezzariba (2013) afirmam que a principal meta que qualquer atleta de alto rendimento espera alcançar é ir aos Jogos Olímpicos, e a visibilidade que os jogos oferecem. Portanto, o importante é se manter na seleção brasileira, afirmam os pesquisadores.

Quando perguntamos sobre o quanto cada para-atleta acreditava que o treinamento seria importante, numa variação de 1 a 10 nas respostas, o valor de mediana revelado foi 10, seguido da média de 9,05 ($\pm 2,21$), revelando o valor atribuído a eles para o treinamento, e que sem treinamento não existe superação e melhoria do desempenho.

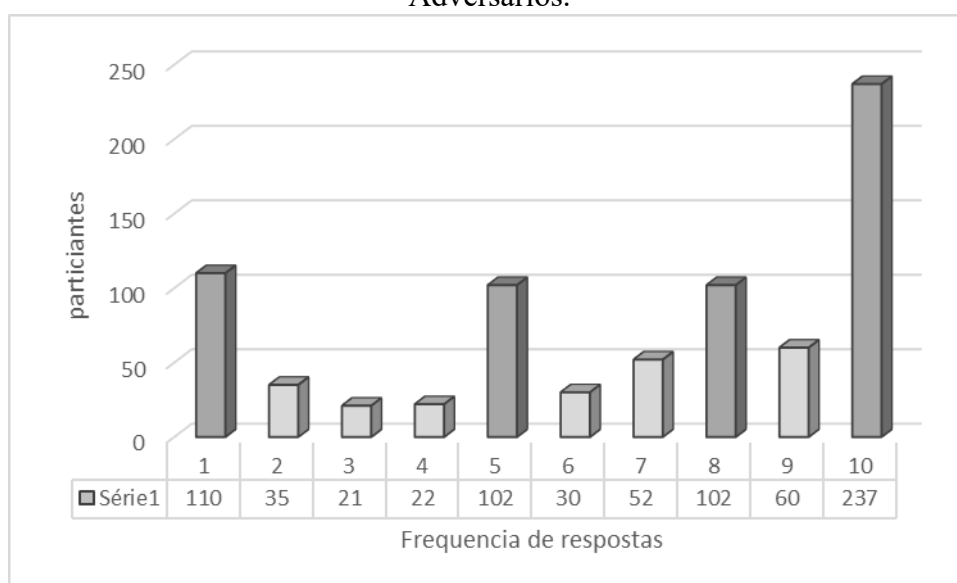
Sobre a importância da competição para os participantes da pesquisa, 565 (73,28%) dos entrevistados responderam o número 10 em seus questionários, relatando assim que a competição é extremamente importante; a média de resposta foi 9,14 ($\pm 1,82$), o restante dos entrevistados, 206 (26,72%) que assinalaram entre 1 e 9, a média

de respostas foi de 6,81 ($\pm 2,29$), e mediana de 8, confirmando a tendência dos respondentes a confirmar a importância da competição.

A competição é um momento de teste de desempenho, na qual o para-atleta tem a chance de provar a que veio. Neste momento os para-atletas devem reunir toda a bagagem que foi conquistada durante o treinamento. De acordo com Stravrou et al. (2015) a competição pode se tornar assustadora para um atleta orientado ego prejudicando o seu desempenho devido às exigências incontroláveis da situação (isto é, um adversário difícil, jogo, torcida). No entanto, para este atleta o erro pode ser justificado pelo aspecto extrínseco. A mesma competição pode ser estimada como um desafio por um atleta orientado para tarefa através da oportunidade de melhora das próprias capacidades como a situação desafiadora pode ser visto como uma oportunidade para alargar as competências pessoais, neste caso desafios e problemas são vistos como oportunidades.

Para o questionamento entre uma escala de 1 a 10, perguntando o quanto você para-atleta, se preocupa com o adversário, a mediana foi 8, média de 6,56 ($\pm 3,23$), observe Gráfico 04. Nesta perspectiva 237 (30,73%) para-atletas acreditam que os adversários representam um nível de preocupação máxima, 102 (13,22%) avaliaram em uma escala de 1 a 10 como nível 8, e dos 771, 110 para-atletas (14,26%) acreditam que os adversários não apresentam nenhuma preocupação (Gráfico 04).

GRAFICO 04: Resultados do Nível de Preocupação dos Para-atletas com Seus Adversários.



Atualmente, na vida cotidiana, empresas têm buscado pessoas com deficiência para completar o quadro de funcionários, tendo em vista a possibilidade de reintegrar os indivíduos ao cenário empregatício. Pereira et al. (2008) considera que a deficiência física não é um fator determinante na valorização de aspectos positivos e negativos do trabalho, todavia, como os trabalhadores com deficiência física possuem necessidades especiais, reconhecer o significado que atribuem ao trabalho remete a aspectos pertinentes ao ajustamento deles no contexto profissional. Sendo assim consideramos que os deficientes deveriam ter as mesmas oportunidades enquanto cidadãos frente ao mercado de trabalho.

Dando sequência ao estudo, serão apresentados a partir daqui os resultados relativos ao estudo de validação do instrumento TEOSQ, visando responder aos principais objetivos desta pesquisa.

6.3.2. Resultados de Consistência Interna do Instrumento TEOSQ do Estudo Completo

Para análise de consistência interna do instrumento foi realizado o cálculo do coeficiente *Alfa de Cronbach*, adotando assim o mesmo método como em outros estudos já realizados (FONSECA e BRITO, 2001; MAROCO e GARCIA-MARQUES, 2006; ALMEIDA, et al., 2010; LOPEZ-WALLE et al., 2011; COSTA et al., 2012). Primeiramente foram realizadas as análises referentes a questão do TEOSQ, separadamente entre as esferas de orientação para tarefa e para ego seguindo as subdivisões estabelecidas no tratamento estatístico em esporte (individual e coletivos) e gênero (feminino e masculino), como pode ser conferido na Tabela 14. Quando observamos os resultados obtidos (da esquerda para direita) referente as questões de orientação para tarefa primeiro nos esportes coletivos, observamos que todos os valores giram em torno de 0.8, demonstrando estabilidade nos resultados, já em relação aos esportes individuais, existe uma ressalva nos itens 10 e 12 em relação a orientação para tarefa, pois se estes itens forem deletados o resultado final de *Alfa* tenderia a diminuir.

TABELA 14: Resultados de Consistência Interna (*Alfa* de *Cronbach*) da Escala TEOSQ Caso Cada Item Seja Deletado, separado por Esporte (coletivo e individual), Gênero (masculino e feminino), e Total.

QUESTÕES	ESPORTE		GÊNERO		TOTAL <i>Alfa</i> TOTAL (n:771)	
	Coletivos (n:261)	Individual (n:510)	Masculino (n:549)	Feminino (n:222)		
TAREFA	2	.877	.719	.816	.670*	.804
	5	.892	.702	.829	.602*	.810
	7	.860	.700	.794*	.585*	.787
	8	.876	.750	.832	.602*	.814
	10	.873	.696*	.823	.552*	.800
	12	.880	.675*	.801	.655*	.787
	13	.866	.719	.816	.576*	.802
EGO	1	.750	.680*	.660*	.793	.708
	3	.746	.734	.642*	.806	.701
	4	.768	.796	.683*	.848	.744
	6	.852**	.698*	.808**	.850**	.824**
	9	.732	.666*	.662*	.781	.707
	11	.751	.685*	.641*	.793	.694*

*resultados que *Alfa* tenderia a diminuir se deletada a questão

** resultado de *Alfa* tenderia a se elevar se o item fosse deletado

A opção em realizar as análises de esportes coletivos e individuais e entre gêneros, foi decorrente de diversos outros estudos já realizados, com outras modalidades esportivas, no entanto estudos estes realizados somente com alguma modalidade esportiva, isoladamente como basquetebol, rúgbi, futebol e futsal masculino e feminino, e individuais como ballet, jazz, atletismo, lutas e dança (HIROTA e DE MARCO, 2006; HIROTA e TRAGUETA, 2007; CAMARGO et al., 2008; HIROTA et al., 2009; HIROTA et al., 2011; HIROTA et al., 2012; HIROTA et al., 2013; HIROTA, 2014; HIROTA et al., 2014c; HIROTA et al., 2015).

Já para as questões de orientação para o ego nos esportes coletivos existe também uma estabilidade de resultados, a não ser em relação a questão de número 6, na qual este item, caso deletado o *Alfa* tenderia a se elevar. Para os esportes individuais, nas mesmas questões de ego, as questões têm papel importante na construção final do coeficiente *Alfa*, pois se as mesmas fossem deletadas o resultado final tenderia a cair (Tabela 14).

Para o estudo da consistência interna separadamente por gênero, para orientação para tarefa os resultados de *Alfa* giram em torno de 0.8 no gênero masculino, já para o gênero feminino os valores demonstraram se todos importantes, por sua vez, se algum

dos itens fosse deletado, o resultado de *Alfa* tenderia a diminuir. Na orientação para o ego, mais uma vez foi identificado que na questão de número 6 tanto para o gênero masculino quanto para o feminino, caso esta questão fosse deletada o resultado de *Alfa* tenderia a se elevar (tabela 14).

Por fim quando analisados os resultados do estudo completo (n:771), verificamos que os resultados de cada questão pairam em torno de Coeficiente *Alfa* de 0.8, demonstrando estabilidade do instrumento. Para as questões de orientação para ego no estudo completo, os resultados de *Alfa* de cada questão do instrumento, resultaram próximos de 0.7, no entanto a questão de número 6, caso fosse deletada, elevaria o resultado do *Alfa* saindo de 0.77 para 0.82.

Quando são identificados resultados do coeficiente *Alfa* para baixo, como no caso da questão 6 apontada acima, alguns autores sugerem sua retirada, como no estudo de validação e adaptação cultural de instrumento de atenção dirigida proposto por Guirardello (2005). Na presente pesquisa, optou-se por primeiramente aguardar a confirmação dos resultados referente a essa questão na análise fatorial exploratória que será realizada abaixo (item 7.3.5).

Como podemos observar, o resultado de *Alfa* total referente a orientação para tarefa foi de 0.82, valor este próximo da literatura apresentada desde a primeira validação do instrumento (DUDA, 1992; DUDA e WHITEHEAD, 1998; FERNANDES, et al., 2004).

Contemplado os apontamentos dos juízes na primeira etapa do estudo, observamos que os resultados de *Alfa* demonstram se mais elevados que outros estudos previamente realizados com a versão anterior do instrumento. Duda (1992) obteve um coeficiente *Alfa* de tarefa de 0.72 e ego de 0.82. Newton e Duda (1993) usaram uma amostra de adolescentes esportista de elite, e obtiveram *Alfas* de orientação para tarefa de 0.78 e ego de 0.81.

Alfa de tarefa de 0.86 e ego de 0.79 foram os resultados encontrados por Flores et al. (2008) em estudantes colombianos. Bortoli et al. (2009) demonstrou resultados de *Alfa* de tarefa de 0.80 e de ego de 0.84 em jovens praticantes de esportes, fazendo uso do TEOSQ.

Na primeira testagem do instrumento, feita por Hirota e De Marco (2006), os resultados de *Alfa* foram 0.72 e 0.82 respectivamente para orientação para ego e tarefa. Em estudos mais recentes com esportistas mexicanos e espanhóis, *Alfa* de orientação para tarefa foi de 0.81 e de orientação para ego de 0.91 para mexicanos e 0.92 para

espanhóis (LOPEZ-WALLE et al., 2011). Castillo et al. (2009) em seu estudo com estudantes adolescentes espanhóis obteve *Alfa* de tarefa de 0.80 e ego de 0.85, enquanto no mesmo estudo com adolescentes portugueses o resultado de *Alfa* de tarefa foi de 0.78 e ego de 0.85. Costa et al. (2015) constatou em jovens escolares Brasileiros um *Alfa* de orientação para tarefa de 0.70 e orientação para o ego de 0.69.

Sendo assim, após esta primeira testagem dos resultados podemos considerar que o instrumento apresenta adequados e compatíveis resultados de consistência interna equivalente a perguntas que avaliam o que se propõe neste estudo. No entanto os resultados que ainda vem a ser evidenciados em passos futuros desta pesquisa diz respeito a questão Q6 de orientação para o ego, na qual, em diferentes aspectos da testagem do coeficiente *Alfa*, os resultados demonstravam que caso este item do instrumento fosse deletado, *Alfa* tenderia a se elevar.

Feita a análise de consistência interna, partiremos para a análise descritiva do instrumento.

6.3.3. Análise Descritiva do Instrumentos TEOSQ do Estudo Completo

Confirmada a consistência interna dos itens da escala, foi calculada a média, mediana e escore do instrumento, uma vez que este apresentou valores concorrentes com a literatura, conseqüentemente nos oferece o resultado esperado naquilo que o instrumento se propõe a avaliar, ou seja, detectar a orientação motivacional de para-atas, podendo ser esta orientada para tarefa ou orientada para o ego.

Observando a Tabela 15, verificamos que em relação a orientação para tarefa, os valores de média de esportes coletivos ($4,38 \pm 0,99$) são significativamente menores que os valores dos esportes individuais ($4,58 \pm 0,80$; $p=0,001$). Lembrando que o total é o resultado da soma das sete questões do instrumento referente a esta orientação, e a média se faz com a divisão do escore pelas mesmas sete questões, ou seja, para orientação de Ego somamos as 6 questões e para orientação para tarefa para obter o total somamos as 7 questões. Se desejarmos obter a média basta dividir a soma pelo total de cada orientação.

TABELA 15: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana e escore), referente a Cada Orientação Motivacional Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

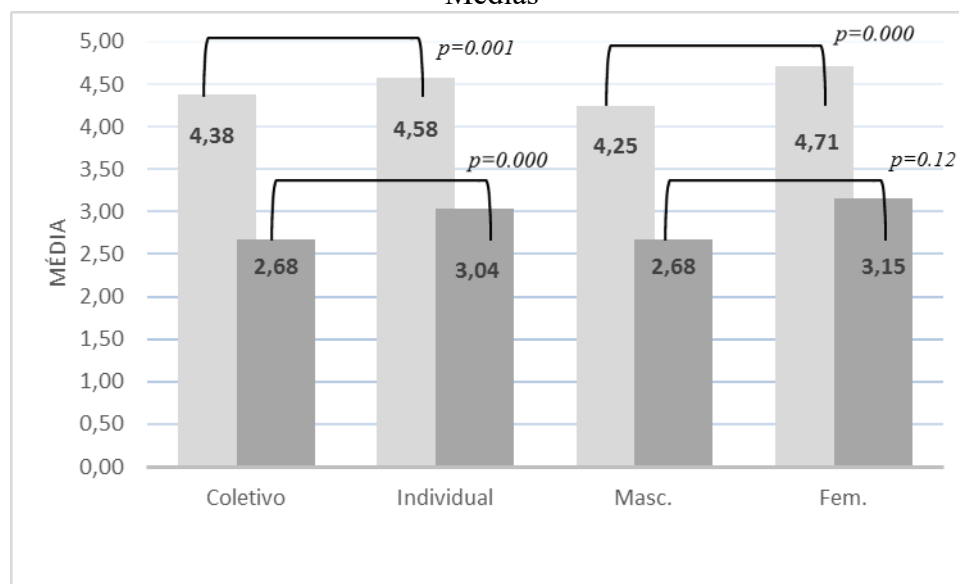
ORIENTAÇÃO		MEDIA (\pm)	MEDIANA	TOTAL
TAREFA	Coletivo	4,38 (\pm 0,99)	5	30,64
	Individual	4,58 (\pm 0,80)	5	32,03
	Masc.	4,25 (\pm 0,98)	5	31,00
	Fem.	4,71 (\pm 0,62)	5	32,95
	TOTAL	4,51 (\pm 0,87)	5	31,56
EGO	Coletivo	2,69 (\pm 1,31)	3	16,09
	Individual	3,04 (\pm 1,42)	3	18,23
	Masc.	2,68 (\pm 1,42)	3	16,95
	Fem.	3,15 (\pm 1,43)	3	18,90
	TOTAL	2,92 (\pm 1,39)	3	17,51

Nas questões de orientação para o ego, os esportes individuais também apresentam média mais elevada, valor este significativo, segundo Gráfico 05. Os valores de mediana de todos os resultados de orientação para tarefa foram 5 enquanto todos os resultados de mediana de orientação para o ego foram 3, sendo assim, valores equivalentes, portanto, no que concerne ao instrumento, os resultados apresentados parecem estar coerentes nas avaliações dos para-atletas.

O Gráfico 05 representa os valores de média referente a cada orientação, uma vez que os valores, independente, de cada orientação, pode variar de 1 a 5 pontos. Dentro da orientação para tarefa observamos que nos esportes coletivos temos média de 4,38 e nos esportes individuais média de 4,58, no entanto diferença é significativa ($p=0.001$). Para orientação para ego o valor nos esportes coletivos foi de 2,68, enquanto nos esportes individuais foi de 3,04, diferença também significativa ($p=0.001$), portanto enquanto comparados esportes coletivos e individuais, os esportes individuais têm média de tarefa e ego mais elevados que os esportes coletivos significativamente.

Estas características podem estar vinculadas à cooperação e trabalho em equipe, aspecto menos evidente nos esportes individuais. Sabe-se que no esporte individual, o trabalho é direcionado a um único atleta, enquanto no coletivo procuramos potencializar o grupo.

GRAFICO 05: Resultados de Médias de Orientação para Tarefa e Orientação para Ego de Esportes Coletivos e Individuais, Gênero Masculino e Feminino e Diferença entre Médias



Quando comparados os resultados de orientação para tarefa entre gêneros (masculino e feminino), observamos que o gênero masculino apresenta média de orientação para tarefa mais elevada (4,71) que o gênero feminino (4,25), significativamente ($p=0.001$), enquanto não se verificam diferenças por gênero em relação a orientação para o ego ($p=0.12$), sendo assim podemos considerar que ambos gêneros em relação a orientação para o ego têm médias iguais.

Em relação a orientação para o ego, os para-atletas que praticam esportes individuais apresentam média mais elevada do que os que praticam esportes coletivos (3,04 e 2,68 respectivamente), com escores confirmatórios, e diferença significativa ($p=0,001$).

Comparando os gêneros em relação a orientação para o ego, as mulheres também apresentam média de orientação para o ego significativamente mais elevada que os homens ($p=0,001$).

Conferindo os resultados de média com outros trabalhos, confirmamos que as questões referentes a orientação para tarefa e ego se assemelham nos estudos de outros autores (DUDA, 1992; CARLIN et al., 2009; HIROTA, 2014; KLAIN, et al. 2014, LOPEZ-WALLE et al., 2011; HIROTA et al., 2011b), frente aos resultados de média, mediana e escore.

Fonseca e Balagué (2001) relatam que a abordagem sócio cognitiva, por sua vez, pretende avaliar os objetivos de realização (que refletem os critérios pelos quais os

atletas avaliam a sua competência e definem o sucesso ou o fracasso da sua participação numa determinada modalidade), assumindo a existência de duas metas de orientação motivacional, ou objetivos de realização: meta de ego (quando uma pessoa se orienta fundamentalmente para demonstrar mais rendimento que os outros) e a meta de tarefa (quando a orientação está relacionada a aprender ou para executar uma tarefa com maestria, DUDA, 1993).

Desta maneira, Duda (1992) e Nicholls (1989), consideram que o indivíduo pode demonstrar sua competência através de dois padrões de orientação motivacional. O padrão de orientação à tarefa que se caracteriza por percepção da competência relacionada ao desenvolvimento pessoal e autor referenciada e, o outro padrão, chamado de orientação ao ego, a qual a percepção da competência se caracteriza por uma preocupação com o desempenho e uma comparação com outros indivíduos.

Os indivíduos que são orientados para o ego estão focados no resultado que vem a partir do seu envolvimento na tarefa, e percebem que a competência resulta da comparação com outros. Aqueles que são orientados para tarefa estão focados em melhorar as suas competências pessoais, e perceber que a competência é regida por critérios auto referidos (NICHOLLS, 1984, 1989), ou seja, orientação para tarefa envolve orientação pela avaliação do seu desempenho baseado na realização e no julgamento das suas capacidades pelo processo de comparação com ele próprio, e orientação para ego avalia seu desempenho baseado no resultado e no julgamento das suas capacidades pelo processo de comparação com os outros (CID e LOURO, 2010).

Faria (2004), enfatiza que a mulher está menos motivada intrinsecamente que o homem apesar de todos os avanços da humanidade e das posições alcançadas na sociedade, sofrendo, ainda, influências culturais em seu comportamento feminino. Atletas com níveis médios de experiência mostraram-se mais intrinsecamente motivados que os mais e os menos experientes. O que também ocorreu com os para-atletas do gênero masculino que se apresentaram mais intrinsecamente motivados que os do gênero feminino (FARIA, 2004). A tendência de orientação para o ego pode estar relacionada a certos comportamentos femininos, que estão preocupados com a vaidade ou a melhoria da beleza física; estes comportamentos podem ser considerados naturais, isto é, é advinda de sua própria natureza feminina ou essência, afirma Andreoli (2010).

Dando continuidade ao estudo para gerar evidências de validade do instrumento TEOSQ estabelecemos a correlação entre os dados totais de orientação de tarefa e orientação para o ego. Segundo essa análise, observamos que à medida que a orientação

para tarefa aumenta, a orientação para o ego tende a aumentar, comprovando, portanto, uma correlação estatisticamente positiva entre os dois domínios do instrumento em nível moderado ($rho=0,335, p=0,001$).

Nos esportes coletivos a correlação entre orientação para tarefa e ego também foi positiva, moderada e significativa ($rho=0,334, p=0,001$). Nos esportes individuais a correlação entre tarefa e ego também foi moderada, positiva e significativa ($rho=0,340, p=0,001$).

Em relação ao gênero, a correlação entre orientação para tarefa e ego no gênero feminino e masculino foram positiva, moderada e significativa ($rho=0,331, p=0,001$ e $rho=0,317, p=0,001$ respectivamente).

Desta maneira, na amostra de para-atletas do presente estudo confirmamos que a medida que a orientação para tarefa se eleva, também existe uma tendência de elevação da orientação para o ego. Smith et al. (2006) relatam que uma orientação moderada/alta para o ego, quando complementada com uma orientação elevada para a tarefa, não conduz necessariamente a estratégias mal adaptativa do comportamento, uma vez que também produz sentimentos de diversão e satisfação com a prática da modalidade, o mesmo achado em nosso estudo se constatou.

Nos estudos de Carlin et al. (2009) também feito a comparação entre esportes individuais e coletivos apresentou média de tarefa de esportes coletivos de 3,99 e individuais de 4,26; referente a orientação para o ego o resultado dos esportes coletivos foi de 2,50 enquanto os individuais apresentaram média mais elevada de 2,98, resultados estes representativos quando comparados a nossa pesquisa. Os componentes direcionais de motivação (objetivos) em grande parte determinam comportamentos de realização que aparecem em ambientes competitivos, e eles variam de acordo com o que é considerado a ser proficiente (CARLIN et al., 2009).

Zamarripa et al., (2016) relatam que quanto mais você criar possíveis habilidades no esporte a aprendizagem tende a ser estável, sendo assim a orientação para tarefa tende a prevalecer. Portanto, tomar uma atitude orientada para tarefa tende a aumentar a qualidade das ações em sua experiência atlética.

Neste sentido a conjuntura dos resultados nos leva a crer que o tipo predominante de orientação é o de tarefa, efeito este reforçado pelo bom treinamento dos para-atletas, fruto das horas e dias elevados de treinamento, implicando na qualidade, e nos resultados expressivos nas competições, e nos Jogos Paralímpicos Rio 2016.

No entanto estar atento ao tipo de competição, com diferentes graus de dificuldades, pode interferir na elevação da orientação para o ego, o que resultaria em um comportamento hipoteticamente menos estável, desequilibrando assim o bom desempenho em uma competição ou prática esportiva. Por exemplo, atividades pouco evidenciadas, tendem a elevar a orientação para o ego; jogar em um estádio no qual nunca foi visitado também.

Em estudo realizado com atletas praticantes de atletismo, esporte individual, foi observado que o gênero masculino atribui maior grau de importância a competição que o gênero feminino, no entanto apresentam maior competência técnica que o feminino (ANJOS et al., 2015).

Guedes e Silvério Netto (2013) enfatizam que atletas vinculados à maior auto-realização estão associados ao domínio/aperfeiçoamento das habilidades esportivas e por motivos de ordem fisiológica direcionados ao condicionamento físico, uma vez que os fatores de motivação mais pontuados foram “competência técnica” e “aptidão física”.

Sendo assim pessoas com altos valores de percepção de competência, tendem a ter características direcionadas a orientação para tarefa, ou seja, estão mais satisfeitos com sua vivência e prática esportiva, por este motivo tendem a treinar mais e se dedicar a rotina do treinamento.

Portanto a percepção da competência, aumenta a motivação intrínseca e o desejo de permanecer envolvido com grande esforço numa atividade (HARTER, 1981), ou seja, a motivação intrínseca aumenta com uma percepção positiva de sua própria habilidade, enquanto que uma percepção negativa de competência parece estar associada a uma diminuição da motivação intrínseca.

Descritas as características relacionadas aos aspectos de orientação motivacional que o instrumento se propõe a medir, passaremos a descrever os resultados obtidos de média e mediana de cada resposta do instrumento, observando o comportamento dos itens que o compõe.

Analisando os dados de estatística descritiva referente a cada questão do instrumento TEOSQ, notamos que na questão de número 01 (ego) e de número 02 (tarefa), a mediana na amostra total foi de 3, enquanto diferença estatisticamente significativa foi observada entre as médias de homens e mulheres ($p=0,00$), sendo mais alta entre as mulheres. Na questão 02 (tarefa), existe também uma diferença significativa ($p=0,01$) entre gêneros, portanto mulheres também tem média mais elevada. (Tabela 16)

Para as questões 03 e 04 (ego) não existiu diferença entre gêneros ($p=0,680$ e $p=0,367$), portanto ambos possuem mesma tendência de respostas, com mediana de 3. Na questão 05 (tarefa) a mediana geral foi de 5, no entanto existe diferença entre gêneros ($p=0,01$), com mulheres obtendo média mais elevada. Na questão 06 (ego), não existiu diferença significativa ($p=0,925$) entre gêneros, com mediana de 2. Para as questões 07 e 08 (tarefa), o resultado de mediana em ambas e para ambos gêneros foi de 5, no entanto na questão 07, não existiu diferença significativa entre média para os gêneros ($p=0,363$), já na questão 08, mulheres tem média mais elevada que homens significativamente ($p=0,01$). Na questão 09 (ego, $p=0,04$), demonstrou que mulheres tem média mais elevada que homens significativamente, mediana de 3. Para esta questão 10 (tarefa) a diferença entre gêneros também é significativa ($p=0,001$), com mulheres possuindo médias mais elevadas. Questão 11 (ego), mediana de 3 não existindo diferença entre média entre gêneros ($p=0,09$). Questões 12 e 13 (tarefa), em ambas o resultado de mediana foi 5; na questão 12 mulheres tem media mais elevada que homens ($p=0,00$), na questão 13 o resultado não é significativo ($p=0,64$), demonstrando equilíbrio nas respostas (Tabela 16).

Comparando os resultados entre esportes coletivos e individuais, dentro de cada questão, observamos que na questão 01 (ego) a mediana é 3, com média de esportes individuais mais elevada ($p=0,01$); questão 02 (tarefa), mediana de 5 para todos os esportes, com média de esportes individuais mais elevada ($p=0,001$); questões 03 e 04 (ego), todas medias de 3, com diferença significativa entre esportes coletivos e individuais em ambas ($p=0,001$ e $p=0,05$), com médias mais elevadas para esportes individuais. Na questão 05 (tarefa) a mediana de esportes coletivos foi 4 enquanto esportes individuais 5, com diferença significativa entre médias ($p=0,001$); questão 06 (ego), mediana de 3 em esportes coletivos contra 2 em esportes individuais, com diferença significativa ($p=0,02$) com média de esportes coletivos mais elevada; questões 07 e 08 (tarefa) todos os resultados de mediana foram 5, no entanto na questão 07 não existiu diferença significativa entre médias de esportes coletivos e individuais ($p=0,08$), enquanto na questão 08 a diferença foi significativa ($p=0,001$), com média de esportes individuais mais elevada. Questão 09 (ego), ambos resultados de mediana foram 3, com diferença significativa entre média ($p=0,001$), esportes individuais com média mais elevada. Na questão 10 (tarefa), a mediana foi 5 para ambos tipos de esportes e não houve diferença entre ambos ($p=0,99$). Na questão de número 11 (ego) a diferença foi significativa ($p=0,001$), com média de esportes individuais mais elevada, e mediana de 3

em ambos. Por fim, nas questões 12 e 13 (referente a tarefa), os resultados de mediana foram 5 para todas, no entanto na questão 12 a diferença é significativa ($p=0,001$) entre esportes coletivos e individuais com esporte coletivos demonstrando também uma tendência a media mais elevada entre médias na questão 13, na qual o resultado de média foi o mesmo para todos os esportes ($p=0,97$, observe a Tabela 16).

De forma geral, os resultados apontam, na grande maioria das questões, tanto de orientação para tarefa quanto de ego, que as medias mais elevadas nos esportes individuais e no gênero feminino, exceto na questão Q6, que se refere a bagunçar mais no treino, na qual no esporte coletivo, o grupo parece favorecer a dispersão nas atividades, e homens aparentemente são mais bagunceiros também.

Mas quando observamos os resultados de mediana, as diferenças desaparecem, devido a igualdade nos resultados, demonstrando assim, que os para-atletas tem características muito parecidas.

TABELA 16: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana-med.), referente a Cada Questão da Escala TEOSQ

Questões da escala TEOSQ	Esporte				Gênero				Total	
	Coletivo		Individual		Masculino		Feminino		Media (±)	med.
	Media (±)	med.	Media (±)	med.	Media (±)	med.	Media (±)	med.		
Q1. Eu sou o (a) único (a) habilidoso (a) para praticar/treinar/jogar (E1)	2,75(±1,37)	3	3,04(±1,51)	3	2,68(±1,42)	3	3,60(±1,41)	3	2,94(±0,75)	3
Q2. Eu aprendo um novo movimento/ técnica e isso me faz querer praticar/treinar/jogar mais (T1)	4,16(±1,03)	5	4,44(±0,82)	5	4,24(±0,98)	5	4,60(±0,63)	5	4,35(±0,75)	5
Q3. Eu pratico/treino/jogo melhor do que meus (minhas) amigos (as) (E2)	2,67(±1,25)	3	3,21(±1,38)	3	2,94(±1,31)	3	3,24(±1,46)	3	3,02(±0,75)	3
Q4. Os (as) outros (as) não praticam/ treinam/jogam tão bem quanto eu (E3)	2,47(±1,20)	3	2,78(±1,25)	3	2,60(±1,24)	3	2,87(±1,23)	3	2,68(±0,75)	3
Q5. O (a) Técnico (a)/ Professor(a) me ensina algo legal e divertido no treino/prática/jogo (T2)	4,05(±1,09)	4	4,43(±0,95)	5	4,17(±1,09)	5	4,63(±0,69)	5	4,30(±0,75)	5
Q6. Os (as) outros (as) atletas bagunçam no treino/prática/jogo e eu não (E4)	2,67(±1,44)	3	2,29(±1,47)	2	2,44(±1,51)	2	2,36(±1,37)	2	2,42(±0,75)	2
Q7. Eu pratico/jogo melhor quando me esforço mais no treino (T3)	4,48(±0,89)	5	4,62(±0,73)	5	4,57(±0,77)	5	4,57(±0,84)	5	4,57(±0,75)	5
Q8. Eu realmente me esforço muito na prática/treino/jogo (T4)	4,37(±1,01)	5	4,58(±0,69)	5	4,44(±0,87)	5	4,69(±0,61)	5	4,51(±0,75)	5
Q9. Eu marco a maioria dos pontos/gols/marcas/melhores tempos (E5)	2,84(±1,21)	3	3,57(±1,14)	3	3,31(±1,19)	3	3,36(±1,27)	3	3,32(±0,75)	3
Q10. Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar/treinar/jogar mais (T5)	4,54(±0,91)	5	4,55(±0,92)	5	4,42(±1,20)	5	4,85(±0,50)	5	4,54(±0,75)	5
Q11. Eu sou o (a) melhor no esporte (E6)	2,66(±1,32)	3	3,31(±1,36)	3	2,95(±1,33)	3	3,45(±1,45)	3	3,09(±0,75)	3
Q12. Aprender um novo movimento/técnica me faz sentir bem (T6)	4,36(±1,05)	5	4,72(±0,65)	5	4,48(±0,94)	5	4,90(±0,29)	5	4,60(±0,75)	5
Q13. Eu sempre faço o melhor que posso (T7)	4,65(±0,77)	5	4,65(±0,74)	5	4,64(±0,81)	5	4,69(±0,58)	5	4,65(±0,75)	5

Concluída a análise descritiva dos resultados, o passo seguinte foi observar o comportamento do instrumento escolhido para a etapa de validação concorrente.

6.3.4. Resultados da Validação Concorrente do Estudo

Decidiu-se pelo instrumento Ego do POSQp para realizar os testes de validação concorrente em relação ao TEOSQ. A escolha deste instrumento se deve por equiparação da linha teórica entre os dois instrumentos. Seguindo o apontamento de Pasquali (1998), no qual o polo teórico na elaboração de instrumentos psicológicos de medida enfoca a questão da teoria que deve fundamentar qualquer empreendimento científico, no caso a explicitação da teoria sobre o construto ou objeto psicológico para o qual se quer desenvolver um instrumento de medida, bem como a operacionalização do construto em itens.

Nesta etapa de validação concorrente do instrumento TEOSQ foram feitas as correlações previstas no objetivo específico, visando estabelecer correlações pautadas na auto realização e auto percepção de sucesso, segundo: a. Separadamente por esporte (coletivo e individual); b. Separadamente por gênero (masculino e feminino), e foram correlacionadas as orientações motivacionais de cada escala entre si, ou seja, orientação para tarefa do TEOSQ com Orientação para Tarefa do POSQp, e orientação para ego do TEOSQ com orientação para Ego do POSQp.

A análise descritiva realizada com o instrumento POSQp demonstrou que não há diferença nos esportes coletivos a média de auto percepção de sucesso na orientação para tarefa foi de 4,27, mediana de 4 e escore de 25,59 pontos, comparados com os esportes individuais a média se elevou um pouco, para 4,58 ($p=0,244$, Tabela 17).

TABELA 17: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana e escore), Referente a Escala POSQp Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

ORIENTAÇÃO		MÉDIA (\pm)	MEDIANA	TOTAL
TAREFA	Coletivo	4,27 (\pm 0,98)	4	25,59
	Individual	4,58 (\pm 0,83)	5	26,00
	Masc.	4,30 (\pm 0,88)	5	25,78
	Fem.	4,34 (\pm 0,78)	5	26,04
	TOTAL	4,31 (\pm 0,85)	5	25,86
EGO	Coletivo	3,11 (\pm 1,32)	3	18,64
	Individual	3,04 (\pm 1,42)	3	20,90
	Masc.	3,30 (\pm 1,26)	3	19,84
	Fem.	3,48 (\pm 1,17)	3	20,86
	TOTAL	3,36 (\pm 1,26)	3	20,14

A tabela 18 apresenta resultados da análise de validação concorrente, segundo tipo de esporte e gênero dos para-atletas. Em relação a orientação para tarefa no gênero masculino e feminino, o resultado de mediana é 5 para ambos os gêneros, seguido de 4,30 de média para homens e 4,34 de média de mulheres, diferença não significantes ($p=0,156$), desta maneira, podemos considerar que o resultado total de tarefa na auto percepção de sucesso foi de 4,31, media de 5, independente da modalidade esportiva ou gênero.

Com estes resultados podemos aferir que o grupo total do estudo possui um auto percepção de sucesso equilibrada entre si, quando em relação a orientação para tarefa, pois percebem melhor que atingem seus objetivos, principalmente os pessoais, ou seja, observam a sua auto referência, tem noção de que ultrapassam suas dificuldades, verificando a melhoria de seus desempenhos, devido a seu esforço e trabalho duro.

Referente a auto percepção de sucesso em orientação para o ego, nos esportes coletivos, o resultado de média 3,11 enquanto nos esportes individuais a média foi de 3,04, mediana de ambos de 3, diferença significativa ($p=0,001$), confirmada pelos dois pontos a mais no total do escore dos esportes individuais.

Em relação ao gênero, e auto percepção de sucesso na vertente orientação para o ego, o resultado de mediana foi igual (mediana=3), porem a média dos homens de 3,30 e mulheres de 3,48, diferença significativa ($p=0,008$), ou seja, os homens têm uma percepção de auto sucesso referida a orientação para ego mais elevada que as mulheres

(observe Tabela 17). Estes sujeitos estão preocupados em mostrar as outras pessoas que são melhores, estão mais preocupados em ganhar, e mais preocupados em derrotar os adversários.

Ao estabelecer uma correlação entre as variáveis de auto percepção de sucesso nas orientações de tarefa e ego, o resultado mostrou uma correlação fraca, positiva e significativa ($\rho=0,297$, $p=0,001$), portanto a medida que os valores de auto percepção referente a uma orientação se eleva, a outra orientação tende a aumentar, ainda que pouco. Neste sentido a prevalência de orientação para tarefa na auto percepção de sucesso foi evidenciada.

A tabela 18 apresenta resultados da análise de validação concorrente. Verifica-se que nos esportes coletivos, para orientação de tarefa e orientação para o ego, o resultado de correlação entre os dois instrumentos (TEOSQ E POSQp) foi moderado ($\rho=0,452$ e $\rho=0,561$ respectivamente) e significativo em ambos casos. O mesmo ocorreu no resultado de correlação dos esportes individuais ($\rho=0,360$ e $\rho=0,585$ respectivamente na orientação para tarefa e orientação para ego), com correlações positivas, moderadas, e significantes, observe Tabela 18. Com estes resultados de correlação, fica evidente a tendência no sentido das variáveis de ambos instrumentos, confirmando o desempenho de evidências de validade do instrumento TEOSQ pautado na mesma base teórica do POSQp.

Nas correlações estabelecidas em relação ao gênero, a escala a ser validada (TEOSQ) e a concorrente (POSQp), para o gênero masculino em relação a tarefa e ego os resultados foram moderados, positivos e significantes ($\rho=0,396$ e $\rho=0,602$); no gênero feminino, em relação a correlação das duas escalas para orientação para tarefa o resultado foi moderado, positivo e significativo ($\rho=0,305$) enquanto em relação a orientação para o ego, também foi moderado, positivo e significativo ($\rho=0,518$). Portanto em relação aos gêneros os resultados também se comportaram de maneira a evidenciar a mesma tendência de ambos instrumentos (Tabela 18).

Considerando a amostra total dos 771 para-atletas, o resultado de correlação entre o instrumento TEOSQ e POSQp demonstrou uma correlação moderada, positiva e significativa ($\rho=0,361$) em relação a orientação para tarefa, da mesma forma no domínio de orientação para ego a correlação entre as escalas foi moderada, positiva e significativa ($\rho=0,586$). Ambos os resultados confirmam a hipótese de que um segundo instrumento com mesmos aspectos teóricos evidenciará os resultados do que se pretende validar, nas diferentes subdivisões de proposta estatística.

TABELA 18: Correlação Entre as Escalas TEOSQ/ POSQp, Referente a Cada Orientação Motivacional Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

Escala	Correlação entre escalas TEOSQ - POSQp			
	Orientação	"s"	"p"	
TEOSQ/POSQp	Coletivo (N: 261)	Tarefa-Tarefa	0,452	0,000*
		Ego-Ego	0,561	0,000*
	Individual (N: 510)	Tarefa-Tarefa	0,360	0,000*
		Ego-Ego	0,585	0,000*
	masculino (N:549)	Tarefa-Tarefa	0,396	0,000*
		Ego-Ego	0,602	0,000*
	feminino (N:222)	Tarefa-Tarefa	0,305	0,000*
		Ego-Ego	0,518	0,000*
	TOTAL (N: 771)	Tarefa-Tarefa	0,361	0,000*
		Ego-Ego	0,586	0,000*

*correlação significativa

Outro calculo estabelecido com a finalidade de confirmar a evolução dos resultados foi a correlação da escala TEOSQ nos dois momentos, ou seja, orientação para tarefa no estudo completo com o teste-reteste e orientação para o ego no estudo completo com o teste-reteste (observe Item 6.4).

De acordo com os resultados podemos considerar que dentro desta etapa de desenvolvimento do trabalho a proposta de fazer um uma validação concorrente foi cumprida, uma vez que correlacionando o instrumento proposto para concorrer com o instrumento a ser validado demonstrou tendências de correlação entre os resultados moderados, no entanto todos foram significantes.

A seguir os resultados de análise fatorial exploratória do instrumento com as quais se pretende demonstrar evidencias de validade.

6.3.5. Resultados da Análise Fatorial Exploratória do Estudo

De acordo com Pasquali (2009), a validade de constructo é considerada a forma mais fundamental de validade dos instrumentos psicológicos, por constituir a maneira direta de verificar a representação comportamental das variáveis latentes.

Para realizar o cálculo de análise fatorial exploratória, seguimos os passos estipulados por Bzuneck e Guimarães (2007) e Fonseca e Brito (2001). Para isso, a primeira etapa foi constituída por verificar a normalidade dos dados fazendo uso do cálculo de Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy (KMO), obtendo o valor de 0.793, demonstrando significância ($p=0.000$). Valores iguais ou acima de 0.50 são os melhores a serem considerados válidos e aceitáveis (HAIR et al., 2009), e ainda Pallant (2007) sugere 0.60 como um limite razoável. Portanto em nossa pesquisa o valor está acima do aceitável e apresenta se significativa.

Sendo assim possibilitado o estudo de análise fatorial exploratória dos dados, foi determinado para análise a opção de não restringir o número de fatores, ou seja, aplicando o método de rotação *Varimax*, o esperado era que os fatores fossem agrupados de acordo com sua aparição de valores. Foram obtidos 3 fatores (Tabela 19). O que se pretende com este método é verificar a possibilidade de agrupamento das questões, ou seja, as questões que se propõem a avaliar a orientação para tarefa teriam que ser agrupadas em um determinado fator, e as que se propunham a avaliar a orientação para o ego se agrupariam em um segundo, ou outro fator.

Na amostra do presente estudo, foram determinados três fatores segundo análise fatorial exploratória (Tabela 19). O fator 1 foi chamado de Tarefa, pois o resultado de estratificação dos fatores (questões referentes a orientação para tarefa) se agruparam neste fator, e como podemos ver as questões de número 02 (Q2, fator=0,631), questão 05 (Q5, fator=0,596), questão 07 (Q7, fator=0,802), questão 08 (Q8, fator=0,596), questão 10 (Q10, fator=0,722), questão 12 (Q12, fator=0,728) e questão 13 (Q13, fator=0,743) estão relacionados ao fator que determinam característica de tarefa do instrumento TEOSQ.

Um segundo fator foi identificado, chamado de fator 2 ou Ego, na qual as questões de orientação para o ego foram agrupadas, ou seja, as questões de número 01 (Q1, fator=0,786), questão 03 (Q3, fator=0,795), questão 04 (Q4, fator=0,605), questão 09 (Q9, fator=0,739) e questão 11 (Q11, fator=0,824) obtiveram valores de estratificação mais elevados quando comparados aos resultados do fator 1 e fator 3.

Diferentemente do estudo original do TEOSQ (DUDA, 1992), na amostra de para-atletas do presente estudo revelou um terceiro fator que denominados fator 3. Esse terceiro fator contou apenas com a questão de número 06 (Q6) com valor de 0,871. Esta questão se destinava a orientação para o ego, no entanto, após este processo estatístico, podemos evidenciar que a Q6, não se agrupou no fator 2 ou denominado ego.

Em resumo, a análise fatorial exploratória para variáveis latentes do fator 1 (orientação para tarefa) agrupou as questões Q2, Q5, Q7, Q8, Q10, Q12 e Q13; do fator 2 (orientação para o ego) agrupou Q1, Q3, Q4, Q9, Q11; enquanto o fator 3 foi composto apenas pela Q6 (tabela 19).

Neste caso podemos concluir que a questão Q6 parece não avaliar o que se propõe, ou seja, quando perguntamos aos para-atletas “Os (as) outros (as) atletas bagunçam no treino/prática/jogo e eu não”, parece que os resultados não medem a orientação para o ego. Os valores de *eigenvalues* (autovalores) apresentam a possibilidade máxima de extração das variâncias, o que carregaria uma variância acumulada de 58,87%, confirmando a presença de 3 fatores. Esses resultados sugerem a reformulação ou mesmo a exclusão do item 06 da escala TEOSQ.

TABELA 19: Estratificação Fatorial em Relação a Escala TEOSQ

QUESTÕES	FATOR 1 (Tarefa)*	FATOR 2 (Ego)**	FATOR 3 ***
01 (Ego)	0,140	0,786**	-0,114
02 (Tarefa)	0,631*	0,225	-0,286
03 (Ego)	0,152	0,795**	-0,086
04 (Ego)	0,033	0,605**	0,207
05 (Tarefa)	0,596*	0,326	0,069
06 (Ego)	0,063	0,145	0,871***
07 (Tarefa)	0,802*	-0,008	0,042
08 (Tarefa)	0,596*	0,190	0,218
09 (Ego)	0,090	0,739**	0,217
10 (Tarefa)	0,722*	0,021	-0,006
11 (Ego)	0,090	0,824**	0,011
12 (Tarefa)	0,728*	0,195	-0,247
13 (Tarefa)	0,743*	-0,062	0,209
Eigenvalues	4,24	2,30	1,09
% Variância	32,668	17,708	8,389

Hair et al. (2006) sugerem que a extração dos valores deve continuar até o pesquisador captar, cerca de 60% da variância total somada, desta maneira o fator 1 com

eigenvalue de 4,24, representa quase 33% da variância total, o fator 2 uma variância de aproximadamente 18%, e o fator 3 com mais 8%, acumulando um total de 59%.

A Tabela 19 apresenta as comunalidades associadas a cada variável. Hair et al. (2009) afirmam que as comunalidades representam a proporção da variância para cada variável incluída na análise que é explicada pelos componentes extraídos. Por exemplo, os dois fatores extraídos explicam 51,0% da variância. Usualmente o valor mínimo aceitável é de 0,50 para cada questão de eigenvalues (autovalores, HAIR et al., 2009).

Colocando a prova a estratificação fatorial dos valores referentes a escala TEOSQ, observamos na Tabela 20 que tanto para as questões referentes a orientação para ego quanto nas questões de orientação para tarefa, os valores superaram os limites estabelecidos como limítrofes para avaliar o que se propõem, superando a estratificação mínima de 0,40 (PEDHAZUR, 1982), sendo assim, todos os valores das questões contemplam o resultado, inclusive a Q6. Seguindo da porcentagem de variância, verificamos que a questão de número 01 referente ao ego concentra a maior porcentagem de variância, seguida da questão 02 e decaindo à medida que se esgotam as questões.

TABELA 20: Estratificação Fatorial em Relação a Escala TEOSQ

QUESTÕES	<i>Estratificação</i>
01 (Ego)	,651
02 (Tarefa)	,532
03 (Ego)	,664
04 (Ego)	,511
05 (Tarefa)	,567
06 (Ego)	,784
07 (Tarefa)	,647
08 (Tarefa)	,440
09 (Ego)	,603
10 (Tarefa)	,522
11 (Ego)	,688
12 (Tarefa)	,630
13 (Tarefa)	,601

Em concordância com as etapas de análise fatorial exploratória realizada nesta etapa da pesquisa indicando problemas com a questão de número 06, somam-se evidências de etapas anteriores realizadas nesta pesquisa. Os primeiros indicativos

destes problemas foram identificados logo nos primeiros resultados, como por exemplo na Tabela 01 sobre a consistência interna do instrumento, em esportes coletivos, gênero masculino, feminino e total de resultados do instrumento.

De acordo com Correr et al. (2008), para a retirada da questão de um instrumento deve ser levada em consideração a análise do impacto da retirada de cada questão ao valor referente ao domínio e ao escore geral. Casos em que a retirada da questão implicasse acréscimo superior a 1% ao valor de *Alfa* do domínio ou do escore geral conduziam à exclusão da pergunta da versão traduzida do instrumento. Em nosso estudo, levando em consideração o resultado do coeficiente *Alfa* passaria de 0.77 para 0.82 não superando, portanto o 1% estipulado.

Visando conferir o melhor modelo para o TEOSQ, assim como para ajudar a decidir pela retirada ou não da Q6, realizamos ainda a análise fatorial confirmatória, que será apresentada abaixo

Outros estudos de validação conferiram a retirada de itens do instrumento devido a concordância nos itens ou opção dos autores, seguindo os passos de análise de consistência interna do instrumento e análise fatorial exploratória. (BITTAR et al., 2006; CORRER et al., 2009; RABELO et al., 2011).

6.3.6. Resultados da Análise Fatorial Confirmatória do Estudo Completo

A proposta da análise fatorial confirmatória é observar o comportamento dos fatores que definem fator como a combinação linear das variáveis (estatísticas) originais, ou seja, buscar as variáveis que se ligam com cada tipo de orientação (tarefa e ego) (Hair et al. (2006)

De acordo com a Figura 03 podemos observar os resultados das cargas fatoriais, resultados estes oriundos da análise fatorial confirmatória. Os procedimentos foram realizados seguindo os passos de Duda (1992), na qual devem ser agrupados os fatores relacionados a cada orientação motivacional, portanto as questões de orientação para o ego se agruparam com o fator determinante, e referente a orientação para tarefa em outro fator. Em nossa pesquisa, a questão Q6 foi mantida no fator 2, orientação para o ego, com a finalidade de verificar o comportamento da variável, evidenciando assim o resultado e confirmando a proposta de possível retirada ou não deste item do instrumento.

Nosso estudo demonstrou valores parecidos com o estudo recente de Lopez-Walle et al., (2011) que realizou o mesmo procedimento estatístico com a escala TEOSQ. Observamos que dentre os valores residuais o que mais toma destaque é referente a Q6 (0,15), dentro do fator de orientação para ego. Nas questões de orientação para tarefa foi observado um padrão simétrico dos dados. Adotou-se 0.40 como limite aceitável da contribuição da variável na criação do fator com o objetivo de evitar o problema da indeterminação da relação entre variáveis e fatores (HAIR et al., 2009). Nestas condições efetivou-se mais uma premissa na hipótese de possível retirada da Q6 do instrumento para a orientação para o ego (Figura 03)

As demais questões, referente a orientação para o ego, demonstraram resultados de cargas fatoriais de Q1=0.74; Q3=0.76; Q4=0.48; Q9=0.68 e Q11=0.87 (vide Figura 03, resultados estes de bom consenso. Enquanto as questões de orientação para tarefa, demonstraram os seguintes resultados de cargas fatoriais: Q2=0.61; Q5=0.60; Q7=0.72; Q8=0.65; Q10=0.65; Q12=0.71 e Q13=0.64, apresentando assim resultados condizentes com a literatura, e acima do limite pré-estabelecido (Figura 03)

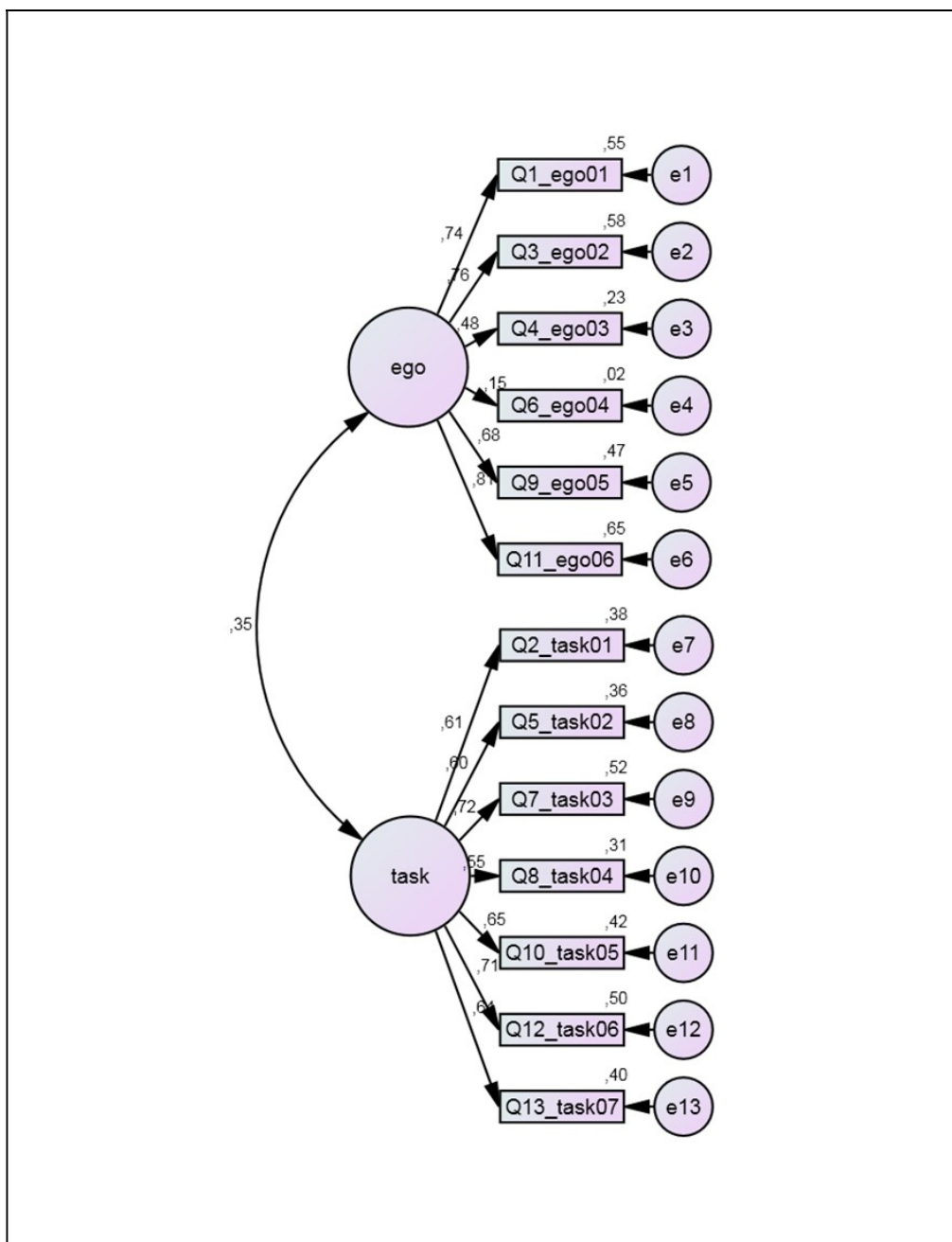


Figura 03: Resultados das Cargas Fatoriais de Estimativas dos Valores Padronizado

O valor de covariância total entre tarefa e ego em nosso estudo foi de 0.35 ($p=0,001$) significativa, enquanto de Lopez-Walle et al., (2011), foi de 0.33. Portanto tanto nas questões de orientação para tarefa quanto de orientação para o ego os resultados apresentam se estáveis.

Dentre as cargas fatoriais confirmatórias (Figura 04), observamos que o valor mais baixo se refere a orientação para o ego, justamente na Questão 6 (0.20), enquanto todos os demais valores se apresentam elevados. Os demais valores se referem a as

médias e desvios de cada questão do instrumento, demonstrando mais uma evidência de possibilidade de exclusão deste item do instrumento.

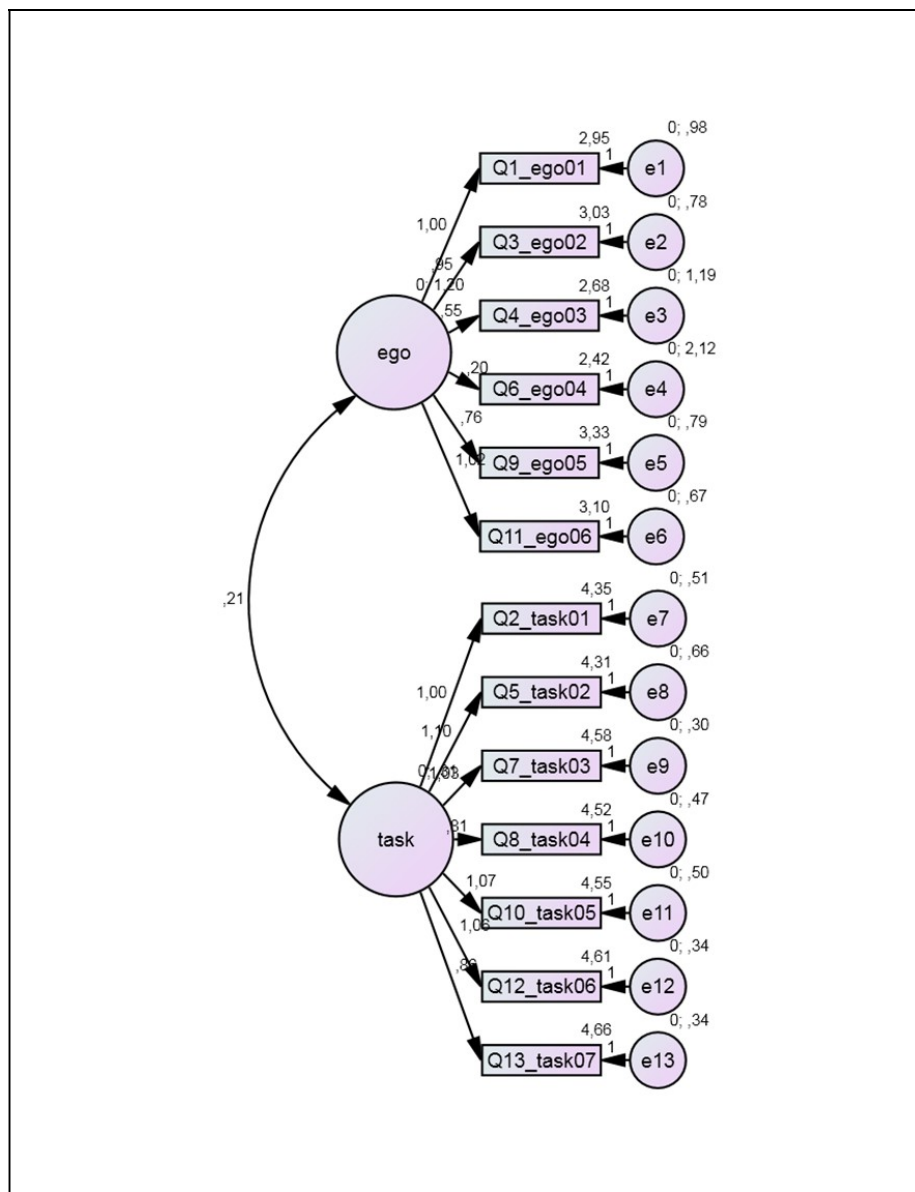


Figura 04: Resultados das Cargas Fatoriais Residuais da Análise Fatorial Confirmatória.

Observando os valores de regressão na Tabela 21, os mesmos agrupados pelas orientações motivacionais (ego e tarefa), toma destaque mais uma vez a Q6, com valor abaixo da estimativa (0,149); todos os demais acima de 0,40, confirmando o agrupamento dos valores encontrados relacionados a fatores distintos (tarefa e ego)

TABELA 21: Estratificação dos Valores de Regressão Escala TEOSQ

Questões	Ego	Tarefa
Q13 tarefa 07	0	0,636
Q12 tarefa 06	0	0,709
Q10 tarefa 05	0	0,646
Q8 tarefa 04	0	0,553
Q7 tarefa 03	0	0,724
Q5 tarefa 02	0	0,601
Q2 tarefa 01	0	0,613
Q11 ego 06	0,808	0
Q9 ego 05	0,685	0
Q6 ego 04	0,149	0
Q4 ego 03	0,482	0
Q3 ego 02	0,761	0
Q1 ego 01	0,743	0

Considerando os resultados observados pela análise fatorial confirmatória, apresentamos evidências de que a questão 06 não se enquadra no modelo observado, com valores aquém dos apresentados pelas demais questões e frente ao referencial teórico, confirma a hipótese levantada na análise de consistência interna do instrumento.

Por fim, a última etapa de testagem do instrumento para verificar validade do instrumento TEOSQ, foi estabelecida a seguir no teste-reteste.

6.4. RESULTADOS DO TESTE – RETESTE

De acordo com os procedimentos metodológicos, o teste-reteste foi aplicado entre 3 e 4 semanas após a realização do estudo completo, e os resultados foram testados com os mesmos processos estatísticos.

O resultado de consistência interna do instrumento em relação a orientação para o ego no teste-reteste foi de 0.753, muito próximo do resultado do estudo completo (0.77) e do estudo piloto (0.77). Referente a orientação para tarefa, o resultado total de *Alfa* no reteste foi de 0.801, enquanto no estudo completo o resultado de *Alfa* revelado foi de 0.82 e no estudo piloto de 0.89, portanto reafirmando a consistência interna do instrumento em ambas orientações.

Entre os resultados referentes a cada questão de orientação para tarefa, persiste um balanceamento dos resultados próximos do extrato de 0.80, assim como no estudo

completo, portanto a similaridade das questões do instrumento referente a orientação para tarefa demonstra um bom resultado. Mais uma vez em relação a orientação para o ego, a análise estatística dos dados nos levou a ressaltar que a questão de número 06 apresenta tendência de elevar o coeficiente *Alfa* total, caso este item seja deletado, sendo assim, o valor total da orientação se elevaria de 0.75 para 0.81, reafirmando os resultados do estudo piloto e o estudo completo (Tabela 22)

TABELA 22: Resultados de Consistência Interna (*Alfa de Cronbach*) da Escala TEOSQ Caso Cada Item Seja Deletado, no Teste-Reteste

	Questões	Teste-Reteste (n:280)
Tarefa	2	0.732
	5	0.825*
	7	0.717
	8	0.720
	10	0.717
	12	0.727
	13	0.753
Ego	1	0.699
	3	0.700
	4	0.683
	6	0.816*
	9	0.688
	11	0.700

* resultado de *Alfa* tenderia a se elevar se o item fosse deletado

Confirmada a consistência interna do instrumento, o próximo passo foi realizar a análise fatorial exploratória do TEOSQ. Testando a normalidade dos dados o resultado de KMO foi de 0,713 e significativo ($p=0,001$), superando mais uma vez o valor de 0,50 determinado por Hair et al. (2009). Este valor confirma a possibilidade de efetuar a análise fatorial exploratória dos dados, seguindo os mesmos passos do estudo completo, com rotação *Varimax* sem a limitação de número de fatores.

Observando a tabela de estratificação fatorial (Tabela 23), notamos que os resultados se agruparam em 3 fatores novamente com suas respectivas variáveis latentes, portanto as questões com características de tarefa se agruparam em um fator, denominado fator 1, as de orientação para o ego, se agruparam em um segundo fator, denominado fator 2, e a questão de número 6, se despreendeu do fator relacionado ao ego, compondo um terceiro fator (fator 3).

TABELA 23: Estratificação Fatorial, Método Varimax, em Relação a Escala TEOSQ no Reteste

QUESTÕES	FATOR 1 (Tarefa)*	FATOR 2 (Ego)**	FATOR 3 ***
01 (Ego)	0,211	0,279*	0,082
02 (Tarefa)	0,458*	-0,001	-0,049
03 (Ego)	-0,175	0,346*	-0,160
04 (Ego)	-0,356	0,369*	0,073
05 (Tarefa)	0,432*	-0,040	0,068
06 (Ego)	-0,159	-0,033	0,945***
07 (Tarefa)	0,081*	-0,015	-0,008
08 (Tarefa)	0,107*	-0,007	-0,007
09 (Ego)	-0,007	0,195*	-0,012
10 (Tarefa)	0,211*	-0,029	-0,044
11 (Ego)	0,185	0,280*	-0,054
12 (Tarefa)	0,074*	-0,007	-0,019
13 (Tarefa)	0,353*	-0,012	-0,004
Eigenvalues	3,70	2,57	1,23
% Variância	38,52	19,77	9,48

As questões de orientação para tarefa, demonstraram os seguintes resultados de cargas fatoriais latentes: Q2=0.45; Q5=0.43; Q7=0.08; Q8=0.10; Q10=0.21; Q12=0.07 e Q13=0.35, apresentando assim resultados relacionados ao fator 1. Já as questões, referente a orientação para o ego, demonstraram resultados de cargas fatoriais latentes de Q1=0.27; Q3=0.34; Q4=0.36; Q9=0.19 e Q11=0.28, resultados estes não tão expressivos como no estudo completo, no entanto demonstrando latência, se agrupando no fator 2.

Em relação a comunalidade dos dados, apresentado pela variância somadas às porcentagens de variância (38,52% referente ao fator 1, 19,77 referente ao fator 2 e 9,48 referente ao fator 3) resultou em um total de 67,77%. Esse achado pode ser considerado adequado e valido, pois a extração de valores foi capaz de captar pelo menos 60% da variância total somada (Hair et al., 2006).

Confirmada a presença de um terceiro fator, na qual a Q6 se enquadra, temos mais uma razão para sugerir a retirada desta questão do instrumento. Verificada a validade do instrumento, foi calculada a estatística descritiva frente ao que o instrumento se propõe a oferecer, ou seja o resultado de orientação motivacional.

Referente a média de orientação para tarefa, o resultado foi de 4,59 ($\pm 0,45$) com mediana de 5. A média de orientação para o ego foi de 3,01 ($\pm 0,85$), com mediana de 3.

O escore de orientação para tarefa foi de 32,19 pontos enquanto de orientação para o ego foi de 18,09 pontos.

Alusiva a escala POSQp, instrumento utilizado para efeito de validação concorrente, o escore de tarefa foi de 26,71 pontos e de orientação para o ego foi de 20,51 pontos. A média de auto percepção de sucesso de orientação para tarefa foi de 4,31 ($\pm 0,85$), mediana de 5; referente a orientação para o ego, a média de auto percepção de sucesso dos para-atletas foi de 3,36 ($\pm 1,26$), mediana de 3.

Destacamos que em ambos os instrumentos, a orientação para tarefa (TEOSQ e POSQp) revelaram mediana de 5, enquanto na orientação para ego a mediana também foi igual, com valor de 3 nos para-atletas estudados.

Por fim com a finalidade de testar o instrumento a ser validado com um outro, foi estabelecida a correlação de Spearman (*rho*) entre o TEOSQ e o POSQp, entre orientação para tarefa e orientação para ego separadamente, desta maneira, a correlação entre a orientação para o ego demonstrou que um valor de 0,474, ou seja, a correlação é positiva, moderada e significativa ($p=0,001$), portanto reforçando os resultados do estudo completo. Na orientação para tarefa o resultado da correlação foi de 0,223, sendo assim, afirmando uma correlação fraca, positiva porem significativa ($p=0,001$).

Desta maneira o estudo teste-reteste vem reafirmar e confirmar a hipótese de que o instrumento TEOSQ tem possíveis correlações com o instrumento POSQp, utilizado como correlacionável, portanto aferindo que a medida que as características de orientação para tarefa do TEOSQ aumentam, também aumentaria significativamente as características relacionadas a tarefa na questão de auto percepção de sucesso (POSQp).

Sendo assim para-atletas que treinam mais, buscam seus objetivos pelo seu esforço, são mais persistentes e gostam de competir, também se percebem como auto satisfeitos com seus resultados, ou pelo menos tem noção dos resultados obtidos e das possibilidades de melhora.

Como afirmam Fonseca e Brito (2001), atletas orientados para tarefa sentem se com mais sucesso quando demonstram clara melhoria no seu rendimento, e os orientados para o ego, sentem se com mais sucesso quando derrotam seus adversários.

Contudo, a teoria orientação de meta é fundamentada na teoria da auto realização, assumindo que as pessoas podem variar na forma como eles definem realização e julgam sua auto percepção de competência percebida. Perspectiva de meta individual influencia a forma como se pensa, sente e age em situações de realização, tais

como educação e esportes (NICHOLLS, 1984). Por este motivo uma pequena variação no resultado pode ser encontrada (diferença entre tarefa e go).

Desta maneira, assim como no estudo completo, no teste-reteste observamos um claro resultado de características dos para-atletas direcionados a orientação para tarefa, ou seja, na grande maioria dos casos o foco está em si, e não nos outros.

Assim, a percepção de competência tende a ser auto referenciada, se o indivíduo é orientado para a tarefa. Por outro lado, quando uma orientação ego prevalece as pessoas tendem a estar preocupado com a sua capacidade e ver a demonstração pessoal de qualidade superior como aspecto fundamental direcionado a obter sucesso. Indivíduos orientados para o ego tendem a julgar a sua própria competência em relação aos outros (CASTILLO et al., 2009), muitas vezes demonstrando superioridade nas atitudes, mas nem sempre nos resultados.

Descrito as características referentes as orientações motivacionais, uma vez aferidas no estudo completo e confirmadas no reteste, partimos para as correlações dos resultados do reteste.

Correlacionando a orientação para tarefa entre estudo completo e teste-reteste, o resultado aferido foi de 0,693 ($p=0,001$), moderado (com tendência de forte), positivo e significativo, ou seja a medida que se aumentou a orientação par tarefa no estudo completo, o mesmo aconteceu com o teste-reteste; referente a orientação para o ego, o resultado foi positivo, forte e significativo ($rho= 0,701, p=0,001$), reafirmando a hipótese e confirmando os resultados do estudo em relação a aplicabilidade do instrumento.

Sendo assim, o desempenho do instrumento em relação ao estudo completo foi confirmado no teste-reteste.

Assim, no presente trabalho para testagem de validade do TEOSQ, não foi demonstrado haver discordância, ocorrida no delineamento do estudo completo e do teste-reteste, evidenciando a dissonância da questão de número 6, relativa a orientação para o ego, no qual recomenda se a possibilidade de retirada da questão (Q6) para fins de conclusão da evidencias de validade do instrumento.

Por fim, de acordo com Oriá e Ximenes (2010) a tradução e adaptação de instrumentos previamente validados em outros países é um procedimento legítimo, além de reduzir custos e facilitar o intercâmbio entre pesquisadores em âmbito internacional, e de evidenciar possibilidades e viabilizar instrumentos nas devidas línguas e linguagens.

7. SÍNTESE DAS ANÁLISES

Pautando-se no objetivo do trabalho, este teve como objetivo principal apresentar evidências de validade do instrumento TEOSQ e observando os passos metodológicos, consideramos que o instrumento, frente as análises estatísticas apresenta-se válido e fidedigno para a população de para-atletas Brasileiros.

Contando com as análises de juízes, com as quais foram refeitas as revisões dos constructos, o instrumento que tem por finalidade a avaliação da orientação motivacional, se adequou aos parâmetros não só de competição, mas para os momentos em que o esporte pode ser praticado, ou treinado, como remete o instrumento: ... *“treinar, praticar, jogar”*...; e acrescentando as devidas possibilidades de diferença de gêneros para as respostas, ou seja, aos diferentes momentos em que o esporte pode ser praticado, testado e vivenciado.

Estas possibilidades enfatizam que os para-atletas passam por diversos e diferentes momentos no seu treinamento diário, e as avaliações podem ser constantes, com a devida aplicação do instrumento proposto, portanto não só frente a competição, mas como se pretende avaliar em algumas das assertivas do instrumento TEOSQ, melhora ou aprendizagem de uma técnica ou habilidade motora que está relacionada ao treinamento.

Dentro deste contexto, existe a possibilidade de avaliação durante a aprendizagem esportiva, ou durante a troca de modalidades esportivas, por exemplo, como é comum em para-atletas, a mudança de modalidades, ou o treinamento em mais de uma modalidade.

Um dos possíveis desdobramentos do estudo seria a exclusão da questão seis, que gerou um terceiro fator. Isso aceito, haveria uma mudança na ordem das questões. Assim, adotando os passos de Pasquali (1998, 1999, 2009), uma vez que com a retirada de uma questão de orientação para ego, foram aglomeradas as questões de orientação para tarefa. Observe a figura a seguir com a disposição anterior e a nova disposição possível das questões do instrumento TEOSQ:

Questões do TEOSQ													
ordem	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Anterior	e1	t1	e2	e3	t2	e4	t3	t4	e5	t5	e6	t6	t7
Final	e1	t1	e2	t2	t3	e3	t4	e4	t5	e5	t6	t7	

Figura 05: Redistribuição das Questões do Instrumento TEOSQ

Desta maneira formalizou se o instrumento (TEOSQ⁶), em sua versão final com as seguintes assertivas, já com a exclusão do item 06:

Instrução: “Quando você tem mais SUCESSO no esporte que você pratica/treina/joga? Ou seja, quando Você sente que a sua PRÁTICA foi realmente boa para você? ”

1. Eu sou o (a) único (a) habilidoso(a) para praticar/treinar/jogar (E1)
2. Eu aprendo um novo movimento/ técnica e isso me faz querer praticar/treinar/jogar mais (T1)
3. Eu pratico/treino/jogo melhor do que meus (minhas) amigos (as) (E2)
4. O (a) Técnico(a)/ Professor(a) me ensina algo legal e divertido no treino/pratica/jogo (T2)
5. Eu pratico/jogo melhor quando me esforço mais no treino (T3)
6. Os (as) outros (as) não praticam/treinam/jogam tão bem quanto eu (E3)
7. Eu realmente me esforço muito na prática/treino/jogo (T4)
8. Eu marco a maioria dos pontos/gols/marcas/melhor tempo (E4)
9. Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar/treinar/jogar mais (T5)
10. Eu sou o (a) melhor no esporte/treino/prática (E5)
11. Aprender um novo movimento/jogada/técnica me faz sentir bem (T6)
12. Eu sempre faço o melhor que posso (T7)

O instrumento permaneceu em uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos, ou seja, 1=nunca; 2=poucas vezes; 3=algumas vezes; 4=muitas vezes e 5=sempre, mantendo a distribuição das respostas.

Os cálculos referentes ao instrumento continuariam da mesma maneira como pré-determinado nos estudos primeiros de validação do instrumento (DUDA, 1992), ou

⁶ Apêndice 03: proposta de versão final do TEOSQ

seja, mediana referente a orientação para tarefa e mediana referente a orientação para o ego; ainda existe a possibilidade de cálculo das médias de cada orientação, na qual deverão ser somados as questões de orientação para tarefa e ego separadamente e dividido pelo total de cada, ou seja, na orientação para tarefa somam se as questões $(2+4+5+7+9+11+12)/7$, permanecendo da mesma maneira que da versão original e nas questões de ego $(1+3+6+8+10)/5$, ambas com variação de 1 a 5 pontos, no entanto com a exclusão da Q6, haveria a redução no cálculo de média referente a esta orientação.

Por fim para se estabelecer os escores (observe sequência de questões na Figura 05) referente a cada orientação, basta somar os resultados obtidos dentro de cada resposta, sendo assim para orientação para tarefa somam se $2+4+5+7+9+11+12$, podendo este variar de 7 até 35 pontos, e na orientação para o ego somar os resultados das respostas das questões $1+3+6+8+10$, podendo variar de 5 até 25 pontos.

Estas considerações foram possíveis, devido os passos realizados no estudo piloto, que demonstrou pelo resultado de Coeficiente *Alfa* que se esta questão fosse excluída o resultado de *Alfa* se elevaria.

Outras testagens foram realizadas no estudo piloto, como o cálculo das estatísticas descritivas referente a cada orientação (valores concorrentes com a literatura), separadamente por gêneros, e esportes coletivos e individuais, e atletas Paraolímpicos e para-atletas, e no processo de qualificação, foi determinado pela banca examinadora que mantivéssemos somente para-atletas, deficientes físicos. As correlações entre instrumentos foram favoráveis e significantes (Tabelas 16 e 19), demonstrando que o instrumento concorrente agregaria em etapas futuras.

No estudo completo, contanto com a população proposta no método, foi reafirmada a consistência interna do instrumento (Tabela 14), todavia, mais uma vez, com destaque para a questão de número 06 (Q6), uma vez que se retirado este item, o valor de consistência interna (*Alfa*) tenderia a se elevar, tanto em esportes coletivos e individuais como em ambos gêneros.

Seguindo com os tratamentos estatísticos, na Tabela 15, foram apresentados os resultados de estatística descritiva referente ao instrumento TEOSQ de cada orientação motivacional, valores estes concorrentes e coerentes com a literatura (DUDA, 1992; LOPEZ-WALLE et al., 2011; HIROTA et al., 2011a; HIROTA, 2014; KLAIN, et al. 2014).

O próximo passo foi executado a partir da análise fatorial exploratória, na qual foram revelados três fatores: fator 01: orientação para tarefa; fator 02: orientação para o

ego e um terceiro fator, no qual se foi alocado a questão de número 06 (até então constante na orientação para o ego), portanto esta questão não avalia o que se é proposto, neste estudo (Tabelas 25 e 26).

Na validação concorrente os resultados revelados foram tendenciosos positivamente, com significância nas correlações de *Spearman* (Tabela 18), demonstrando o bom desempenho do instrumento proposto na validação.

Por fim foi desdobrado o teste-reteste, contando com cerca de 30% da população avaliada (n:280), na qual foram reaplicados os instrumentos TEOSQ e POSQp. Os resultados de consistência interna do instrumento TEOSQ reafirmaram que se a questão 06 fosse excluída o coeficiente *Alfa* de orientação para ego se elevaria, superando os 0,80 pontos (Tabela 22). Estes resultados foram reafirmados com a análise fatorial exploratória feita no teste-reteste com a questão 06 foi realocada em um terceiro fator, que não atende a orientação para ego, proposta pelo instrumento (Tabela 22).

Desta maneira sugerimos a retirada da questão 06, que compõe a orientação para o ego, uma vez que em todas as testagens, foi evidenciado estatisticamente que o instrumento final teria um comportamento mais fidedigno sem esta assertiva (Q6).

Isto implicou no recálculo da estatística descritiva do instrumento, uma vez que os resultados de coeficiente *Alfa*, já calculados (Tabelas 01, 02 e 03), teriam as seguintes contagens: referente ao estudo piloto *Alfa* de orientação para tarefa permaneceria com 0.89 e na orientação para o ego, *Alfa* se elevaria para 0.83; no teste-reteste o resultado de *Alfa* de orientação para ego que foi de 0.75, se elevaria para 0.81.

Como podemos observar na Tabela 24, foram recalculados os resultados de média (\pm), mediana e escore de cada orientação proposta pelo instrumento. Desta maneira, nas questões de orientação para tarefa não houve nenhum tipo de alteração, uma vez que não foi retirada nenhuma questão do instrumento.

No entanto referente as questões de orientação para o ego, com a retirada de uma das questões os resultados de escore foram diminuídos proporcionalmente, ou seja, nos esportes coletivo o escore de ego ficou em 13,41 pontos (era 16,09), nos esportes individuais ficou em 15,94 pontos (era 18,23), resultados estes que nos leva a crer que nos esportes individuais a orientação para o ego é mais elevada, diferença estatisticamente significativa ($p=0,001$); o gênero masculino obteve escore de 14,50 pontos (era 16,95) e o gênero feminino ficou com 16,53 pontos (era 18,90), resultado este também mais elevado, que o gênero masculino, significativamente ($p=0,001$).

Estes resultados corroboram em relação aos esportes coletivos-individuais expressados no Gráfico 05, no entanto, diferem nas questões de gênero, na qual antes da possível retirada da questão 06 (Q6), em ambos os gêneros os resultados de orientação para o ego não se diferenciavam (observe Gráfico 05).

Portanto para-atletas que praticam esportes individuais tem orientação para o ego mais elevada, assim como o gênero feminino também, como visto nos resultados.

TABELA 24: Estatística Descritiva (média, desvio padrão, mediana e escore), referente a Escala TEOSQ Separado por Esporte (coletivo e individual) e Gênero (masculino e feminino).

ORIENTAÇÃO		MEDIA (\pm)	MEDIANA	ESCORE
TAREFA	Coletivo	4,38 (\pm 0,99)	5	30,64
	Individual	4,58 (\pm 0,80)	5	32,03
	Masc.	4,25 (\pm 0,98)	5	31,00
	Fem.	4,71 (\pm 0,62)	5	32,95
	TOTAL	4,31 (\pm 0,85)	5	25,86
EGO	Coletivo	2,68 (\pm 1,01)	3	13,41
	Individual	3,19 (\pm 0,99)	3	15,94
	Masc.	2,90 (\pm 1,98)	3	14,50
	Fem.	3,30 (\pm 1,08)	3	16,53
	TOTAL	3,02 (\pm 1,02)	3	15,09

Portanto, dentro dos desdobramentos efetivados nos passos metodológicos e estatísticos, observando os valores totais referente a orientação para tarefa, média de 4,31 (\pm 0,85), e contextualizando com as questões que compõem o instrumento (TEOSQ), apontamos que a predominância das características dos avaliados estão ligados a trabalhar pela maestria de suas tarefas, ou seja, uma vez condicionados a treinar mais, se esforçar mais e ter consciência de que aprender mais e melhor faz com que seus resultados tenham apontamentos favoráveis no desempenho esportivo buscando sempre motivos relacionados a auto realização.

Estudar esportistas adultos, e de nível competitivo, reflete uma realidade de autossatisfação muito grande por ter acesso a brilhantes para-atletas, que possuem muitas conquistas, e são pioneiros no cenário brasileiro.

No contexto esportivo, ou seja, chegar ao nível atlético, significa que a formação esportiva foi uma etapa superada e que a escolha pelo esporte desejado, visou obter

mais e melhores resultados, além de gostar e se motivar em praticar a modalidade e a melhorar o desempenho esportivo, portanto faz parte do processo de treinamento e participação de competições sistematizada e do treinamento diário que a maioria dos para-atletas estudados apresentou.

A relação esporte e motivação nos remete a algumas questões, principalmente sobre os motivos na qual deve existir alguma coisa que desencadeia uma ação, que lhe dá uma direção, mantém seu curso em direção a um objetivo e a finaliza (WINTERSTEIN, 1992).

Seguindo esta definição o resultado final, pode ser transportado a para-atletas que dominam melhor suas habilidades (possuem uma auto referência em relação às habilidades), pois as aprenderam melhor, treinaram mais e tem consciência deste aspecto, resultado revelado pela orientação para tarefa. Esta orientação se dá com o sentimento de sucesso na realização de uma atividade proposta; o importante é a aprendizagem e não a performance (neste tipo de orientação pensamos que em todos os momentos podemos tirar um aprendizado). Este tipo de para-atletas desprende de boa concentração e melhor atenção durante a pratica, o treinamento e o jogo em que está inserido.

Para-atletas com orientação para tarefa atribuem sucesso à equipe (em esportes coletivos, e nos esportes individuais a equipe é composta pelo técnico e comissão, na qual o sucesso também é dividido), e que participar, em caso de derrota, realmente faz parte do jogo, pois nunca existe o “eu” exclusivo, mas sempre o “nós”.

O perfil destes para-atletas se relaciona com a pirâmide de Maslow (Figura 01), na qual o sucesso está aliado ao esforço, e ter determinação é fazer uso de suas habilidades. Para os para-atletas com perfil de campeões o esporte não é uma via de *status* e o fracasso é considerado falta de esforço e determinação, portanto errar faz parte do aprendizado, corrigir os erros também, como pensar em uma nova testagem, em uma nova competição.

Em contraste, os efeitos das metas do ego foram postulados para contrapor a auto percepção de competência, isto é, metas de orientação de ego foram sugeridos para conduzir a padrões adaptativos de comportamento quando a competência percebida é elevada, enquanto nos casos em que a percepção de competência é baixa, a metas de ego se conduz a um comportamento de má adaptação, quando as dificuldades são encontradas (NICHOLLS, 1984).

Sendo assim pessoas orientadas para o ego, por consequência sempre fazem a comparação de suas habilidades ou desempenho com os outros, diferente das orientadas para tarefa na qual as mesmas fazem referência nas próprias habilidades e seu aprendizado.

Referenciando a Tabela 24 (Estatística descritiva, referente a Escala TEOSQ separado por esporte e gênero), para-atletas de esportes individuais e do gênero feminino apresentaram as medias e escores mais elevados, e no sentido de equilíbrio como citado anteriormente as características da orientação para o ego se dá com o sucesso associado ao individualismo e competitividade, padrões estes relacionados quase sempre aos esportes individuais.

Miranda et al. (2006) relata que quanto maior o nível de rendimento do atleta, este pode tender a um comportamento individual, preocupando-se mais com seu rendimento próprio em detrimento da equipe.

Em relação as mulheres o que pode contribuir, em relação a orientação para o ego, para uma maior elevação da ansiedade está relacionado com o fato da competição ainda ser muito enfatizada para atletas do sexo masculino e a mulher ser muito cobrada quando compete, sendo comparada constantemente aos homens (DE ROSE JR. e VASCONCELOS, 1997). De acordo com Hirota et al. (2006), ultimamente a busca da mulher pelo esporte vem crescendo, juntamente com o seu desempenho e a participação em competições sistematizadas.

Consequentemente, os orientados para o ego, estão preocupados com a derrota para os adversários, caso o fato ocorra. Buscam *status* social, por meio do esporte, caçando popularidade e promoção pessoal. Meios ilícitos para vencer podem ser empregados, e um resultado desta característica pode ser a agressividade, um exemplo deste fenômeno que tem aparecido constantemente nos esportes coletivos são as faltas que acontecem geralmente quando os atletas estão frente a um desafio e parecem não ter habilidade técnica ou vontade para supera lo.

Ainda, neste perfil de orientação para o ego, os para-atletas podem ser menos persistentes, ainda mais tendo em vista a superioridade alheia comparecida em competições anteriores. Este tipo de para-atleta está preocupado com as opiniões alheias sobre seus resultados, podendo assim justificar seus erros frente ao fracasso, ou ainda os justificar pelos fatores externos, ou seja, influência da torcida.

Por fim as características de orientação para o ego poderia refletir uma pratica insustentável desenvolvida na formação esportiva do atleta, uma vez que falta de

interesse, ou treinamentos mal executados ou ainda a falta de persistência fez deste um sujeito incapaz de se auto julgar frente a um desafio, portanto este atleta muitas vezes não sabe dizer se realmente possui um nível de habilidade condizente com a tarefa que vai cumprir, e se errar prefere justificar seu erro pelo acaso, por este motivo procura muitas vezes tarefas que tem níveis de dificuldades mais elevadas, pois o erro é justificável, e por não confiar em suas atitudes.

Orientados para tarefa buscam atividades compatíveis com seu nível de aprendizagem, ou por serem mais persistentes vão procurar realizar variações dentro da tarefa proposta. Por exemplo se colocarmos um atleta com predominância em orientação para tarefa na frente de uma tabela de basquetebol, o mesmo pode arremessar algumas vezes e errar, mesmo assim este terá persistência e paciência para arremessar até acertar a cesta; caso a tarefa (arremesso na cesta) esteja muito difícil, o atleta poderá buscar alternativas para melhorar seu desempenho, tentando se aproximar e diminuir a dificuldade da tarefa, aumentando gradualmente a dificuldade até chegar em um nível mais elevado, ou seja, vai treinar e aprender, daí por diante saberá das possibilidades de execução de diferentes situações, elevando a dificuldade das tarefas.

Orientados para o ego, por sua vez, tentarão algumas vezes e se acertarem poderão dizer que a tarefa era muito fácil, buscando então uma distância muito além do possível, e caso o erro aconteça fica mais fácil justificar o fracasso, por isso tem características relacionadas a ansiedade e elevados nível de tensão, utilizando medidas padronizadas de desempenho, apresentando níveis mais baixos de rendimento.

Conseqüentemente, a experiência que um atleta possui durante a sua formação esportiva pode ser determinante em seu desempenho enquanto atleta de nível competitivo. Desempenhos prévios bem-sucedidos tendem a aumentar a expectativa de êxito e diminuir a expectativa de fracasso na mesma tarefa. É a partir desse desempenho que o indivíduo desenvolve uma ideia da dificuldade da tarefa (WINTERSTEIN, 2002).

Portanto a auto referência, a auto percepção, seus julgamentos e as decisões a serem tomadas podem ser decisivas em momentos competitivos. Desta maneira a busca do auto realização deixa em aberto as possibilidades que um para-atleta tem para conseguir seus objetivos, contudo sabendo de sua capacidade parece ficar mais fácil atingir seus objetivos, por conseguir avaliar sua condição.

De acordo com Nicholls (1989) a variação de alcançar realização das pessoas correspondem a variações no seu modo de entender os contextos que os rodeiam, em especial, quanto ao sentido e função do seu desempenho de atividades, assim, os

pensamentos e as ações de pessoas em certas atividades são expressões racionais de suas metas e realização individuais, de modo que as orientações cognitivas dos indivíduos em relação a uma determinada atividade, possa influenciar a sua motivação para essa atividade.

Outra implicação desta tese é que fazendo uso deste instrumento aqui apresentado para validação, existe a possibilidade, de uma vez, identificada uma elevada orientação para o ego, as atitudes e práticas e dicas oferecidas pelos técnicos e professores tomem um sentido diferenciado, valorizando a aprendizagem, e não o ser melhor sempre.

Durante os treinamentos e práticas esportivas, a ênfase em atividades que desenvolvam a cooperação, a confiança e o sucesso podem conduzir o atleta a buscar a auto superação e aumentar a autoconfiança. A proposta é começar com atividades que ofereçam mais sucesso do que fracassos, atividades que estejam condizentes com a idade dos alunos durante a formação esportiva e que futuramente cumpram com a cobrança no desempenho dentro do esporte de rendimento, indo assim do mais simples para o mais complexo, do menor para o maior e do mais fácil para o mais difícil e complexo.

Ainda assim, deixamos em destaque a possibilidade de um estudo transcultural, ou seja, a aplicação do instrumento em diferentes versões em para-atletas de outros países, com a finalidade de apresentação de mais uma validade do instrumento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo esportivo apresenta uma vasta e ampla aplicabilidade de processos, métodos e avaliações na qual se difundem nos seres humanos em busca de uma melhor performance. Temos visto um processo descontinuado, uma vez que trabalhar com deficientes físicos, nem sempre constitui uma via de acesso completa; estamos querendo dizer que o esporte em suas diferentes e progressivas fases de desenvolvimento e aprendizagem, nem sempre segue as mesmas etapas e períodos em para-atletas, portanto, muitos destes para-atletas tiveram que aprender sem ter vivido o esporte durante a infância. Muitos destes vieram a praticar o esporte após um acontecimento traumático, sendo assim as adaptações foram estruturadas no processo de treinamento, e as tarefas a serem desafiadas foram e vão ser sempre diferentes (devido adaptações), tendo em vista que os casos são únicos e exclusivos, partindo do pressuposto da individualidade biológica.

De acordo com os dados coletados nas três etapas da pesquisa (estudo piloto, estudo completo e teste-reteste) e adotados os devidos tratamentos metodológicos e estatísticos, podemos destacar o adequado e compatível desempenho do instrumento (TEOSQ) que apresentou evidências de validade com resultados estáveis e aceitáveis em relação à consistência interna dos itens do instrumento, possivelmente ainda destacar a possibilidade de alteração em algum item do instrumento, ou ainda a exclusão de algum dos itens do instrumento, como foi realizado neste caso, com a questão 6. No teste concorrente, estabelecendo a correlação com um outro instrumento com finalidades parecidas, os resultados foram satisfatórios, com correlações moderadas e significantes, demonstrando estabilidade no processo concorrente.

Por fim no teste-reteste houve a confirmação dos resultados apresentando assim três fatores: dois que condiziam com a veracidade do que o instrumento se propõe a avaliar (consistência interna e análise fatorial) e um terceiro fator confirmando a possibilidade de retirada da questão que se agrupava em outro fator. Todos os resultados foram também confirmados com o cálculo de consistência interna (Coeficiente *Alfa*), nas três etapas da pesquisa, confirmando a possível retirada da questão.

Por fim o instrumento que se pretendia demonstrar a validade, demonstrou ser fidedigno e válido, sendo assim e possível de ser arbitrado em populações adultas de para-atletas, devido as revisões realizadas e com valores estatísticos confirmatórios

expressivos. Os apontamentos de orientação motivacional destacam que a prevalência dos para-atletas demonstra características de orientação para tarefa, e com expectativa de sucesso, portanto procuram sempre trabalhar mais, são mais determinados, por sua vez e suas deficiências, buscam maneiras para se auto superarem constantemente, e desta maneira nos esportes. Os indivíduos identificados orientação para a tarefa tem a crença de que o trabalho duro e cooperação com seus pares podem levar ao sucesso, resultados estes demonstrados na Paralimpíada Rio 2016.

9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.; SANTOS, M. A. R.; COSTA, A. F. B. Aplicação do coeficiente *Alfa* de *Cronbach* nos resultados de um questionário para avaliação de desempenho da saúde pública. In: **XXX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**. São Carlos, SP, Brasil, 12 a15 de outubro de 2010.

ANDREOLI G. S. Dance, gender and sexuality: a cultural look. **Conjectura**, v. 15, n. 1, p. 107-118, 2010.

ANJOS, R. M. M.; FERREIRA, E. N. G.; SILVA, D. D.; PAULO, L. F. L.; HIROTA, V. B. Goals orientation and pre-competitive stress of Brazilians track and field athletes. **International Journal of Physical Education, Fitness and Sports**, v. 4, n.02, p. 1-9, 2015.

APARICIO, A.; BAZÁN, J. L.; ABDOUNUR, O. Uma revisão de pesquisas sobre avaliação de atitudes e desempenho em relação à estatística no Peru. In: **VII Encontro Paulista De Educação Matemática**. Junho, 9-12, 2014. Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, 2014.

BEBETSOS, E.; ZETOU, E.; ANTONIOU, P. How does parental motivational climate differentiate athletic experience? **Journal of Physical Education and Sport**, v. 4, n. 4, p. 526, 2014.

BIDDLE, S. J. H., WANG, C. K. J., KAVUSSANU, M., & SPRAY, C. M. Correlates of achievement goal orientations in physical activity: A systematic review of research. **European Journal of Sport Science**, v. 3, p.1-20, 2003. Doi: 10.1080/17461390300073504.

BITTAR, D. B.; PEREIRA, L. V.; LEMOS, R. C. A. Sistematização da assistência de enfermagem ao paciente crítico: proposta de instrumento de coleta de dados. **Texto Contexto Enferm**, v. 15, n. 4, p. 617-28, 2006.

BOMPA, T. O. Variations of Periodization of Strength. **Strength & Conditioning Journal**, v. 18, n. 3, p. 58-61, 1996.

BORSA, J. C.; DAMÁSIO, B. F.; BANDEIRA, D. R. Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. **Paidéia**, v. 22, n. 53, p. 423-432, 2012.

BORTOLI, L.; BERTOLLO, M.; ROBAZZA, C. Dispositional goal orientations, motivational climate, and psychobiosocial states in youth sport. **Personality and Individual Differences**, v. 47, n. 1, p. 18-24, 2009.

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. Viajando com a equipe: o papel do psicólogo do esporte. **Motriz**, v.14, n.4, p.513-518, 2008.

BRASIL. Brasil conquista sétimo lugar nas Paralimpíadas de Londres, **setembro. 2012a**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2012/09/brasil-conquista-setimo-lugar-nas-paralimpiadas-de-londres>>. **Acessado em 08 de outubro de 2014.**

BRASIL. Delegação Paralímpica brasileira busca 7ª colocação em Londres, Ago. 2012b. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/08/27/delegacao-paralimpica-brasileira-busca-7a-colocacao-em-londres>>. **Acessado em 01 de Maio de 2013.**

BRITO, M. R. F. Adaptação e Validação de Uma escala de Atitudes em relação à Matemática. **Revista Zetetiké**, 1998.

BURNS, N.; GROVE, S. **Understanding nursing research**. 3ed. Philadelphia: Saunders, 2003.

BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. Estilos de Professores na Promoção da Motivação Intrínseca: Reformulação e Validação de Instrumento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.23 n. 4, pp. 415-422, 2007.

CAMARGO, F. P.; HIROTA, V. B.; VERARDI, C. E. L. Orientação Motivacional na Aprendizagem Esportiva do Futsal na Escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 7, p. 53-52, 2008.

CÁRDENAS, R. N. A motivação como fator psicológico essencial para a eficiência da prática esportiva, 2006 Recuperado em 08 de janeiro, 2011, de: <<http://www.docstoc.com/docs/892401/motivacao-esportiva>>.

CARLIN, M. et al. Estudio de las orientaciones de metas en deportistas universitarios: análisis del género, tipo de deporte y nivel competitivo. **Revista iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte**, v. 4, n. 2, p. 201-216, 2009.

CASTILLO, I.; TOMÁS, I.; BALAGUER, I.; FONSECA, A. M.; DIAS, C.; DUDA, J. L. The Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire: Testing for Measurement Invariance and Latent Mean Differences in Spanish and Portuguese Adolescents. **International Journal of Testing**, v.9, p. 21–32, 2009.

CHAVE, W. M. O clima motivacional nas aulas de Educação Física: uma abordagem sócio – cognitivista. In: Coletâneas **2º CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO – AMERICANO DA FIEP – UNIMEP**, 2º Simpósio Científico Cultural em Educação Física e Esportes Brasil/ Cuba. UNIMEP, Piracicaba, Junho/ 2002.

CHI, L. The relationships of task and ego orientation to intrinsic motivation, extrinsic motivation and motivation among tennis players. In: **IX WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY – Innovations in Sport Psychology: Liking Theory and Practice**. Israel, Julho, 1997.

CID, L.; LOURO, H. Praticar natação é uma paixão ou um sacrifício? Estudo da relação entre o tipo de paixão que o atleta sente pela modalidade e a sua orientação motivacional. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**. v.5, n.1, p. 99-114, 2010.

CHWALOW, A. J. Cross cultural validation of existing quality of life scales. **Patient education and Counseling**, v. 26, 1995.

CICONELLI, R. M. Tradução Para o Português e Validação do Questionário Genérico de Avaliação de Qualidade de Vida “Medical Outcomes Study 36 – Item Short – From Health Survey (SF – 36). São Paulo, 1999. **Dissertação de Mestrado**, UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo.

CORRER, C. J. et al. Translation to Portuguese and validation of the Diabetes Quality of life measure (DQOL-Brazil). **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 52, n. 3, p. 515-522, 2008.

CORRER, C. J. et al. Satisfação dos usuários com serviços da farmácia: tradução e validação do Pharmacy Services Questionnaire para o Brasil Patient satisfaction with pharmacy services: translation and validation of the Pharmacy Services. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 1, p. 87-96, 2009.

CORREIA-UFRJ, C. A. J. Tornar-se atleta: uma discussão acerca da escolarização de jovens esportistas no rio de janeiro. **ANAIS I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS JUVENIS: diminuindo a distância entre narradores e pesquisadores**. De 05 a 8 de Novembro de 2012.

CASSEPP-BORGES, V., BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, L. **Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas** (pp. 506-520). Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSTA, C. E.; HIROTA, V. B.; DE MARCO, A. Motivational goals orientation in Physical Education classes of elementary education. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 15, n. 2, p. 167-171, 2015.

COSTA, V. T.; GOMES, C. M. A.; ANDRADE, A. G. P.; SAMULSKI, D. M. Validação das propriedades psicométricas do RESTQ-Coach na versão brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.2, p.218-232, abr./jun. 2012.

CRONBACH, L. J.; NETO, C. A. S.; VERONESE, M. A. V. **Fundamentos da testagem psicológica**. Artes Médicas, 1996.

CRUZ, D. A. Os diagnósticos de enfermagem no ensino e na pesquisa. **Rev Esc Enfermagem USP**, dezembro; v.26, n.3, p.427-34, 1992.

CRUZ, J. F. A. Características, competências e processos psicológicos associados ao sucesso e ao alto rendimento desportivo. **Manual de psicologia do desporto**, p. 147-172, 1996.

DANTAS, M.G.S.; SILVA, J.A.; BOENTE, D.R. Detecção de Outliers no Desempenho Econômico-Financeiro do Sport Club Corinthians Paulista no Período 2008 a 2010. **Revista Ambiente Contábil – UFRN – Natal-RN**. v. 3. n. 2, p. 17 – 33, jul./dez. 2011.

DE ROSE JR., D.; VASCONCELOS, E. G. Ansiedade-traço competitiva e atletismo: um estudo com atletas infanto-juvenis. **Revista Paulista de Educação Física São Paulo**, v. 6, p. 148-154, 1997.

DUDA, J. L. Motivation in Sport Settings: A Goal Perspective Approach. In ROBERTS, G. C. **Motivation in Sport and exercise**. Illinois: Human Kinetics Books, 1992.

DUDA, J. L. Goals: a social cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: SINGER, R. N.; MURPHY, M; TENNANT, L. K. (Eds.). **Handbook on research in sport psychology**. New York: MacMillan, 1993.

DUDA, J., CHI, L., NEWTON, M., WALLING, M. & CATLEY, D. Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport. **International Journal of Sport Psychology**, v.26, n.1, p.40-63, 1995.

DUDA, J. L.; WHITEHEAD, J. Measurement of Goal Perspectives in the Physical Domain. In DUDA, J. L. (editor). **Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement**. Fitness Information Tecnology, 1998.

FARIA, T. G. Análise comparativa do nível de motivação intrínseca de atletas de ambos os sexos, participantes de esportes individuais e coletivos, com diferentes níveis de experiência. **Dissertação de mestrado**, Universidade Federal do Paraná, 2004.

FERNANDES, H.; SÉNICA, L.; MOREIRA, M.; Caracterização das atitudes desportivas e orientações motivacionais em jovens hoquistas. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO DESPORTO**. Portugal, Porto, Maio de 2004.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JR., J. A. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. **Opinião Pública**, Campinas, v.16, n.1, p. 160-185, 2010.

FLORES, J.; SALGUERO, A.; MÁRQUEZ, S. Goal orientations and perceptions of the motivational climate in physical education classes among Colombian students. **Teaching and Teacher education**, v. 24, n. 6, p. 1441-1449, 2008.

FONSECA, A; BALAGUÉ, G. Avaliação dos Objectivos de realização no futebol juvenil de competição: comparação entre TEOSQp e POSQp. In: FONSECA, A. M. (ed.) **Estudos sobre motivação. Faculdade de Ciências do Desporto**, 2001.

FONSECA, A. M.; BRITO, A. P. Estudo exploratório e confirmatório à estrutura factorial da versão portuguesa do Perception of Success Questionnaire (POSQ). **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.1, n.3, 2001.

GONÇALVES, L. H. T.; MELLO, A. L. S. F.; ZIMERMANN, K. Validação de instrumento de avaliação das condições de saúde bucal de idosos institucionalizados. **Esc. Anna Nery**, v.14, no.4, Rio de Janeiro Oct./Dec., 2010.

GUEDES, D. P.; SILVÉRIO NETTO, J. E. Motivos para a prática de esportes em atletas jovens e fatores associados. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 24, n. 1, p. 21-31, 1. trim. 2013. DOI: 10.4025/reveducfis.v24.1.14695.

GUILLEMIN, F, BOMBARDIER, C, BEATON, D. Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: Literature review and proposed guidelines. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 46, p.1417-1432, 1993.

GUIRARDELLO, E. B. Adaptação cultural e validação do instrumento demandas de atenção dirigida. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 39, n. 1, p. 77-84, 2005.

HAIR, Jr.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Multivariate Data Analysis**. 6ª edição. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2006.

HAIR, J. F., et al. **Multivariate Data Analysis: A Global Perspective**. 7th ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2009.

HAMBLETON, R. K. Issues, designs, and technical guidelines for adapting tests into multiple languages and cultures. In: HAMBLETON, R. K.; MERENDA, P. F.; SPIELBERGER, C. D. (Eds.), **Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment** (pp.3-38). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005.

HARTER, S. The development of competence motivation in the mastery of cognitive and physical Skills: Is there still a place for joy? In: C. H. NADEAU (Ed.), **Psychology of Motor Behaviour and Sport** Champaign, IL: Human Kinetics, p. 3–29, 1981.

HIROTA, V. B.; DE MARCO, A. Identificação do clima motivacional em escolas públicas e particulares na aprendizagem esportiva no futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n.5, p.415, 2006.

HIROTA, V. B.; SCHINDLER, P.; VILLAR, V. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes do futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5 n. especial, p. 135-142, 2006.

HIROTA, V. B.; TRAGUETA, V. A. Verificação Do Clima Motivacional Em Atletas Femininas Do Futsal: Um Estudo Com O Questionário De Orientação Para Tarefa Ou

Ego (Teosq). **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, p. 207-213, 2007.

HIROTA, V. B.; DE MARCO, A.; VERARDI, C. E. L. Avaliação da Orientação Motivacional de Jovens Atletas no Futebol de Campo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 8, p. 35-37, 2009.

HIROTA, V. B.; VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Motivation in the Selection Process of talent in soccer. In: **13 FEPSAC - EUROPEAN CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY**, 2011, Ilha da Madeira - Portugal. Sport and Exercise Psychology: Human Performance, Well-being and Health, 2011a.

HIROTA, V. B.; HAYASHI, D. H.; DE MARCO, A.; VERARDI, C. E. L. A influência da orientação motivacional durante o treinamento de atletas iniciantes no tênis de campo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 10, p. 11-20, 2011b.

HIROTA, V. B.; VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Orientação motivacional de metas na modalidade do basquetebol. **Educação Física em Revista (Brasília)**, v. 6, p. 1-9, 2012.

HIROTA, V. B.; SOUSA, F. A. X.; PIRES, S.; SOUZA, C. Etapas preliminares de validação do instrumento de motivação para praticantes de ballet e jazz. **Educação Física em Revista (Brasília)**, v. 7, p. 46-55, 2013.

HIROTA, V. B. Goal's orientation of Brazilians skateboarders. **Journal of Physical Education and Sport Management**, v.5, n.1, p.1-4, 2014. Doi: <<http://dx.doi.org/10.5897/JPESM2012.0158>>.

HIROTA, V. B.; DE FRANÇA, E.; PAULO, L. F. L.; AYALA, C. O.; ADAMI, F. Goal's orientation of Brazilian s military police cadets. **Scholars Journal of Arts, Humanities and Social Sciences**, v. 2, p. 779-781, 2014.

HIROTA, V. B.; TOURI, A. F.; FERREIRA, M. V. S.; LEITE, P. S. Goal's orientation of Brazilian's youngsters school's sports players. **International Journal of Physical Education, Sports and Health**, v. 1, p. 1-5, 2014a.

HIROTA, V. B.; RODRIGUES, S.; SAETA, B. R. P. Motivation instrument first-testing on Brazilian's Rugby players. **The International Journal of Social Sciences and Humanities Invention**, v. 1, p. 510-517, 2014b

HIROTA, V. B.; DINIZ, D. V.; SILVA, M. R.; LIMA, R. O.; VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Initial Stages of Attitude's Instrument Adaptation to Brazilian Sports Competitions. **International Journal of Physical Education, Sports and Health**, v. 1, p. 10-13, 2014c.

HIROTA, V. B.; AMURIM, E. S. S.; LUNA, F. O. S.; BRAZ, L.; LOPES, K. C. Achievement Goals Orientation of Brazilian Participants of a Dance Festival. **International Journal of Sports and Physical Education**, v. 1, p. 29-34, 2015.

HIROTA, V. B.; ANJOS, R. M. M.; FERREIRA, E. N. G.; DE MARCO, A. The first test of attitudes instrument for sports competition in athletics. **Journal of Physical Education Research (JOPER)**, v. 3, p. 10-17, 2016.

HUFFMAN, K.; VERNON, M.; VERNON, J. **Psicologia**. São Paulo: Atlas, 2003.

International Test Commission (ITC). **International Test Commission guidelines for quality control in scoring, test analysis, and report of test scores**, 2011. Recuperado em 25 Outubro de 2016, de <https://www.nite.org.il/files/QC_Guidelines.pdf>.

KIM, B. J.; SEONG, C- H. Participation motivation, enjoyment, and stress in korean youth sport. In: **Ix World Congress of Sport Psychology – Innovations In Sport Psychology: Liking Theory and Practice**. Israel, Julho, 1997.

KLAIN, I. P.; CID, L.; MATOS, D. G.; HICKNER, R. C.; MOUTÃO, J. Motivational climate, goal orientation and exercise adherence in fitness centers and personal training contexts. **Motriz**, Rio Claro, v.20, n.3, p.249-256, July/Sept. 2014.

LOPEZ-WALLE, J., TRISTAN, J., TOMAS, I., CASTILLO, I., BALAGUER, I. Invarianza factorial del teosq en jóvenes deportistas mexicanos y españoles. **Mexican Psychology Journal**, 28(1), 2011.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Edgard Blucher LTDA., 1984.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução de Pesquisa, Amostragem e Técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTENS, M.; WEBBER, S. N.. Psychometric Properties of the Sport Motivation Scale: An Evaluation With College Varsity Athletes From the U. S. **Journal of Sport and Exercise psychology**, Phoenix, v. 24, n. 3, 2002.

MARTIN, J. J.; GILL, D. L. Competitive orientation, self-efficacy and goal importance in filipo marathoners. **Int J Sport Psychol**. v.26, p.348-58, 1995.

MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T. Qual a fiabilidade do *Alfa* de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? **Laboratório de Psicologia**, v. 4, n.1, p. 65-90, 2006.

MIRANDA, R.; BARA FILHO, M.; NERY, L. C. P. Orientação tarefa-ego em nadadores: comparações de gênero e níveis de performance. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, v.0p. 68-82, 2006.

MUKAKA, M. M. A guide to appropriate use of Correlation coefficient in medical research. **Malawi Medical Journal**, v. 24, n. 3, p. 69-71, 2012.

MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

NERI, A. L. O Inventário Sherpard para Medida de Atitudes em Relação à Velhice e sua Adaptação para o Português. **Estudos de Psicologia**, n. 1 e 2, Abril – Agosto, 1986.

NEWTON, M.; DUDA, J. L. Elite adolescent athletes' achievement goals and beliefs concerning success in tennis. **Journal of Sport and Exercise psychology**, v. 15, p. 437-437, 1993.

NICHOLLS, J. G. Achievement motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. **Psychological Review**, n. 91, 1984.

NICHOLLS, J. G. Conceptions of ability and achievement motivation. In: AMES, R.; AMES, C. (Eds.). **Research on Motivation in education. Student Motivation**, v. 01. New York: Academic Press, 1989.

OLIVEIRA, S. R. S. et al. Futebol feminino de competição: uma análise das tendências do comportamento das mulheres/atletas em competir, vencer e estabelecer metas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 209-218, sep. 2006. em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16628>>. Acesso em: 05 oct. 2016. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092006000300006>>.

ORIÁ, M. O. B. Tradução, adaptação e validação da breastfeeding self-efficacy scale: aplicação em gestantes. **Tese de Doutorado** Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, 2008

ORIÁ, M. O. B.; XIMENES, L. B. Tradução e adaptação cultural da Breastfeeding Self-Efficacy Scale para o português. **Acta Paul Enferm**, v.23, n.2, 2010.

PALLANT, J. SPSS Survival Manual. Open University Press, 2007.

PAPAIOANNOU, A. G., ZOURBANOS, N., KROMMIDAS, H., & AMPATZOGLU, G. The place of achievement goals in the social context of sport: A critique of the trichotomous and 2 9 2 models, 2012. In G. Roberts & D. Treasure (Eds.), **Motivation in sport and exercise** (3rd ed., pp. 59–90). Champaign, IL: Human Kinetics, 2012.

PASQUALI, L. Princípios de elaboração de escalas psicológicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 25, n. 5, p. 206-213, 1998.

PASQUALI, L. **Instrumentos Psicológicos: Manual prático de elaboração**. Brasília: LAPAM; IBAPP, 1999.

PASQUALI, L. **Técnicas de exame psicológico volume i: fundamentos das técnicas psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PASQUALI, L. Psicometria. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. spe, p. 992-999, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000500002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 out. 2016. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>>.

PEDHAZUR, E. J. Multiple regression and behavioral science. **Explanation and Prediction**, v. 2, 1982.

PELLETIER, L. G., FORTIER, M., VALLERAND, R. J., BRIÈRE, N. M., TUSON, K. M.; BLAIS, M. R. The Sport Motivation Scale (SMS-28). **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.17, 35-53, 1995.

PEREIRA, C. S.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Qual o significado do trabalho para as pessoas com e sem deficiência física? **PsicoUSF**, Itatiba, v. 13, n. 1, p. 105-114, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2016.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2008.

PIRES, P. S. tradução para o português e validação de instrumento para triagem de pacientes em serviço de emergência: Canadian Triage and acuit Sacale (CTAS). **Tese**

de Doutorado apresentada a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2003.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. ed., Porto Alegre, artes Médicas, 1995.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Essentials of nursing research: methods, appraisal and utilization**. Filadélfia: Lippincott – Ravens, 1997.

POPE, C.; MAYS, N. Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health services research. **BMJ**, v.311, (6996):42-5, 1995.

RABELO, E. R. et al. Cross-cultural adaptation and validation of a disease knowledge and self-care questionnaire for a Brazilian sample of heart failure patients. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 277-284, 2011.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v.19, n.3, p.60-69, 1999. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Oct. 2016. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931999000300007>>.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole, 2002.

SANTOS, G. E. O. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: [02 de Março de 2015)].

SMITH, A.; BALAGUER, I.; DUDA, J. Goal orientation profile differences on perceived motivational climate, perceived peer relationships, and motivation-related responses of youth athletes. **Journal of Sports Sciences**, v.24, n.12, 1315-1327, 2006.

STAVROU, N. A. M et al. Flow theory–goal orientation theory: positive experience is related to athlete’s goal orientation. **Frontiers in psychology**, v. 6, 2015.

TABACHNICK, B.; FIDELL, L. **Using multivariate analysis**. Needham Heights. Allyn & Bacon, 2007.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VEALEY, R. S. Personality and sport: a comprehensive view. In: T. S. Horn (*Ed.*) **Advances in sport psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1992.

VALLERAND, R. J., DECI, E. L. & RYAN, R. M. Intrinsic motivation in sport. **Exercise and Sport Science Reviews**, v.15, p.389-425, 1987.

VIANA, D. F. W.; MEZZAROBA, C. O esporte de alto rendimento faz mal à saúde? uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. **Motrivivência**, n. 41, p. 190-205, 2013.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1995.

WEITEN, W. **Introdução a Psicologia: temas e variações**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). World Medical Association Declaration of Helsinki, Ethical Principles for Medical Research Involving Human Subjects. **Bulletin of the World Health Organization**, v.79, n.4, 2012.

WINTERSTEIN, P.J. Motivação, Educação Física e Esportes. **Revista Paulista de Educação Física e Esporte**, v. 06, n.01, Janeiro - Junho/ 1992.

WINTERSTEIN, P.J. A Motivação para a Atividade Física e para o Esporte. In: DE ROSE JR., Dante. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZAMARRIPA, J. et al. Creencias implícitas y orientaciones de meta de jugadoras mexicanas de sóftbol elite (Implicit beliefs and goal orientations in Mexican elite softball players). **Retos**, v. 30, p. 184-188, 2016.

ZAMBRIN, L. F. et al. Análise do comportamento competitivo de atletas jovens e adultos de handebol. **Rev. bras. educ. fis. esporte**, São Paulo , v. 30, n. 2, p. 505-513, June 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092016000200505&lng=en&nrm=iso>. access on 05 Oct. 2016. Doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092016000200505>>.

ZOURBANOS, N.; PAPAIOANNOU, A; ARGYROPOULOU, E.; HATZIGEORGIADIS, A. Achievement goals and self-talk in physical education: The moderating role of perceived competence. **Motivation and Emotion**, v. 38, n. 02, p. 235–251, 2014. Doi: <<http://dx.doi.org/10.1007/s11031-013-9378-x>>.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: Modelo Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE COSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO TASK AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE (TEOSQ) PARA PARA-ATLETAS BRASILEIROS

Prezado Para-atleta

Gostaríamos de convidá-lo a participar do projeto de pesquisa “validação de instrumento de motivação para para-atletas brasileiros” que tem o objetivo validar e normatizar o instrumento TEOSQ em para-atletas e atletas Paralímpicos brasileiros, assim como estabelecer o nível de orientação motivacional dos mesmos. A coleta de dados deste estudo será feita por meio de três questionários: o primeiro Questionário de identificação; o segundo questionário intitulado de TEOSQ - Questionário do Esporte de Orientação para Tarefa ou Ego e o terceiro intitulado de POSQp - Questionário Sobre a Percepção do Sucesso no Desporto; todos os instrumentos são auto aplicáveis e o tempo aproximado de resposta de cada um é de 5 minutos, totalizando não mais que 20 minutos. Estes instrumentos serão respondidos por para-atletas e atletas Paralímpicos brasileiros. O Questionário de identificação pretende identificar a situação atual dos atletas e suas possíveis metas enquanto praticante de determinada modalidade esportiva, bem como sua principal meta e objetivos em sua carreira esportiva; o questionário TEOSQ, estruturado e dividido em 2 domínios com 13 questões numa escala de cinco pontos que variam de [5] concordo totalmente a [1] discordo totalmente, pretende avaliar a orientação motivacional, e o questionário POSQp também dividido em 2 domínios com 12 questões numa escala de cinco pontos que variam de [5] concordo totalmente a [1] discordo totalmente, pretende avaliar a auto percepção de sucesso dos para-atletas. Estes questionários serão entregues pelo Pesquisador Responsável e tanto o instrumento de coleta de dados quanto o contato interpessoal oferecem riscos mínimos aos participantes.

Garantia de acesso: Em qualquer etapa do estudo os participantes terão acesso ao Pesquisador Responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas. O Principal pesquisador é o Professor Mestre Vinicius Barroso Hirota – Universidade Presbiteriana Mackenzie, Telefone: (11) 3555 2131, localizado a Av. Mackenzie, 905, Barueri – SP, cep: 06460-130. As informações coletadas serão analisadas em conjunto com a de outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade das questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes (apenas o Pesquisador Responsável terá acesso a essa informação), bem como a identificação do local da coleta de dados. A participação é voluntária, não oferecendo nenhum benefício, bem como nenhum prejuízo de qualquer espécie e/ ou origem aos participantes e fica garantida total liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer período da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo para sua pessoa. A pesquisa oferece riscos mínimos a saúde, uma vez que implica somente em responder aos questionários e fica também garantido ao participante da pesquisa a não colocação do mesmo em situação que venha colocar em dúvida sua integridade física, e ônus ocasionado pela sua participação. Ademais, informamos que a participação nesse estudo não implica em despesas ou custos nenhum ao voluntário, e os dados obtidos servirão para eventuais trabalhos científicos.

Caso a Instituição tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Escola Superior de Educação Física de Jundiaí: Rua Rodrigo Soares de Oliveira, s/n – Anhangabaú, CEP: 13208-120, Telefone: (11) 4805-7955. Desde já agradecemos a sua colaboração.

Após ler atentamente e compreender as informações citadas, eu _____, portador do RG _____ concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Declaro que expliquei ao Responsável pela Instituição os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos/desconfortos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

São Paulo, _____ de _____ de 2015.



Prof. Ms. Vinicius B. Hirota
Av. Mackenzie, 905 – SP, Telefone
(11) 3555-2131
vhirota@mackenzie.br
Universidade Presbiteriana Mackenzie

APÊNDICE 02: Questionário Identificação de Para-atleta (QIPara)

IDENTIFICAÇÃO _____ Data: ____/____/____
 clube: () privado () publico

QUESTIONÁRIO INICIAL DE IDENTIFICAÇÃO

A1. Qual seu nome completo:

A2. Qual sua idade: _____ anos completos;

Data de nascimento ____ (dia)/ ____ (mês)/ ____ (ano)

A3. Local de nascimento (Cidade/ estado):

A4. Local de treinamento (Cidade/ estado):

A5. Qual a sua escolaridade?

A6. Há quanto tempo prática esporte?

A7. Qual a modalidade que você pratica? _____

Tempo que pratica a modalidade? _____

A8. Qual o seu nível de classificação funcional?

Em que ano foi avaliado?

A9. Quantas vezes por semana você se dedica ao treinamento?

() 1X () 2X () 3X () 4X () 5X () 6X () 7X

A10. Quantos períodos por dia você se dedica ao treinamento?

() Manhã () Tarde () Noite

A11. Em quantos clubes, entidades, associações, etc., já treinou?

A12. Já praticou ou prática outra modalidade além desta atual? () Sim () Não

Qual?

A13. Com quantos anos se profissionalizou?

A14. Você já foi convocado para a seleção brasileira Paralímpica? () Sim () Não

Quantas vezes? _____

A15. Você já foi a alguns jogos Para Pan-americano? () Sim () Não

Qual? _____

A16. Você já foi a alguma Paralimpíadas? () Sim () Não
Qual _____

A17. Você já participou de competições não oficiais (municipais, estaduais, etc.) () Sim () Não
Qual? _____

A18. Qual a sua PRINCIPAL META enquanto atleta?

A18. Você gosta de competir? () Sim () Não
Por que? _____

Atribua uma nota de 0 a 10 para as perguntas a seguir, nas quais 0 significa muito fácil e 10 extremamente difícil:

A18. Qual grau de dificuldade você atribui a sua PRINCIPAL META:
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A19. O quanto você acredita que o treinamento é importante para você:
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A20. O quanto você acredita que a competição é importante para você:
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A21. O quanto você se preocupa com seus adversários:
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A22. Se você não fosse atleta o que gostaria de ser?

A23. Qual sua situação conjugal (*últimos 12 meses*):
1 () casada ou morando junto (marido residente)
2 () casada ou morando junto (marido não residente nos últimos 12 meses)
3 () solteira, nunca esteve casada
4 () viúva
5 () separada ou divorciada (*a no mínimo 13 meses*)
6 () Outros (descreva) _____

A24. Você recebe salário para treinar? () Sim () Não
Quem paga seu salário:

APÊNDICE 03: Proposta de Versão final do TEOSQ

Por favor, leia cada um dos itens listados abaixo e indique o quanto você concorda com cada um deles, circulando a resposta que você acha apropriada.					
as respostas indicam:					
1-nunca; 2-poucas vezes; 3-algumas vezes; 4-muitas vezes; 5-sempre.					
Quando você tem mais <i>SUCESSO</i> no esporte que você pratica/treina/joga? Ou seja, quando Você sente que a sua <i>PRÁTICA</i> foi realmente boa para você.					
<i>Eu me sinto o(a) mais bem sucedido(a) no ESPORTE que pratico/ treino quando...</i>					
Eu sou o(a) único(a) habilidoso(a) para praticar/treinar/jogar	1	2	3	4	5
Eu aprendo um novo movimento/ técnica e isso me faz querer praticar/treinar/jogar mais	1	2	3	4	5
Eu pratico/treino/jogo melhor do que meus(minhas) amigos(as)	1	2	3	4	5
O(a) Técnico(a)/ Professor(a) me ensina algo legal e divertido no treino/pratica/jogo	1	2	3	4	5
Eu pratico/jogo melhor quando me esforço mais no treino	1	2	3	4	5
Os(as) outros(as) não praticam/treinam/jogam tão bem quanto eu	1	2	3	4	5
Eu realmente me esforço muito na prática/treino/jogo	1	2	3	4	5
marco a maioria dos pontos/gols/marcas/melhor tempo	1	2	3	4	5
Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar/treinar/jogar mais	1	2	3	4	5
Eu sou o(a) melhor no esporte/treino/prática	1	2	3	4	5
Aprender um novo movimento/jogada/técnica me faz sentir bem	1	2	3	4	5
Eu sempre faço o melhor que posso	1	2	3	4	5
MUITO OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!!!!					

ANEXOS

ANEXO 01: Instrumento TEOSQ**TRADUÇÃO DA ESCALA TEOSQ.**

Título do Teste:

TEOSQ – Questionário do Esporte de Orientação para Tarefa ou Ego.

AUTORA DO TESTE

Joan L. Duda

Sentido:

Por favor, leia cada uma dos itens listados abaixo e indique o quanto você concorda com cada uma delas, circulando a resposta apropriada.

Quando você se sente o mais bem sucedido no esporte? Ou seja, quando você sente que uma atividade esportiva foi realmente boa para você?

Eu me sinto o mais bem sucedido no esporte quando...

1.Eu sou o único habilidoso para jogar (E1)	1 2 3 4 5
2.Eu aprendo uma nova jogada e isso me faz querer jogar mais (T1)	1 2 3 4 5
3.Eu jogo melhor do que meus amigos (E2)	1 2 3 4 5
4.Os outros não jogam tão bem quanto eu (E3)	1 2 3 4 5
5.Eu aprendo alguma coisa legal de fazer (T2)	1 2 3 4 5
6.Os outros bagunçam e eu não (E4)	1 2 3 4 5
7.Eu jogo melhor quando treino mais (T3)	1 2 3 4 5
8.Eu realmente me esforço muito no treino (T4)	1 2 3 4 5
9.Eu marco a maioria dos gols.(E5)	1 2 3 4 5
10.Aprender coisas novas faz com que eu queira praticar e jogar mais (T5)	1 2 3 4 5
11.Eu sou o melhor (E6)	1 2 3 4 5
12.Aprender uma nova jogada me faz sentir bem (T6)	1 2 3 4 5
13.Eu faço o melhor que posso (T7)	1 2 3 4 5

Muito obrigado pela colaboração!!!

As respostas indicadas em um tipo “Likert” 5 (cinco) pontos na qual 1 = discordo muito, 2 = discordo, 3 = neutro, 4 = concordo e 5 = concordo muito. Contagem média da escala para a orientação do ego = (E1 + E2 + E3 + E4 + E5 + E6)/6. Contagem média da escala para a orientação da tarefa = (T1 + t2 + T3 + T4 + T5 + T6 + T7)/7.

Duda et al., 1992.

ANEXO 02: Instrumento POSQp

Escala de Auto Percepção de Sucesso no Esporte

Autores

FONSECA, A; BALAGUÉ (2001)

Instrução de Preenchimento:

Neste Questionário pedimos que indique a sua opinião sobre o significado do sucesso no esporte. Não há respostas certas ou erradas. O que importa é que indique o que pensa com sinceridade. Para cada uma das situações abaixo descritas, circule ou marque um “x” no número que melhor refletir o que sente a respeito da situação.

As opções das respostas são as seguintes: 1= Discordo completamente; 2= Discordo; 3= Nem concordo, Nem discordo; 4= Concordo; 5= Concordo totalmente

Ao praticar esporte, me sinto mais bem sucedido quando....

- | | |
|--|-----------|
| 1.sou muito superior | 1 2 3 4 5 |
| 2. ...atinjo meu objetivo | 1 2 3 4 5 |
| 3. ...mostro as outras pessoas que sou melhor | 1 2 3 4 5 |
| 4. ...atinjo objetivos pessoais | 1 2 3 4 5 |
| 5. ...ganho | 1 2 3 4 5 |
| 6. ...ultrapasso dificuldades | 1 2 3 4 5 |
| 7. ...derroto outras pessoas | 1 2 3 4 5 |
| 8. ...demonstro clara melhoria em meus rendimentos | 1 2 3 4 5 |
| 9. ...rendo ao nível máximo de minhas possibilidades | 1 2 3 4 5 |
| 10. ...sou o melhor | 1 2 3 4 5 |
| 11. ...trabalho duro | 1 2 3 4 5 |
| 12. ...rendo mais que meus adversários | 1 2 3 4 5 |

Muito obrigado pela colaboração!!!

ANEXO 03: Cópia do Parecer Circunstanciado de Aprovação do Comitê de Ética

ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DE
JUNDIAÍ - ESEFJ

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO "TASK AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE" (TEOSQ) PARA PARA-ATLETAS BRASILEIROS **Pesquisador:** Vinicius Barroso Hirota **Área Temática:**

Versão: 1

CAAE: 45496615.2.0000.5396

Instituição Proponente: Escola Superior de Educação Física de Jundiaí - ESEFJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.116.194

Data da Relatoria: 12/06/2015

Apresentação do Projeto:

Este projeto apresenta grande relevância científica em pesquisa com portadores de deficiência, pois atualmente a inclusão de pessoas portadoras de deficiência tem se mostrado uma crescente no universo do esporte adaptado. Tendo em vista que será realizado no Brasil à 15ª edição do Jogos Paralímpicos - Rio 2016, desta maneira os para-atletas devem estar motivados para a prática esportiva, para as competições e sobretudo para a superação frente as derrotas ou na manutenção da vitória.

Objetivo da Pesquisa:

O Objetivo geral desta pesquisa é validar o instrumento de motivação Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ) para a população brasileira de para-atletas e atletas Paralímpicos deficientes físicos, ainda sim pretende-se normatizar o instrumento para para-atletas, testar propriedades psicométricas (validade, fidedignidade e reprodutibilidade), estabelecer escore e notas de corte referente ao instrumento estudado, descrever o nível de motivação (tarefa e ego) e comparar o tipo e nível de motivação de para-atletas com a de atletas Paralímpicos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Por ser uma pesquisa que irá utilizar questionários em seu desenvolvimento, oferece riscos mínimos a saúde, uma vez que implica somente em responder aos questionários e fica também garantido ao participante da pesquisa a não colocação do mesmo em situação que venha colocar em dúvida sua integridade física, e quanto aos benefícios a participação é voluntária, não oferecendo nenhum benefício, bem como nenhum prejuízo do tipo financeiro aos participantes e fica garantida total liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer período da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo para sua pessoa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto visa validar um questionário do tipo likert, chamado Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ) que podemos traduzir como Questionário

de Orientação para Tarefa ou Ego na qual o indivíduo julga seu nível de competência. Demonstra ser um projeto bem escrito metodologia bem detalhada e de baixo risco ao participante da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE contém todos os itens necessário para a informação do participante, como os detalhamentos da pesquisa e metodologia, riscos e benefícios, sigilo, contatos do pesquisador principal e comitê de ética, reembolso e garantia de retirar-se da pesquisa, caso o participante assim deseje.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências à considerar.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP: Prezado Prof^o.

Ms. Vinicius Barroso Hirota

Seu projeto " VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE MOTIVAÇÃO "TASK AND EGO ORIENTATION IN SPORT QUESTIONNAIRE" (TEOSQ) PARA PARA-ATLETAS BRASILEIROS", foi aprovado por este comitê ao que se refere à análise fatorial exploratória e reteste. Gostaríamos de parabeniza-lo pelo excelente projeto, e desejamos sucesso.

Att

Prof. Raphael da Silva

Coordenador

Continuação do Parecer: 1.116.194

Página 02 de

JUNDIAI, 21 de Junho de 2015

**Assinado por:
Raphael da Silva
(Coordenador)**